



HAILEY EDWARDS

EVERLONG



Dedicatória

Para Michael e Chickaboo. Vocês dois (quase nunca) se queixam de quando o jantar está atrasado, queimado ou frio só para que eu pudesse terminar de escrever uma idéia.

Para Papai. Seu apoio e incentivo significam muito para mim. Mãe, eu prometo um dia escrever um livro onde as coisas estão explodindo apenas para você.

Para Cait, a mulher que é o meu braço-direito, e minha querida amiga, Melanie.

Capítulo Um

Região de Askara, Cidade de Rihos

O impacto sacudiu meus ossos devido ao rápido chute de Emma, que introduziu minhas costas no chão do pátio. Minha cabeça bateu estupidamente contra o chão, batendo os dentes sobre a língua e enchendo a minha boca com uma explosão fresca de líquido acobreado.

Através da poeira gerada pelo nosso embate, suas sobrancelhas ficaram unidas sobre os graves olhos azuis.

Nós não tínhamos laços de sangue, mas ela era minha irmã de todas as maneiras que importava.

— Você ganhou. — Uma dor aguda esfaqueava os meus pulmões a cada curta inspiração. — Eu acho que algo está quebrado. — Eu reprimi o lamento da minha voz antes que ela ouvisse também.

— Maddie, esta é a terceira vez essa semana. — O bastão de treinamento caiu de suas mãos na terra com um baque oco.

Eu assisti o bastão rolar para fora de seu alcance e respirei mais aliviada.

Ela caiu no chão duro ao meu lado e cravou os joelhos no meu lado machucado. Outro choro forçou seu caminho para fora de meus lábios machucados. — Pare de choramingar. — Emma avançou mais. — Não é tão ruim assim. O osso nem sequer rompeu a pele desta vez. Basta agüentar firme por um minuto.

Suas sobrancelhas se juntaram novamente enquanto ela caminhava seus dedos em meu peito, traçando as linhas de cada costela da base à ponta. Abaixo da metade do meu esterno, eu assobieei, — É esse aí.

Ela agiu como se não tivesse me ouvido e tocou a ferida com a ponta da unha.

— Você quer dizer esse?

Tap. — Esta costela bem aqui?— *Tap. Tap.*

A dor explodiu em vermelho atrás dos meus olhos.

— Cutuque-me com o seu dedo mais uma vez e eu juro por Zaniah, eu vou arrancá-lo de sua mão.

Um dos lados da sua boca moveu-se estranhamente para cima em um sorriso irônico. — Se você tivesse a coragem de fazer isso, eu talvez ficasse com medo. — Seu olhar me varreu da cabeça aos pés. — Mas você não tem. — Macios caracóis saltavam em torno do rosto. —Você é patética. A primeira mulher nascida de duas casas demoníacas e você é mais fraca do que um gatinho.

O insulto foi tão inesperado, tão brutal, que eu não consegui pensar em nada além. Eu não registrei a decisão do meu cérebro de dar um soco em Emma, então eu não tenho certeza de qual de nós ficou mais surpresa de encontrar o meu punho plantado em seu rosto. A cartilagem esmagada sob os meus dedos e o sangue escorrendo de seu nariz como uma peneira. Minha boca se abriu em uma arfada.

— Se você disse que sente muito, — ela resmungou, — Eu vou enfiar sua costela para dentro do seu pulmão para você. É hora de você começar a bater por si mesma.

Eu abri meus próprios dentes em um sorriso manchado de sangue e rolei o ombro que ela havia deslocado antes.

— Eu ia perguntar se você poderia sangrar em outro lugar. Você está me encharcando.

Seus lábios cor de rosa pálido estavam pintados de vermelho e inchados, muito igual aos meus. Ela cuspiu no chão, em seguida caiu através da trilha de sujeira ao meu lado e pegou a minha mão nas dela.

Seus dedos apertados. Apertei de volta, nossas lesões já perdoadas e esquecidas. Os leves ferimentos de Emma iriam se consertar em uma hora, os meus se juntavam agora mesmo. Sabíamos, por experiência que os ossos que ela me quebrou curariam após uma sólida noite de descanso. Nós não tínhamos motivo para segurar os insultos ou raiva.

— Então. — Ela limpou a garganta. — Amanhã é o nosso grande dia. Você já pensou em qual a cor que você vai escolher para nós?

Eu queria que o céu azul vibrante acima de nossas cabeças prendesse a minha atenção. Eu não queria pensar sobre amanhã quando tínhamos um curto tempo de sobra hoje, mas os pensamentos fluíam um após o outro.

Minha ascensão era o passo final para reclamar o meu título como uma herdeira de Askaran, não que eu quisesse ou mesmo precisasse da confirmação como a segunda na linha de sucessão ao trono. Eu nunca iria governar Askara. Essa tarefa desagradável caiu para a minha irmã mais velha, Nesvia. Ainda assim, o reino esperava um espetáculo e Mamãe gostaria de fazer um espetáculo.

— Maddie? — Seu cotovelo cutucou o meu lado.

Eu estremeci.

— Eu escolhi lavanda.

Seus dedos traçaram círculos preguiçosos, voltas e redemoinhos em suas bochechas e nariz petulante.

— A minha cor favorita.

— Sim —, eu disse. — É.

Mas que diferença faria. Nesta mesma hora amanhã, tatuagens ritualísticas iriam cobrir nossos corpos. As minhas denotariam a minha linhagem. As dela seria uma marca ornamentada para identificar seu proprietário, a casa real de Askara.

Emma ficou tensa e cavou suas unhas na palma da minha mão segundos antes de uma longa e escura sombra se lançar sobre o meu rosto. Olhos semicerrados no sol, eu olhei para cima e peguei uma dica pelas calças de veludo preto feito sob medida, adornada com os fios de prata característicos dos representantes do Primeiro Tribunal. As calças estavam cobertas por uma camisa escura semelhante e um colete combinando. Os bordados pesados indicam quão alto da escala social meu padrasto tinha conseguido subir.

— Lord Archer.

Eu não perdi sua centelha de interesse quando o seu olhar vagava sobre o sangue e o suor escorrendo sobre a minha pele. Eu tinha visto a mesma expressão muitas vezes para confundir a sua causa.

— Princesa Madelyn.

A formalidade endurecia o tom que ele usava para dizer que eram negócios ao invés de prazer. Emma soltou a minha mão. Ele não tinha vindo por nós. Não desta vez, pelo menos.

Eu ofereci graças à deusa divina que os nobres de Askaran estimavam a virgindade. Eu não poderia ser tocada até depois da minha ascendência, e como minha serva escolhida, Emma também não podia. Mas a data de vencimento da nossa parca proteção estava se aproximando rapidamente, como evidenciado por sua chegada.



— A Rainha Eliya pediu-me que a lembrasse que sua cerimônia de ascendência é amanhã, e que você deve estar preparada para a inspeção pessoal dela pelo menos uma hora antes do seu início.

Archer cutucou o ombro de Emma com a ponta do sapato de couro, então pisou no chão próximo da orelha dela, como se quisesse esmagar o seu rosto sob o calcanhar.

Certificado de sua atenção, ele se dirigiu a ela.

— Emmaline, você vai preparar sua ala com as especificações exatas da rainha. Amanhã é um dia muito importante para a linhagem real. — Ele olhou para nós duas. — Mesmo para os bastardos.

Emma empurrou o chão com seus pés e inclinou-se para me oferecer uma suja, mas muito necessária mão de ajuda. — Cuidado—. Ela me levantou lentamente até meus pés suportarem o meu próprio peso. Halflings¹ são notavelmente mais fortes do que qualquer descendente demônio ou humano, e ela não é exceção.

Ele me avaliou uma segunda vez. Seus dedos gelados fazendo uma trilha cuidadosa a partir do cóis da minha fofa calça branca, em toda a minha barriga nua e para cima até tocar o tecido parando logo abaixo dos meus seios. A abominação me fez tremer sob seu toque.

Esbofeteando para longe sua mão só provocou outra faísca de interesse doentio. Ele levantou a mão com a qual me acariciava e cheirou as pontas dos dedos. Meus lábios se enrolaram com nojo.

— Você não pode achar o meu cheiro atraente. — Sangue misturado com uma crosta de sujeira das palmas das minhas mãos e joelhos. Sal dos meus olhos e o pó na minha pele com o suor seco.

¹ A palavra 'Halfling' vem do inglês e é uma aglutinação das palavras Half (meio, metade) Thing (coisa) o que poderia ser traduzido como 'Meia-Coisa'

Seus olhos brilhavam vivamente. — Você não tem idéia. — Sua risada seguinte cheirava à sua superioridade, como se ele soubesse de algo que eu ainda iria adivinhar. Algum segredo que só poderia ser realizado por um ser tão vil com ele, e desejei que permanecesse trancado em sua consciência, em vez de sobrecarregar a minha.

— O que aconteceu com ela? — ele perguntou a Emma, implícito sem a minha permissão claramente por trás de suas palavras.

— Foi um acidente durante a disputa, pai — ela disse. — Não é nada grave. Este tipo de feridas nunca leva mais do que algumas horas para se curar.

— Estou bem ciente de sua capacidade regenerativa. — O sorriso que ele virou em minha direção provocou ondas de arrepios por toda a minha gelada pele.

— Eu nunca imaginei que ela poderia ter tão inesperada peculiaridade genética. Essa maravilhosa habilidade de curar não deve ser desperdiçada. — Seus lábios franziram. — Eu suponho que nós simplesmente vamos ter que continuar testando seus limites.

— É assim que você chama isso? — Emma rosnou. — Testando seus limites? — Ela segurou suas mãos estendidas para nós vermos. — Você usa as minhas mãos para quebrá-la. São as minhas mãos cobertas com o sangue dela e meu ombro onde ela chora enquanto seus ossos se consertam.

Seus olhos endurecem. — Você não está sugerindo que eu aprecio o que tem que ser feito a Madelyn?

— Ah, não, pai. Isso faria de você um monstro.

O estalo da carne encontrando a carne ressonou no pátio fechado.

Meus ombros encolheram, se preparando para o impacto que não veio. Olhando para cima, eu assisti a luta de Archer para se recompor nas linhas de tensão de seus ombros e no suor da sua testa molhada. O rosto carrancudo de Emma trazia a marca da mão de seu pai.

— Nunca tome para si mesma a responsabilidade de machucar Madelyn desta forma novamente. — Seu olhar varreu a terra remexida debaixo dos nossos pés e passou para o bastão de treinamento a poucos metros de distância. — Ela é muito fraca para ser treinada adequadamente. É um desperdício de seu tempo e talento.

— E ele não iria achar metade da graça em mim se eu pudesse me defender. — Balançando minha cabeça, eu tentei apagar os pensamentos rebeldes passando através da minha mente.

— Morda a sua língua, garota.

Eu quase disse a ele que já tinha feito. Eu tinha acordado hoje transformada com um estranho senso de propósito. Eu queria treinar, estava pronta para lutar, pronta para qualquer coisa. Essa foi a única razão para Emma concordar com o jogo rápido, mesmo sabendo que Archer estava a caminho. Ela sabia que eu precisava afastar o tédio que estava me consumindo.

— Maddie é rápida. Com mais treinamento ela poderia se tornar muito valiosa

O sorriso sem graça de Archer cortou sua fala. — Seu maior valor reside na respiração.

Uma mão agarrou a ponta da minha trança de cabelos loiro-dourados, arrebatando a minha cabeça para trás como se estivesse usando o meu cabelo como corda para me arrastar contra ele. O cabelo rasgou violentamente meu couro cabeludo, fazendo meus olhos encherem de água enquanto a sua outra

mão apertava em torno da minha caixa torácica e comprimiu até que as lágrimas transbordassem no meu rosto.

Eu não conseguia respirar com a aguda agonia de seu domínio como se a cada carícia enfiasse seus dedos nas profundas feridas e na carne machucada. Eu afundei um cotovelo afiado em seu intestino, mas ele só puxou mais forte, recompensando a dor com dor.

— Enquanto o coração dela bater, o trono de sua mãe está seguro.— O braço segurou-me apertado quando se inclinou, roçando meu rosto com o seu nariz antes de sugar o meu cheiro para seus pulmões. — A rainha requer um herdeiro para manter seu título. — Ele deu de ombros. — Caso algo lamentável aconteça com sua irmã mais velha, Madelyn permitirá que Eliya mantenha sua coroa. — A sucessão real deve ser mantida estável... e fértil. — Ele cantarolava rispidamente em meu ouvido em seguida, empurrou-me para longe dele.

A humilhação aqueceu meu rosto enquanto o ódio enchia meu coração contra o homem que era o meu pai no nome, mas pai de Emma no sangue. Por um tenso momento, pensei que ele poderia vir para mim novamente, mas ele não teve a chance.

— Meu senhor Archer, — um escravo Evanti chamava do outro lado do pátio. Ele se afastou de seus colegas e correu passadamente em nossa direção. O familiar mensageiro de pele negra usava apenas uma fina camada de sobras de couro em torno de seus quadris e as grandes asas carmim que marcavam sua raça.

Ele avançou até ficar a um quadrado entre Archer e eu.

Um movimento não perdido por meu padrasto.

— Harper, — Emma sussurrou apenas alto o suficiente para ele ouvir. — Não faça nada tolo.

As asas de Harper se contraíram em agitação e se dobraram próximo às costas nuas antes que ele se dirigisse a Archer.

— Sua presença é requisitada no Primeiro Tribunal.

— É agora? — Archer inclinou sua cabeça, pegando meu olhar na curva do ombro Harper. Ele pegou exatamente atrás das costas de Harper e puxou o punho grosso de uma asa. — Eu quero saber, escravo. A virtude de Madelyn será encontrada intacta amanhã? Ou vamos descobrir que ela esteve se deitando com seu guardião? — Seu polegar acariciou a pele fina e transparente da asa de Harper. — Infelizmente, muitas vezes a maçã não cai longe da árvore. Sua mãe sofreu de um gosto semelhante à carne escura.

O medo apertou meu intestino. — Harper não tem nada a ver com isso. Solte-o agora.

Eu não ousava respirar até que a mão de Archer caiu. Desta vez ele deixou a pele sedosa intacta, e que eu poderia ter que lhe agradecer por isso.

— Harper, não é ? Que esquisito, você o nomeou. — Ele sorriu como se estivesse se divertindo. — Você realmente não é tão diferente de sua mãe. Ela iria trocar a sua alma para manter seu lugar no trono. — Ele passou o dedo para baixo do antebraço de Harper. — E eu sei qual é o preço de sua alma também.

Eu encontrei o nível do olhar de Archer com desinteresse, sem vontade de deixá-lo ver como sua recente descoberta me apavorava.

Então ele falou com Harper. — Você percebe o quão longe você está abaixo dela, não é? A linhagem dela só irá prejudicar as chances de encontrar um cônjuge adequado. A afeição dela por você apenas diminui as perspectivas, — ele disse com sinceridade falsa. — Mesmo o pai Evanti dela tinha algum status dentro de sua raça. O que você poderia pensar que você tem para oferecer a ela? Ela é da realeza de Askaran e você é apenas... o seu animal de estimação.

— Eu estou a serviço dela, meu senhor, nada mais. — Harper ficou em silêncio e imóvel.

Archer olhou por mais um instante, parecendo decidir alguma coisa antes de perder o interesse e esfregar os dedos em sua coxa. Ele virou-se sobre os calcanhares de seu traje e seguiu para o portão principal de metal em forma de arco através da parede pesada de pedra do castelo de verão e para fora das areias do deserto de Rihos.

Depois que Archer alcançou o porteiro e subiu em seu transporte, Harper seguiu regularmente, passos medidos. Ele olhou por cima do ombro e apontou uma vez em direção à entrada do corredor principal. Ao meu lado, Emma acenou concordando.

Eu segurei minha respiração enquanto suas asas abriam e empurravam para baixo, para lançá-lo para o céu. Ele seguiria Archer até a fronteira antes de voltar para casa comigo. Se o seu vôo demorasse mais do que as poucas horas necessárias para fazer a viagem de volta, eu nunca diria uma palavra. Seu rosto brilhava com alegria quando ele deu o salto para o céu, fazendo-me sorrir por longos minutos depois que se tornou um ponto distante.

Capítulo Dois

Eu me sentei verticalmente na cama no momento em que um grito rasgou a minha garganta. Eu bati na minha boca com uma mão enquanto meu corpo brigava com o aumento do fluxo de adrenalina, fazendo os meus membros arderem e meus músculos se tencionarem. Meu coração martelava em uma cadência ensurdecedora em meus ouvidos enquanto os resquícios do meu sonho desbotavam da minha memória. Como todas as mulheres da minha linhagem, eu era cega durante a noite. Nada permeava a absoluta escuridão ao meu redor. Meu toque de recolher noturno nunca tinha sido executado desde que não ousasse sair do meu quarto depois que escurece. Nem todos os Evanti eram tão tolerantes com o meu parentesco com o Harper e sua perfeita visão noturna não perderia minhas tentativas desajeitadas de andar na escuridão.

Apenas o emaranhado de lençóis de seda ao redor dos meus tornozelos e a sensação macia do colchão sobre minhas mãos me garantiam que eu estava no meu quarto e segura. Caindo de volta na desarrumada pilha de travesseiros na minha cama, descansei minha palma da mão sobre meu peito. Meu coração batia urgentemente abaixo da minha mão. Era o meu pesadelo de noite após noite ou algo novo? Eu não sabia. Eu nunca lembrava mais que o som dos meus próprios gritos e o sentimento despedaçante de perda que sentia quando acordava. O gemido do metal torcido chamou a minha atenção para a direção que eu sabia que a porta ficava. A madeira pesada rangeu nas dobradiças desgastadas, derramando luz no meu quarto e iluminando o contorno do meu austero hóspede antes da fechadura voltar ao seu local, trancando-o dentro junto comigo. Eu ouvi um forte, áspero ruído segundos antes do quarto ficar escuro.

— Sonho ruim? — Harper perguntou ainda com a voz grossa do sono.

— Não, pelo menos, eu não lembro.

Eu o ouvi se mover mais pra perto. A luz ofuscante de sua lamparina a óleo focada nos meus olhos. A chama esvoaçou e dançou enquanto pintava inconstantes reflexos nas paredes e no chão. — Eu acho que amanhã... — Eu olhei para ele. — Eu tenho medo.

Ele não desperdiçou palavras em coisas que nenhum de nós iria acreditar. — Mexa-se.— Seu sussurro aveludado fez cócegas nos meus ouvidos e ele se juntou a mim na cama.

— Sente-se.

Eu arqueei uma sobrancelha para ele, vendo o seu anguloso rosto suavizar com diversão. Seus olhos escuros refletiam a luz e brilhavam com calor enquanto seus lábios cheios quebraram-se em um sorriso torto. Então ele suavizou seu comando.

— Por favor.

— Você realmente não precisava ter vindo. — Ele estendeu as mão para mim, mas eu golpeei sua mão para longe. — Você sabe o que vai acontecer com você se te pegarem aqui depois que escurece. — Um grosso tecido de cicatriz fazia desenhos cruzados em suas costas. Vívidas lembranças do preço que ele já pagou.

— Sim, Zaniah proibiu o lobo de se deitar com suas ovelhas. — Sua bufada irrisória trouxe uma leve curva para os meus lábios. — Eu fui criado para servi-la. Eu só estou fazendo o que eu nasci para fazer. — Seus dedos traçaram a inclinação do meu nariz. — Sorte para nós dois que eu desfruto do meu trabalho.

— Harper... — Archer tinha razão. Eu venderia minha alma para comprar a liberdade dele. Para que serviriam suas belas asas se ele nunca podia ser livre para usá-las?

— Shh. — ele pressionou o mesmo dedo áspero nos meus lábios. — Eu sou seu, lady, e eu nunca deixarei o seu lado — Ele olhou ao redor, parecendo não olhar apenas o quarto, mas o reino inteiro além das paredes do castelo. — Eu nunca poderia te deixar neste lugar. — Em seguida, seus dentes brancos brilharam. — E eu não penso nem por um momento que eu ficaria se não fosse por você, e Emma.

Eu estapeei seu peito travessamente, para fingir que, pelo menos, tinha outras opções. Mesmo se um paraíso existisse, eu duvidaria que um membro real de Askaran seria bem-vindo. Provavelmente eu seria afastada, se não fosse pior. Eu ouvi sussurros de um levante Evanti. Todos os Rhios sussurravam com as notícias de escravos desaparecendo pela noite e lojas de comidas e suprimentos sendo invadidas. Eu era provavelmente o único membro da nobreza esperando, rezando, para que os rumores fossem verdadeiros e desejando que meus escravos fosse os próximos a desaparecerem. Harper capturou minha mão onde eu a deixei contra o seu peito e puxou-me para a posição sentada. Eu me encolhi quando a dor se apoderou da parte superior das minhas costas.

— Você não precisa fazer isso o tempo inteiro, você sabe. — Eu poderia apenas imaginar como eu parecia para ele. Pequena e pálida, sem asas e fraca, nada digna da devoção que ele me dava tão espontaneamente.

— Você também pode colaborar. Eu não irei enquanto você estiver com dor. — Ele puxou a barra da minha camisola ao redor dos meus quadris e expôs a pala coral da minha roupa interior de seda.

— Homem teimoso. — Eu acusei.

Harper riu, o som escuro como a noite ao redor de nós. — Eu não sou o único teimoso. — Ele puxou a camisola úmida de suor pela minha cabeça para colocá-la suavemente sobre as pedras. — Agora, capote.

Eu rosnei para ele, mas o som não tinha qualquer calor real. Na verdade, eu precisava do alívio que ele me oferecia. Com asas batendo no meu estômago, eu empurrei meu rosto no meu travesseiro de trigo. A casca deles deslocando e se ajustando entorno da minha nova posição. — Ótimo, — eu resmunguei. — Só não olhe; certo? — Como se ele não tivesse visto minhas costas nuas milhares de vezes desde que eu era criança. — Eu odeio que você me veja desse jeito. — Vestindo nada além dos mesmos retalhos de couro amarrados em trono de sua cintura estreita, Harper, montou em minhas pernas e se inclinou sobre mim, amassando para longe as dores imprensando a minha espinha.

— Oh, Maddie. — Tristeza atada a sua voz.

O som da pena dele raspou meus ouvidos. Eu empurrei para cima, mas ele me forçou para baixo com uma mão gentil nas minhas costas.

— Eu sei que eles são horríveis, — eu bati, perto das lágrimas que eu com cuidado admiti. — Eu disse pra você não olhar.

— Eles — eu disse, fazendo isso mais fácil para esquecer do que eles eram parte de mim.

— Os dedos dele cutucaram a pele da parte inferior das minhas costas ainda me prendendo embaixo das suas palmas. — Você é bonita. — Sua respiração morna soprando minha pele. Eu estremeci quando ele beijou as articulações proeminentes atrás do meu ombro. — E você pode fazer uso das minhas asas sempre que precisar delas.

Seu peito abaixou até pressionar contra as minhas costas, e suas asas de couro nos envolveram como uma coberta viva. O corpo nu dele me aqueceu. Seu queixo descansou no meu ombro, nos colocando bochecha contra bochecha enquanto os seus dedos se entrelaçavam com os meus e apertava-os.

A batida firme do seu coração me acalmava, guiando-me para o descanso.

A manhã quase toda passou e a tarde se aproximava em segurança enquanto eu batia ligeiramente meus dedos contra minha lisa coxa. Mamãe deve chegar a qualquer momento. Eu ouvi o bocejo da porta do meu quarto abrindo e voltando rapidamente, avançando em pernas instáveis e fechando os meus dedos em volta da moldura de chumbo do espelho oval. Sua circular sustentação rangeu contra o peso adicionado, mas eu não conseguia sentir minhas mãos para fazê-las largarem a madeira. Eu não podia sentir..., nada.

Um anestésico tópico saturava a minha pele, fazendo-a cintilar na corrente de luz da manhã que vinha da janela de vitral. A bebida de ervas que Emma tinha me dado quando acordei fez minha mente correr em amplos e soltos círculos.

— Como você está agüentando? — Emma andou suavemente para dentro do quarto vestindo um manto de seda branca amarrada com um cinto em volta da cintura. Seus pés estavam tão nus quanto o meu corpo. Seus cachos bagunçados estavam domesticadamente presos, puxando os seus olhos em direção à linha do cabelo, dando-lhe um ar exótico.

— Beeeph.— Seca e grossa, minha língua rolou a palavra, falhando na primeira tentativa.

— Bem, eu estou..., bem. — Como seria de esperar, considerando todas as coisas.

— Você está pronta? — As palavras dela eram resmungadas pelo polegar colocado entre seus dentes.

— Isso não vai doer, — eu menosprezei. — Harper prometeu que não ia doer.

O desespero dele em fazer cumprir essa promessa resultou em uma hora extra, uma aplicação extra da grossa, gelatinosa substância viscosa usada para paralisar as camadas mais altas da minha pele. Através do nevoeiro

cobrindo a minha mente, eu olhei de novo para o fresco e sedoso manto branco que Emma vestia.

Deveria estar enrolado na pele dela no lugar de somente flutuar sobre ela. Medo se elevou na parte baixa da minha barriga. — Por que você não está se preparando?

Ela não me olhou. — Como uma prova da minha devoção para você, eu vou para o ritual sem ajuda. — A voz dela endureceu. — Papai insistiu.

Meu estômago enjoado afundou. — Não, você não pode ir lá com isso.

— Eu não tenho escolha. — O queixo dela sacudiu com outro encaixe. — Eu vou provar que ele não pode me violar.

— Você não tem que provar anda. Você me tem, *vinda larsh* e eu não vou permitir que você sofra inutilmente.

— Não, *vinda koosh*, você é a única que me tem. Eu tenho estado a seu serviço desde o dia em que nasci. — Ela riu amargamente. Então sua atenção foi para onde eu agarrava a moldura do espelho. — O que é isso na sua mão?

Eu olhei pra baixo, tinha esquecido que eu ainda segurava uma carta agora colada na minha pele. — Isso chegou um pouco depois de você sair.

Eu passei sobre o limpo documento contendo a cera negra do selo do consorte real. — Suponho que para me dar um tempo de chegar a algum acordo com o conteúdo antes de você voltar. Archer sabia que você iria tentar me convencer disso.

Emma mediu o documento com uma deslizada de seus olhos. — Zaniah seja clemente, — ela murmurou. — Você não pode concordar a passar por isso.

— Se eu não fizer, você e Harper serão tomados. — Eu fingi interesse em meus dedos lambuzados de tinta. — Archer me assegurou disso.

A borda do papel rompeu onde os dedos dela bateram pelo pergaminho. — Ele não pode fazer isso. — Ela pulverizou o bilhete em suas mãos. — Ele não pode forçá-la, você não pode permitir isso.

Ela encarou o papel como se ela fosse uma serpente pronta para atacá-la antes de lança-la por todo o quarto.

— Se eu não concordar, — eu disse — então ele vai mandar Harper para as terras remotas e deixa-lo lá para trabalhar nas minas de prata até que ele morra. Você pode imaginar o que isso faria com ele? Ser aprisionado no subsolo e nunca ver o céu? Nunca usar suas asas?

O queixo tremeu. Eu quase podia ouvir os seus molares sendo triturados, mas ela me deixou falar.

— E você? Vendida para o trabalho como cortesã? Você é filha dele e ele lhe ofereceria para os abutres da Primeira Corte ou para o mais alto leilão. — Recobrei meu equilíbrio e a encarei. — Ele não vai ter nenhum dos dois de você. Não se eu puder pará-lo.

Ela agarrou os meus ombros e apertou com força suficiente para me desequilibrar do meu salto. — Você não vê o preço? Ele quer que você o reclame. Uma ascendente tem a primeira escolha de qualquer homem na noite de ascendência. Se você o escolher, a rainha terá que respeitar sua decisão. — As mãos dela caíram. — Nós não valemos à pena. Nada que valha a pena resistir.

Eu coloquei o seu rosto em minhas mãos, alisando suas bochechas e a parte baixa de seu pescoço com os polegares. Pouco da sua pele estava exposta pela seda de seu manto, mas eu esperava que em cada lugar que eu tocasse absorvesse um pouco do meu gel anestésico.

— Você é minha irmã, e Harper ... — pensei naquelas grosseiras marcas estragando sua pele, onde uma vez era cetim. — Eu posso nomear cada

chicotada que o marcou e o que ele fez para ganha-la. Ele já pagou muito pela nossa amizade.

— Isso não importa

Eu silencieei Emma segurando a sua mão. — Se eu aceitar Archer essa noite, ele vai trazer um tabelião e transferi-los para mim. — A perspectiva quase me deixou atordoada. Eu culpava a bebida por fazer tudo parecer mais agradável. — Você dois pertencerão a mim. Ninguém jamais poderia levá-los embora. Nós teríamos que ficar aqui em Rihos, mas...

— E depois o quê? Você irá para cama com ele. Você honestamente acha que ele vai parar depois de uma noite? Ele nunca ficará satisfeito. Como você pode se vender tão barato? Onde está o seu orgulho?

— Orgulho não é tudo. Não para mim.

— Meu orgulho é tudo o que eu tenho. — Suas bochechas pálidas ficaram rosa. — você é a princesa. Eu sou a serva que está a um passo de ser prostituta da Primeira Corte.

Lágrimas pinicaram meus olhos, então eu encarei o tento, contando azulejos dourados até minha visão clarear.

— Não chore, por favor. Eu não culpo você por isso. Eu prefiro que você tenha a minha posse mais do que ninguém, mas...

— Um escravo ainda é um escravo...

Nós tínhamos discutido esse momento desde que tínhamos idade suficiente para entender as circunstâncias dos nossos nascimentos. O complexo emaranhado de mentiras e sangue fez de Emma uma escrava e nossa meia-irmã mais velha, Nesvia, a primeira na linha do trono. Ela era a única criança nascida da minha mãe e do pai de Emma, e praticamente uma estranha para nós duas.

Desde que nossa monarquia é matriarcal, meu nascimento foi reconhecido e meu título garantido. A mãe de Emma foi uma jovem serva que se tornou cortesã na época do nascimento de Nesvia, quando as escolhas nupcias de Archer ficaram severamente limitadas. Mesmo dividindo metade do sangue com Nesvia, Emma sempre seria a serviçal real da casa, e por isso, minha.

— Sim, — ela concordou. — Um escravo ainda é um escravo.

Uma nova voz entrou na nossa conversa. — E uma escrava sempre deve saber o seu lugar, que não é lamentando sua situação com sua ama. Não importando o quão indulgente ela seja.

O farfalhar de tecidos pesados deslizando sobre as pedras anunciou a chegada de minha mãe. Ela vestia uma gaze turquesa que se juntava no seu ombro com um broche prata para fazer um vestido. Intrincadas tatuagens cobriam sua pele exposta, envolvendo embaixo e em volta da curva do seu quadril. Sua pele brilhante parecia empoeirada por um fino pó de diamante. E provavelmente, foi.

— Madelyn, minha querida, você está linda, — ela balbuciou, andando em volta do meu corpo nu em um lento meio círculo. Até minha pele secar, não havia sentido em usar roupa. O gel só iria estragar o tecido do manto de seda lavanda que cobria o pé da minha cama. Mamãe também tinha mandado um par de chinelos e fitas para o meu cabelo como um presente. Em retribuição, ela esperava perfeição. E eu teria que entregar.

— Obrigada, mãe. — Meus olhos nadaram para manter o seu olhar lânguido. Ela apertou as mãos ansiosamente. — Você aceitou algum pretendente? — Ela sorriu timidamente. — Eu sei que você não carecia de atenção. Os homens da Primeira Corte estiveram de olho em você por um tempo. Será que suas solicitações chegaram prontamente?

— Sim, eu tenho recebido suas correspondências. — Sacos cheios de consultas com símbolos de amor e promessas vazias para o prazer que eu não tinha interesse de experimentar foram chegando continuamente por semanas. — Mas eu decidi não aceitar suas muito generosas ofertas. — Eu tinha, entretanto, aceitado outra oferta. Ou eu deveria quando eu visse Archer.

Mesmo detestando a idéia de ter qualquer coisa com ele, concordando com suas exigências eu teria melhor retorno. Se eu tivesse que me vender, gostaria de ter tudo o que pudesse para garantir o futuro de Emma e Harper. O temperamento mercurial dela queimou em um instante. — É sobre aquele Evanti? De novo? — Seus olhos apertaram em finas fendas. — Você não pode deitar com ele. Nem hoje à noite. Quem sabe o que pode acontecer?

— Sexo? — Emma forneceu.

Mamãe foi até o lado de Emma e inclinou-se para sua orelha. — Sua virtude só importa até a cerimônia se completar. Então sua pureza já não será um problema. — Sua unha trilhou a curva da mandíbula de Emma, sobre a grossa, pulsante artéria no pescoço dela. Sangue, uma gota de sangue manchando o seu dedo.

— Você faria bem em se lembrar de todos os homens que Madelyn despreze hoje à noite irão procurar satisfazer o seu prazer... em outro lugar.— Seu tom promissor fez Emma fechar os punhos. Seu humor foi iluminado tão rapidamente quanto tinha azedado. — Ninguém acreditava que a concepção entre duas casas de demônio fosse possível. — Os lábios dela moldaram uma satisfação que eu não entendi. — Até você nunca tinha acontecido antes. Então, você vai ficar de fora da cama dos Evanti até que nós decidamos o que fazer do melhor uso dos seus atributos...,únicos.

A mistura de ervas que eu tinha bebido antes ameaçou fazer uma aparição. Se minha mãe tivesse permanecido onde estava, isso provavelmente teria se espalhado por seu vestido caro. Imaginando as conseqüências eu engoli convulsivamente. — Eu não tenho planos para ter alguém na minha

cama esta noite. — A amarga mentira revestiu minha língua. — Eu tenho rescindido essas ofertas que se estendem a mim e quero ficar isolada na minha suíte até o fim da cerimônia.

— Você deve fazer-se disponível se deseja obter um consorte adequado. — Conveniência não me importa, — Eu estava provando isso essa noite, não estava?

— Isso é aquele Evanti, não é? Ela rosnou, uma centelha real de raiva de volta em um instante. Saliva salpicou seus frescos lábios vermelhos. — Você pretende se guardar para ele? Um escravo? Dando ele a você como guardião foi a segunda coisa estúpida, só perdendo para permitir que a meio-bastarda de Archer ficasse ao seu serviço.

Ela andou sem sua graça característica, parecendo fazer birra com seus pés a cada passo. — Eu tenho que saber se meu amado Archer não fez planos para essa eventualidade, ainda que em benefício a ele eu não posso imaginar.

Mas eu podia, dando a Emma em meu serviço ele emprestou-lhe a ilusão de propriedade, ao passo que sem ela seus passeios freqüentes ao castelo de verão seriam suspeitos. Mamãe era um turbilhão tempestuoso azul turquesa em todo o quarto. Eu nunca a tinha visto tão irritada. Suas unhas normalmente longas e sem corte enquanto uma faísca brilhava a insanidade em seus olhos. Ela estava em busca de sangue e eu temia quem ela tinha escolhido para o sacrifício.

Eu fiz minha escolha em um instante. — Eu estou arrependida de ter afligido você. — Engoli a bÍlis que subia pela minha garganta e empurrei para baixo um soluço ameaçando quebrar as linhas retas da minha postura. — Se isso lhe agrada, você pode escolher um homem para entrar no meu quarto hoje a noite. — Essa mentira foi muito mais fácil para os meus lábios. Eu sabia que iria ser o seu consorte que iria me acompanhar no lugar do seu escolhido. Archer tinha traçado muito cuidadosamente o seu plano para não ter antecipado uma contingência semelhante. Ele teria maneiras de lidar com os

pretendentes errantes buscando a cama que ele planejou ocupar durante a noite. Mamãe foi aplacada mais uma vez pela minha demonstração de deferência. Eu estremecia com o desgosto deslizando sobre a minha pele com o pensamento de eu deixar seu horrível parceiro usar o meu corpo. A realidade da oferta de Archer comparada a oferta de um anônimo, fez a última me parecer quase atraente.

— Querida, — ela cantarolou, escovando a boca com a ponta dos seus dedos. — Ser o segundo filho não significa que você tem que baixar os seus padrões. — Ela sorriu sombriamente. — Se alguma coisa acontecer com sua irmã antes de seu primogênito, então você ocupará o seu lugar.

— Rideal nunca permitirá que um fio de cabelo na cabeça de sua esposa possa ser prejudicado. Nesvia irá vestir a coroa que é seu direito de primogênita.

Meu irmão por casamento, Rideal, tinha ombros largos e humos maçante, mas ele amava sua esposa com a maior determinação imaginável. Ninguém poderia alcançá-la através dele. Disso eu estava certa. Outro suspiro de desapontamento de minha mãe fez Emma rolar os olhos pelas costas da rainha.

— Você nunca foi muito ambiciosa.

Eu coloquei um sorriso falso. — Sinto muito por meu desinteresse na política da corte ofende-la. Lamento que minha falta de vontade em ajuda-la a prolongar o seu próprio reino te deixe infeliz comigo. — Mamãe riu. — Pequena, se eu decidir que estou disposta a abandonar, agarrarei o pescoço de Nesvia com minhas próprias mãos. — Ela ficou séria. — Este tipo de golpe deve ser testemunhado, você sabe. Caso contrário, haveria fofocas como se eu ainda tivesse estômago para esse tipo de coisa depois do meu centenário.

Seus olhos cortaram para mim. — Especialmente depois do seu nascimento. Eu resisti a muitas controvérsias sobre a minha decisão de permitir que você vivesse, mesmo isolada como você tem ficado em Rihos. —

Um sorriso secreto brincou no seu rosto antes dele se tornar sombrio. — Dê um giro, deixe-me ver suas costas.

Virei-me cautelosamente, tentando manter o meu equilíbrio.

— Seu cabelo, — ela ordenou. — Levante-o.

Eu reuni os fios nos meus dedos pegajosos o melhor que pude, minhas mãos estavam dormentes, como apêndices inúteis que precisavam de ajuda visual para funcionarem bem. Eu contei com o espelho para me mostrar o que eu não podia sentir. Mamãe engoliu audivelmente. — Oh, Zaniah, nos preserve. Eu tinha esquecido como é horrível de olhar. — No reflexo do espelho, eu vi a cor sendo drenada de suas bochechas. Com as mãos vibrando, ela chamou a atenção de Emma. — Faça essas...,coisas serem cobertas antes da apresentação.

Sob o brilho de nojo de minha mãe, os cotocos pareciam se mover de sua própria vontade, como se ao flexionar as asas que ela tinha amputado estivesse provando que elas eram uma parte válida e integrante de mim. Ela enojou-se e cambaleou para trás, protegendo os olhos com uma mão. — Solte o seu cabelo. Solte isso!

O comprimento do meu cabelo caiu até a parte inferior das minhas costas, escondendo-a completamente. Quando me virei para encará-la, ela murmurou, — Coisas grotescas.

Eu não podia argumentar quando sentia exatamente a mesma coisa.

Batidas pesadas na pedra anunciaram a chegada de Archer. Sua expressão presunçosa mostrava sua alta confiança na minha aceitação de sua oferta.

— A corte está viva com a antecipação, minhas queridas. — Archer avançou pelo quarto e empurrou Emma como o rei que fingiu ser em seu

casamento. — Nunca um ascendente atraiu tanta atenção. Uma festa apropriada para nossa Madelyn; devo dizer.

A expressão dele se suavizou, tomando minha aparência como olhos brilhantes e uma rápida lambida em seu lábio inferior. Solavancos de calafrios pontilharam a minha pele assim que os seus olhos se viraram para minha mãe, que assistiu as travessuras dele com os lábios ligeiramente curvados.

— Agora, Eliya, — ele disse quando notou a expressão de mamãe. — Você não deve culpar Madelyn pelos pecados de sua mãe. Você deveria ter considerado as repercussões de ir para a cama com um Evanti se não queria uma criança com defeitos.

— Madelyn não é defeituosa. — A voz gelada de Emma varreu o quarto. — Por que vocês se divertem em fazê-la acreditar que há algo de errado com ela?

— Você já viu as costas dela? — Archer girou em direção a filha enquanto o seu riso explodiu em meus ouvidos. — Ela tem uma bela posição para a coroa e isso é tudo o que ela vai ser. A intriga da corte com a anomalia repugnante atrairá ansiosos e curiosos.

Emma deu um passo mais para perto. — Como você pode falar dela desse jeito? Ela é sua filha, no nome se não pelo sangue.

Archer claramente não gostou dessa lembrança. Ele deu um passo para Emma para se igualar ao que ela tinha dado em direção a ele.

Eu não sou pai dela. — Ele olhou para mim, procurando garantia de que prendeu a minha atenção. — Você gostaria de me dizer alguma coisa sobre o progenitor dela?

Preparei-me para contar a história que ele estava tão ansioso para recontar. Flashes dos meus pesadelos encheram minha mente. Talvez eu

soubesse sua fonte afinal. Sua história, contada em claros detalhes me assombrava.

— Eliya queria me punir pelo nascimento de Emma. Eu tinha uma cortesã em minha cama, então ela deu o passo mais abaixo — Seu guardião Evanti. — Seu sorriso perverso de dentes arreganhados. — Você pode imaginar a surpresa dela quando percebeu que tinha engravidado, algo que sempre pensou que fosse impossível. Em sua raiva, ela me ordenou cortar as asas do guardião no dia em que a concepção de Madelyn foi confirmada. Eu disse a Eliya para se livrar da abominação, mas depois de considerar a decisão cuidadosamente, ela pensou que seria uma novidade e quis fazer algo que nunca tinha sido feito.

Ele riu com indulgência. — Deixei o amante amarrado no pátio e o obriguei a assistir a minha esposa inchar-se com o seu filho — Seu tom tornou-se reflexivo. — Quando Madelyn nasceu, e suas asas de cetim foram arrancadas das costas, ele caiu de joelhos e implorou-me para cortar o seu coração. Quando eu fiz, ele me agradeceu por isso.

—Zehiel, — Eu disse. — O nome do meu pai era Zehiel. — Como toda criança, eu ansiava por uma conexão com o meu pai verdadeiro, e Harper tinha dado isso pra mim na forma de uma única palavra. Minha respiração travou e um filme passou nos meus olhos, borrando todos e aguando os contornos. Mamãe golpeou Archer duramente no rosto. Eu acho que nós três saltamos em surpresa por sua ação repentina. Ele ergueu a mão para o rosto com reverência, como se ela tivesse lhe dado um presente ao invés de insultá-lo.

— Você é tolo. — Ela olhou ferozmente, apunhalando o ar em minha direção. — Olhe para ela. Você a fez chorar. Ela não pode estar manchada durante sua apresentação, eu não vou querer isso.

Emma andou para o meu lado. Sua proximidade me tranquilizou.

— Minha senhora, eu vou ver a preparação final de Madelyn.

— Preparações finais — soou adequada, dado que uma parte de mim nunca mais retornaria a essas suítes familiares. O pouco de inocência que eu tinha não iria voltar para o meu quarto. Archer foi para o lado de mamãe e envolveu o seu pescoço, esmagando os seus lábios em um beijo brutal. — Veja, meu amor? Tudo está bem. — Ele se afastou, com o brilho de sangue manchando o fundo dos seus lábios. Se dele ou dela, eu não sabia. O vermelho dos lábios dela ocultou qualquer ferimento que poderia ter surgido, e ele deve ter feito o que eu percebi de longe.

— Minha Rainha. — Ele curvou-se em um gesto cortês. — É tempo de nós entrarmos no salão. Sua corte espera ansiosamente por você.

Mamãe permitiu que ele a conduzisse pelo braço, lançando um último olhar para mim ela se aproximou do limite. — hoje é o primeiro dia da vida que você nasceu para liderar. Abrace-a e tudo ficará bem.

Eu a assisti ir e desejei que pudesse acreditar nela.

Capítulo Três

Emma tinha me deixado momentos antes segurando uma compressa fria sobre os olhos, esperando tirar a vermelhidão deixada pelo meu ataque de choro. Atrás do pano macio meu mundo era um lugar escuro e vazio, pacífico. Como eu desejei que eu pudesse ficar lá. Sons desagradáveis soaram à distância. Parecia o som de passos descalços na pedra.

— Olá?

Ninguém respondeu. Eu esperei e ouvi o barulho de novo, mais alto e se aproximando. Eu abaixei o pano a tempo de ver um homem loiro apressando-se até os dois últimos degraus no saguão e vindo direto ao meu quarto com uma casual familiaridade.

Um intenso arrepio no meu pescoço, formigando até a nuca. Eu vestia só um par de chinelos lavanda combinando com tiras trançadas no meu cabelo. Não que ele tenha percebido. Ele nem ao menos olhou na minha direção.

Talvez ele tenha sido avisado para não me aborrecer considerando o acidente de Archer. Ou então sua aversão fosse mais por razões estéticas. Eu quase disse a ele que minhas costas estavam cobertas e que ele não precisava temer o que veria, mas eu não queria mesmo chamar sua atenção, não é?

Enquanto eu admirava a linha reta de suas costas e seu passo firme, eu pensei que talvez quisesse a aprovação desse homem. Ele parecia tão seguro de si enquanto eu não tinha certeza de nada. Tanto as escolhas que fiz como a vida que vivi eram coisas que descobri ser capaz de esquecer enquanto via sua lenta volta pelo meu quarto.

Eu o apreciava enquanto ele estava distraído. Sua blusa marfim e o colete eram simples, mas pareciam cobrir seu corpo como se fossem feitos sob medida. Seu calção branco tinha um detalhe de ouro em boas condições com a bainha atada em cima de seus músculos. Não podia parar de olhar para ele. Ele ergueu meu roupão e segurou-o na extensão do seu braço. Eu não podia ver o seu rosto deste ângulo, mas sua risada silenciosa soou menos tranquilizadora.

Depois o medo começou, correndo pela minha espinha e me petrificando. E se fosse o homem que minha mãe escolheu? Ele poderia, mesmo agora, estar inspecionando meus cômodos enquanto planejava sua conquista?

— Você não deveria estar aqui.

Ele não respondeu, mas continuou em pé parado.

— Eu devo insistir que você saia, — disse secamente. — Você será punido se for achado nos meus cômodos.

Ele elevou o olhar então, e seus profundos olhos negros estreitaram para mim com uma expressão um pouco familiar.

— Harper? — Eu ofeguei. — É mesmo você? — Não pude evitar o súbito, inesperado riso de dentro de mim. — Você não tem usado o glamour em anos.

Não desde que nós éramos crianças e ele queria ver como eu fazia. Ele disse que se eu não pudesse ter minhas asas, então ele não iria querer as dele também, mas isso foi antes dele aprender a voar.

A memória agri-doce curvou meus lábios.

Não pude evitar ir até ele e percorrer meus dedos sobre o seu cabelo desgrenhado ou descansar a minha mão contra a sua pele oliva. — É bom olhar para você. — Eu ri de novo.

Ele segurou o roupão para mim, ajudando-me a deslizar meus braços pelas mangas. Eu ainda tremia com risadas baixas enquanto ele amarrou o cinto em volta da minha cintura. Quando se afastou, seus lábios estavam cerrados em desaprovação. —Você poderia parar de rir de mim?

Apertei meus lábios mais firmemente.

—Muito bom. — Ele piscou para mim através de suas grossas pestanas negras enquanto ele caía em uma curva formal.

Parando com uma perna esticada, ele brincou de pegar o fiapo invisível de suas meias, antes de olhar de volta para mim. — Minha senhora, você me daria à honra de ser seu acompanhante esta noite?

Deixei-me cair em uma reverência diante dele, levantando minhas saias imaginárias enquanto piscava meus cílios de uma maneira que esperava ser provocante.

— Eu ficaria honrada em andar ao seu lado, meu senhor. — Eu ofereci minha mão para ele. Ele pegou e me levou até ele tão fortemente que nossos corpos colidiram juntos.

Então nossos olhos se encontraram e seu olhar abaixou para minha boca. Mas exatamente quando nossos lábios iriam se tocar, ele mudou a direção e beijou meu rosto, como sempre.

Eu gastei um longo tempo pensando em como eu me sentiria em ter seus lábios pressionados com os meus em um beijo real. Macio e quente, eu imaginei. Possivelmente o gosto doce das tâmaras que ele gostava de comer. Enquanto eu estava ansiosa para aprender, ele parecia disposto a me educar nessas questões.

Culpei sua relutância em interesses sobre propriedade.

A leveza do momento passou quando a realidade chegou. Estava para acontecer. Tinha de acontecer, mas admitir o fato fazia pouca diferença estando em pé no precipício da mudança.

— Peça-me para levá-la para longe de tudo isso. — Sua boca encontrou minha orelha. — Por favor.

Esse homem orgulhoso que nunca pede nada estava pedindo para me salvar, mas eu não podia. Não a menos que eu estivesse disposta a negociar minha vida pela dele, e eu não estava.

— Shh — Eu escondi meu rosto na curva do seu pescoço e deslizei minhas mãos sobre os músculos tensos nas costas dele. — A cerimônia irá durar apenas algumas horas e então, nós dois poderemos deixar tudo para trás.

Seus dedos grossos e adoráveis cavaram debaixo dos meus cabelos. — Eu não sei se sou forte o bastante para saber que isto está acontecendo e não tentar parar.

Por um segundo, pensei que ele se referia ao acordo que eu planejei fazer com Archer, mas seu tom de voz era uma tristeza calma em vez de ser raiva se soubesse. Dei um beijo em sua mandíbula. — Emma e eu... — Seu olhar se desviou do meu para examinar o quarto. — Onde está ela?

— Eles já a levaram para baixo para o grande salão.

Seus braços deslizaram em torno dos meus ombros enquanto ele recuava seus olhos selvagens e cintilantes de ébano para prata.

Segurei seu rosto entre minhas mãos. — Está tudo bem. Todos nós sabíamos que esse dia chegaria.

Ele agarrou meus ombros, e suas unhas escavaram a minha pele. — Eu não posso fazer isso. Eu não posso deixar isso acontecer e fingir que está tudo

bem, porque não está. — Sua voz aumentou constantemente até meus ouvidos doerem com o tom agudo. — Isso é uma tortura disfarçada sob a aparência de algum rito arcaico de passagem.

— Nós todos vamos sair desta do outro lado. Eu prometo. — Eu esperava que estivesse oferecendo a ele a verdade. — Em algumas horas tudo isso terá acabado. Minha Mãe e sua corte irão partir. Archer também irá, ao menos por um tempo. Então, as coisas serão como sempre foram.

Eu não mencionei meu eventual companheiro, presumindo que Archer nunca me deu liberdade para encontrar um. Eu não quero pensar sobre isso, e a miséria evidente em Harper provou que nem ele. Sua cabeça virou em um aceno instável. — Claro. — Sua voz despedaçada. — Você está certa. Perdoe-me.

Eu passei meu braço através do dele. — É duro ver aqueles que você ama se ferirem quando não há nada que possa fazer para aliviar sua dor. — Seus olhos tornaram-se distante antes de voltar a centrar-se em mim. — Eu faria qualquer coisa, daria qualquer coisa, para salvar vocês duas disso. Mas você não vai me deixar, vai?

— Não. — Eu ajeitei a gola de sua camisa com uma mão. — Nada pode nos salvar do destino.

Eu dei o primeiro relutante passo em direção à porta. Harper não seguiu até o segundo final, quando meu braço teria puxado o braço livre dele. Acendi-lhe um sorriso nervoso. — Pronto?

O sorriso torto fez uma breve aparição. — Eu deveria estar perguntando isso.

— Bem, eu estou. Vamos acabar com isso, vamos?

Nós andamos de braços dados pelos corredores que juntavam a minha suíte ao resto do castelo, pelo túnel longo e tenebroso que conduz aos espaços públicos e, finalmente, para o arco de entrada do grande salão.

Parecia que Archer não havia exagerado. Eu nunca tinha visto tantos nobres reunidos em um só lugar. Presumindo que o Tribunal de Verão foi o único encontro que eu já presenciei. E isso ocorreu no ponto mais baixo do calendário social, num momento em que a maioria dos nobres retornava às suas formas transitórias e voltava para casa em seus próprios estados. Só então minha mãe vinha aqui.

O edifício mantinha os espectadores em pé em um salão para eventos, todos vestidos em veludos ricamente coloridos e adornos de outros tribunais. Todos tentaram superar o seu vizinho no concurso silencioso para ver qual retrato de aborrecimento pareceria o mais autêntico. Eles devem ter fechado as possibilidades contra quaisquer plebeus que procurassem participar da festa. Se eu tivesse picado o dedo de cada um dos demônios, a poça teria sido de um azul vibrante. A vibração da multidão cessou de uma vez. Suas expressões maçantes iluminadas com interesse quando me viram prestes a entrar nos braços de Harper. Uma mulher na ponta mais distante apontou em nossa direção, mas eu tive a estranha sensação de que seu dedo estava apontado para ele, em vez de mim.

Ele me parou quando dava meu primeiro passo. — Diga a palavra, e eu vou tirar você desse lugar.

Apertei seu braço levemente. — Não há nenhum lugar para irmos, nenhum lugar seguro. E eu nunca poderia deixar Emma para trás.

— Nem eu poderia. Nós três, nós podíamos fugir. Você não precisa fazer isso.

— Não há outra escolha. — Rezei para que ele não tomasse conhecimento do acordo que eu iria fazer até que eu estivesse com seus papéis na mão.

Eu dei o primeiro passo e entrei no salão sob uma onda de aplausos doentios que ressoavam através das pedras embaixo dos meus pés. Harper

veio para o meu lado com relutância e guiou-me para a elevada plataforma centrada contra a parede distante. Mamãe sentou-se mais alto, com Archer sentado à sua esquerda e Nesvia à sua direita. Rideal estava de pé, uma sentinela silenciosa, exatamente atrás da cadeira de sua esposa, escaneando a multidão sem parar em um rosto por muito tempo. Nesvia acariciou a mão apoiada no ombro dela com carinho. Eu puxei meu braço dos de Harper e atravessei os pequenos degraus para o meu lugar ao lado Nesvia. Ele esperou até que tivesse terminado de subir antes de virar e sair. Antes que ele desse um único passo, dois guardas apareceram, vestidos identicamente, todo o glamour de tribunal. Eles o pegaram, cada um em torno de seu bíceps, mas em vez de conduzi-lo para fora, eles o arrastaram para frente e para o centro da multidão.

Meu olhar fitou à minha mãe. — Os escravos não são autorizados a assistir à cerimônia. Qual é o significado disso?

— Entretenimento, — Archer respondeu para ela, apontando. — E a garantia de que qualquer um de seus próximos planos não vai ser interrompido.

Eu segui o seu dedo e vi o que ele quis dizer. Os guardas meio que arrastavam Harper para um dos pilares de pedra. A assembléia abriu, revelando as correntes enroladas e brilhando em torno da base da coluna de mármore.

— O que você fará com ele? — Eu perguntei, esforçando-me para projetar uma fria indiferença enquanto meu coração queimava.

— Certifique-se que ele perceba que você pertence à Askara, à coroa, e não aos gostos dele, — disse Archer. — Ele deveria se sentir honrado. Poucos Evanti já testemunharam uma ocasião tão importante.

O centro do meu peito gelou. Esse tinha sido o seu plano desde o início. Eu podia ver isso agora. Nenhum de nós escapou ileso ontem. Archer estava satisfeito com sua própria antecipação, escolhendo saborear a vitória de hoje.

A dupla de guardas lutou para manter Harper sobre domínio enquanto enrolavam as grossas correntes em volta do seu peito e prendiam suas mãos para trás. Quando sua cabeça levantou, seus olhos brilhavam prateados e selvagens, passando por mim para olhar para o corredor oposto àquele onde havíamos entrado.

Eu segui sua linha de visão até onde Emma estava esperando por sua deixa. Do canto do meu olho, eu vi minha mãe gesticulando para ela se aproximar com um movimento rápido do seu pulso fino.

Meus dedos agarraram o braço da minha cadeira com as palmas da mão tão suadas que quase escorregaram das bordas arredondadas. Emma piscou para mim antes de andar calmamente para frente. Ela parou um pouco antes do palco e deixou cair o seu manto dos ombros. Sua pele clara enrubesceu diante do calor da sala. Com os ombros para trás e coluna reta, ela nos encarou.

Eu nunca quis nada tanto quanto eu queria estar ao lado dela, capaz de enfrentar este espetáculo juntas em vez de pisar a linha da propriedade que finalmente iria destruir todos nós. Servo e amante, ambos teríamos que sangrar da mesma forma. Mudando o meu foco de Emma, notei uma sombra parada espreitando de fora da sala.

— Ah, bom padre, você nos fez esperar. — Minha Mãe sorriu, acenando para o homem corcunda à frente.

Meu estômago embrulhou quando o sacerdote entrou no salão com passos demorados, arrastando um carrinho rangedor cheio de suprimentos para o seu trabalho. Ele parou logo atrás de Emma e desenrolou um fino pano preto, instruindo-a a deitar-se sobre ele.

Um rosnado baixo encheu meus ouvidos, chamando a minha atenção de volta para Harper. Seu rosto, encoberto com alguma emoção estranha com o seu olhar fixo em Emma. Quando ele olhou para cima, eu sufoquei com a

profundidade do desespero refletido em mim. Eu queria ir até ele, assegurar-lhe que tudo ficaria bem. Que isto acabaria logo e nenhum de nós teria que se lembrar de novo. Eu deveria ter aceitado sua oferta de fuga e encontrado os responsáveis pelos Evanti desaparecidos. Eu poderia ter implorado ou trocado nossa passagem para onde quer que tenham ido. Mesmo sem ter para onde correr e sem a certeza que alguém iria nos esconder, eu devia ter revidado, feito algo além de me submeter aos comandos de Archer.

O grito de dor de Emma trouxe minha atenção de volta. Ela se contorcia no chão, pressionado por um guarda que segurava cada membro enquanto forçava a sua submissão. Um instrumento semelhante a uma caneta de pena estava pronta na mão nodosa do padre. O brilho metálico do ouro resplandecia enquanto ele olhava para minha Mãe pela permissão, que ela concedeu com um único aceno.

O padre fincou a pena afiada no rosto de Emma e começou a inscrever a prova da posse em seu corpo. Quando acabou, runas roxeadas cobriam o seu rosto adorável em um labirinto de lindos padrões agonizantes. Eu não conseguia falar ou me mover. O corpo de Emma tremia com soluços assim como o rosto inchava e sangrava sobre o tapete preto embaixo dela. O padre guardava sua caneta e expôs a carne enrugada quando ele puxou as mangas do seu manto para cima de seus braços para libertar as suas mãos. Um sorriso triste de expectativa pairava em torno de seus lábios retorcidos.

— Minha Rainha, eu irei examinar a serva, Emmaline Gray, para garantir que a sua virtude está intacta e que está apta para servir sua senhora.

— Não. — Eu recuperei os meus pés. As coisas tinham ido longe demais. Tradição e Archer que se danem, eu não poderia sacrificar a minha irmã para garantir um futuro incerto. Eu tinha pensado que eu podia suportar isso, mas eu estava errada. Eu não poderia esperar tranquilamente, enquanto assistia seu sofrimento.

— Você precisa parar isso, Mãe, agora.

Decepção marcou seus traços perfeitos antes da pequena encenação de emoção deslizar sob a sua máscara de impassibilidade usual. Ela apontou para o padre abaixo. — Continue, — disse ela secamente.

Ele não teve a chance de tocar Emma de novo.

As paredes do grande salão balançaram, chamando a atenção de todos para onde a terceira atração da noite lutava dentro dos limites de suas correntes. O pilar preso às costas de Harper cambaleou em sua base, enviando pedaços de pedra que caíam do teto sobre a multidão abaixo. A corte irrompeu em caos.

Os gritos da nobreza ecoavam no salão enquanto as correntes que seguravam Harper se esticavam e retorciam, caindo em uma pilha disforme aos seus pés. Seu glamour desbotado e suas asas impulsionaram para fora, iluminando-se com sua fúria até brilhar em vermelho vibrante. Seus olhos prateados refletiram a onda de pânico dos convidados tentando escapar. Os guardas particulares de minha Mãe a cercavam, levando-a através de uma passagem escondida exatamente atrás do seu trono. Ela fugiu atrás de Nesvia, que tropeçou pelo caminho enquanto Rideal arrastava-a para a segurança. Apenas Archer ficou para trás.

— Eu não vou deixá-lo ter você. — Archer me empurrou para baixo, prendendo-me no chão abaixo dele. — Você estava disposta a fazer o negócio. — Ele rasgou minha túnica de lado. — Eu vi a aceitação em seu rosto, e você irá satisfazer o nosso negócio.

Se a morte tivesse um som, eu teria escutado-o, passando pela boca aberta do Evanti investindo em nossa direção. Sua promessa gutural, um rugido que estilhaçou a minha alma e a dele, de que todos os presentes iriam pagar. Harper atravessou o palco em um único salto e bateu o ombro contra a

lateral de Archer, rolando ambos para fora dos tapetes até o chão de pedra abaixo.

Os grunhidos e rosnados do combate masculino encheram meus ouvidos enquanto eu rastejava para fora da briga e encontrei um caminho para perto de Emma. Ela sentou-se depois que o padre correu para uma alcova, arrastando o seu manto de volta para o lugar, mas não se moveu, no entanto. Seu rosto estava virado para baixo, com seu foco centrado no chão entre seus pés.

— Emma?

Quando sua cabeça levantou, buscando o som da minha voz, eu vi porque ela não se moveu. Seu rosto estava inchado e machucado; a fina teia de tatuagens deslizava por sua pele. Suas pálpebras estavam inchadas e fechadas. Eu duvidava que ela pudesse ver alguma coisa. Mesmo seus lábios estavam contornados por um roxo pálido e inútil. Ela tentou me responder, mas não conseguiu.

— Está tudo bem. Você não precisa dizer nada. — Eu coloquei a mão dela na minha. — Estou aqui agora e vamos levá-la a algum lugar seguro.

Seu fervoroso murmúrio levou a minha mente a buscar um significado.

— Harper? — eu perguntei.

Ela apertou meus dedos em reconhecimento.

— Ele está bem. — Eu me virei para encontrá-lo. — Ele está exatamente... ali. — Quando eu o localizei, eu quase desejei que não o tivesse. — Oh, Zaniah, não, — eu sussurrei.

A batalha entre Harper e Archer tinha progredido. Seus peitos arfavam por ar, cada um lutando para manter a vantagem. Harper mostrou seus

dentes num rosnado frenético, muito alto e afiado para ser o sorriso que ele projetava.

Eu percebi então que ele gostava da maneira como os seus punhos não encontravam resistência. Até os seus olhos brilhavam enquanto ele espancava Archer quase inconsciente. Sua expressão mudou novamente, os lábios curvando para trás, sobrancelhas curvadas para baixo. Como se tivesse chegando a alguma decisão sobre Archer que ainda não tinha chegado.

Eu assistia a tudo em câmera lenta. O som tornou-se distante e confuso. Tudo parou com exceção da grande palma da mão de Harper esmurrando o rosto de Archer. O ponto de não ter mais volta veio, e foi quando Harper bateu implacavelmente a cabeça de Archer contra o chão de pedra em um único impulso descendente.

Meus olhos se fecharam, mas não consegui bloquear o som, denso e suculento, como a morte de um melão maduro. Harper levantou e se livrou do cadáver. Seus passos largos consumiam o chão entre nós.

Quando ele viu o rosto de Emma, ele caiu de joelhos ao lado dela e envolveu-a com os braços e as asas. Eu o vi cochichando com ela, mas não conseguia ouvir as palavras e provavelmente não era para ouvir. Elas eram uma garantia só para ela.

Uma determinação feroz queimou em seus olhos quando ele pegou Emma e parou. — Temos que sair deste lugar. Por favor, se você se importa com sua irmã ou comigo de alguma forma, você virá conosco.

Meus pensamentos desordenados, agarrando-se em uma certeza. Se ficarmos, Harper seria enforcado. Emma... eu não poderia pensar sobre o que seria feito a ela ainda. Eu não poderia deixar isso tudo por nada. Se parássemos agora, iria começar tudo de novo. Eu não podia deixar isso acontecer.

Eu dei a única resposta. — Mostre-me o caminho.

Ele quase sorriu. — Se conseguirmos chegar ao pátio, eu acho que posso voar e nos tirar daqui.

Eu não queria fazer o cálculo de um par de asas vezes o peso de três corpos. Eu queria saber aonde íamos, mas eu tive que correr para acompanhá-lo e não tinha fôlego para perguntas.

Pegamos um caminho sinuoso do grande salão que nos levou ao ar livre. Eu podia ouvir o zumbido baixo de vozes se aproximando. A forte batida dos pés descendo em uma busca urgente.

— Temos que sair agora. Os guardas estão vindo. — Eu não preciso lembrá-lo de quão precisos os arqueiros eram, ou que uma flecha errante poderia cortar suas asas e terminar nossa fuga antes que ela começasse. Eu não precisava, mas se ele não se movesse logo, eu iria.

— Dê-me uma segunda chance, Emma. — Eu ouvi seu choramingar suave, pouco antes dos braços dele em volta de mim, levantando-me quase até o seu quadril. — Você tem que segurar firme, e ainda assim isso pode não funcionar. Eu nunca voei com dois antes.

Segurei firme e rezei para que suas asas se desdobrassem e trabalhassem para nos manter no ar.

Depois de um tempo, seus golpes no ar se tornaram menos tensos. Seus braços tremiam em torno de mim, mas nunca afrouxaram seu aperto e nunca virou nosso curso. Meu queixo caiu em seu ombro, embora eu tenha tentado manter vigilância para o caso de sermos seguidos.

— Você pode fechar os olhos. Eu sei o caminho.

Eu queria perguntar como, mas dada a sua permissão, minha mente flutuou. A última coisa que ouvi foi o som suave de seu riso exausto debaixo da minha orelha.

Capítulo Quatro

O ombro largo de Harper rolaram debaixo da minha bochecha. — Nós chegamos. — Sua voz rouca terminou o trabalho de me despertar de um profundo sono.

Meus olhos se abriram para a escuridão. — Onde estamos?

Pisquei várias vezes, mas a minha visão não melhorou. Eu segurei Harper apertado perto do meu peito e meu pulso acelerou. Só o seu calor debaixo dos meus dedos me ancorava na vasta e cegante noite. Compreendi então que a nossa viagem havia durado tempo suficiente para que os efeitos do anestésico se dissipassem. Várias horas de viagem, pelo menos.

— Você não precisa ter medo. — Seu polegar acariciou minhas costas. — Está tudo bem. Estamos de volta em terra firme. Todo mundo está dormindo. É por isso que não há luz.

— Eu não tenho medo. — Eu o liberei do meu aperto de morte. Ele riu. — Eu nunca disse que estava.

— Você nunca disse onde estamos tão pouco.

— Você vai ver, — ele disse com um sorriso na voz. Eu senti seus pulmões expandirem antes que ele chamasse na noite vazia, — *Tergath nor*. Eu busco refúgio seguro.

Fiquei surpresa quando a voz de uma criança respondeu de volta

— *Tergath norta*, — respondeu a tímida voz. — Aqui não há refúgio seguro. — A resposta parecia ser um tipo de código. Mas isso não fazia sentido porque ele sabia o que dizer. O que significava que ele deve ter estado aqui antes, mas por quê? Como?

O som de sua risada me abalou completamente. — Marisol, deixe a vigília para as pessoas mais velhas e busque Dana.

— Sim, senhor. — Um suspiro suave, já desaparecendo ao longe, pontuou a sua resposta petulante.

— Ponha-me no chão. — Eu lutei no abraço de Harper, mas ele só me apertou ainda mais. Eu queria distância, ele se recusou a permitir. Perguntas derramavam de mim. — Como você sabe o nome dela? Que lugar é esse? Para onde você nos trouxe?

— Pare de lutar comigo antes que você bata em Emma. Você só vai se machucar se eu te colocar no chão agora, — ele disse. Eu parei relutante em admitir que ele tinha razão. — Dê apenas um momento mais.

Luzes brilhantes inundaram a área onde estávamos e permitiram que o meu olhar guloso bebesse em nosso entorno. Eu levantei a mão para proteger meus olhos do brilho quando Harper me deslizou para seu lado.

— Que lugar é esse?

Meus chinelos tinham caído em algum momento durante o voo. Quando meus pés tocaram o chão, eles encontraram lâminas de grama fria e macia. Árvores com longas agulhas verdes espetadas em seus galhos nos cercavam. Tudo parecia tão exuberante e vivo, comparado com o clima inóspito do deserto de Rihos.

— Esta é uma colônia Evanti, — respondeu ele. — A única desse tipo.

Eu o encarei assustada com a riqueza de conhecimento em sua voz. — Você conhecia este lugar?

Seu suspiro me preocupou.

— Eu tenho muito que explicar. — Seus dedos se arrastaram em meu braço. — Eu nunca imaginei que eu teria a chance de mostrar-lhe a colônia. É tão cheia de possibilidades. Todos nós podemos construir uma vida melhor aqui juntos.

Eu me prendi no ponto mais crítico — ele queria ficar conosco. O resto poderia ser colocado em perspectiva quando este novo mundo parasse de girar em torno de mim.

Atrás de nós, uma porta abriu e fechou com um estalo afiado, chamando a nossa atenção.

— É você, Harper? Eu não esperava vê-lo de volta tão cedo. — A forma feminina rompeu a margem externa da piscina de luz. — Marisol disse que você trouxe convidados?

Cerrando os olhos contra o brilho, eu vi que ela estava em uma plataforma de madeira conectada a uma pequena casa a poucos metros de distância. Ela veio para frente, embalando seu estômago dilatado com uma mão.

A mulher parou a poucos passos de distancia com seu pálido olhar azul sobre Emma e eu. O que pode ter começado como um sorriso desapareceu quando ela olhou rapidamente de volta para Harper. — O que você fez?

— Eu matei o consorte da Rainha de Askaran e sequestrei uma princesa, — ele disse, em seguida, fez um gesto para cada uma de nós em volta. — Dana Evans, esta é a princesa Madelyn DeGray e sua irmã, Emmaline Gray.

Dana massageou suas têmporas. — Você nunca faz as coisas pela metade, não é?

Ele fez uma careta em resposta. — Onde estão Marcus e Clayton?

— Eles foram a uma missão de recuperação. — Sua mão alisou a barriga arredondada. — Eu não acho que eles estejam de volta até o fim da outra semana.

— O timing deles é perfeito, como de costume. — Escondido nas palavras afiadas ouvi respeito, talvez carinho. Minha cabeça doía por causa das perguntas que pressionavam meu cérebro. Não havia mais ninguém perdido? Confuso? Será que ninguém mais queria saber como Harper sabia como vir até aqui?

Interrompi a brincadeira casual deles. — Eu não entendo. Como você conhece essas pessoas? Onde fica essa colônia?

Harper deu um passo vacilante para frente, tremendo de exaustão e ainda trabalhando sob o peso inconsciente de Emma.

— Eu te trouxe para o reino de barro. — Ele aproximou-se de mim, mas eu me afastei uma segunda vez. — Esta colônia é o lugar onde nossos filhos são criados e nossas mulheres são mantidas em segurança. Isso tinha que permanecer em segredo.

As palavras brotaram dos meus lábios. — Até mesmo de mim? — Imediatamente, eu desejei que elas não tivessem.

— Especialmente de você.

— Oh. — Era o melhor que eu poderia dizer em resposta à linha que tinha criado entre nós. Eu limpei minha garganta e fingi interesse em Dana.

— Então, esse é o reino de barro? — Eu observei sua despenteada aparência de sono e o vestido rosa suave que caia um pouco abaixo dos joelhos. — Eu nunca vi um humano fora de Rihos. — Dana protegeu sua barriga quando percebeu que isso prendeu minha atenção. — Vocês têm criadores?—

Ela riu e mexeu um dedo no ar. As luzes brilhavam de uma pequena pedra presa a uma faixa em torno de seu dedo. — Nós nos casamos aqui, querida. Nada acontece sem o consentimento pleno de ambos os parceiros. Estamos formando famílias, tentando dar a nossos homens a vida e a paz que eles merecem.

Harper apoiou uma mão no meu ombro enquanto falava. — Perdoe-a. Maddie apenas deixou o castelo de verão uma meia dúzia de vezes em sua vida. Ela não conhece nada melhor.

Calor percorreu meu rosto. Eu sabia que era inocente, mas ouvi-lo dizer isso..., como se estivesse dando uma desculpa para uma criança pequena. Dei um passo para trás e desejei que as sombras pudessem me esconder.

— Eu não tinha idéia. — Dana colocou a mão sobre o coração. — Eu nunca conheci um Askaran antes. Nós só ouvimos histórias dos homens... e elas não são bonitas.

— Não, — eu concordei. — Eu não acho que elas seriam.

— Dana. — Harper mudou Emma em seus ombros e nos seus braços. — Você tem um quarto que possamos usar?

— Oh, eu não sei onde está minha cabeça. Hormônios, eu acho. — Ela acenou para nós, pisando na sombra de uma porta. — Vamos lá, eu sempre tenho um sobressalente pronto apenas para o caso. — Ele seguiu até a porta antes de virar para me localizar. — Você vem? — Ele colocou Emma mais perto para se comprimir através da entrada estreita.

Parada na grama, eu estava cercada por um mundo alienígena, no centro de uma colônia que eu nunca sonhei que existia. Harper era minha salvação, a única coisa que me resta que ainda faz sentido. Eu acenei e apertei o meu manto para afastar o ligeiro frio que eu não tinha notado na minha confusão.

Dentro, um perfume floral esmagador fez cócegas no meu nariz e me fez espirrar. Caminhamos por um corredor sombrio, e eu corri minhas mãos em ambos os lados das paredes texturizadas para manter meu equilíbrio. Nossa anfitriã nos levou a uma pequena sala ocupada por uma grande cama de dossel e preenchida com uma variedade de mobílias simples, mas combinando entre si.

Edredons estampados estavam dobrados em pilhas perfeitas ao pé da cama. Harper derrubou-os de lado quando abaixou Emma. Ela acordou atordoada quando suas costas se encostaram, no colchão, com os olhos desfocados esquadrinhando o quarto até eles se acenderem em mim. Em seguida, os ombros caíram e ela afundou em seu travesseiro. Acenando com a mão, Emma me chamou para perto dela. Eu me arrastei até a cama macia e ajeitei sua túnica para cobri-la melhor.

— Como você se sente? — Eu perguntei aliviada pelo inchaço ter diminuído o suficiente para ela abrir os olhos e uma parte dos lábios em uma exalação triste.

— Como se o meu rosto tivesse sido pisoteado por cavalos... com lâminas de barbear embutidas em seus cascos.

Sua confissão me atravessou como um soco no intestino.

— Eu deveria ter feito alguma coisa, dito alguma coisa. Eu poderia ter me esforçado mais em detê-los. Eu poderia ter recusado a oferta de Archer imediatamente.

Seu braço se enrolou em volta do meu quadril. — Se eu não tivesse sido tão determinada a provar que eu poderia segurar qualquer coisa que meu Pai jogasse em mim, eu teria salvado a mim mesma. — Ela me deu um apertão. — Nós escapamos. Nada mais importa. — Ela olhou para Harper. — Estamos seguros aqui?

Ele balançou a cabeça. — Eu preciso falar com Marcus. Ele é o homem responsável. Ajustes terão que ser feitos, permissões concedidas, mas a colônia é bem protegida. Se eles optarem por lhe oferecer asilo, a rainha não te encontrará aqui.

— Mas ela vai tentar, — eu digo certa disso ao menos.

Ele desarrumou seu cabelo com uma mão descuidada, mirando uma pergunta a Dana. — Quanto tempo você disse que eles vão demorar?

— Outra semana, pelo menos.

A mesma mão alisava seu rosto, que estava vincado por rugas de profunda preocupação

— Timing perfeito, — ele murmurou novamente. — Nós não podemos arriscar Marcus ou Clayton, ou os outros, e eles não têm nenhuma maneira de saber o que eu fiz até que seja tarde demais. — Seus braços cruzados sobre seu peito. — Eu tenho ir falar com eles. Eles têm de saber o que aconteceu e que as estacas foram levantadas.

Dana virou-se para sair. — Eu vou chamar Demétrius. Ele está fora da escala este mês, mas ele não se importará de fazer a viagem para levar a sua mensagem. — Seus dentes apertando seu lábio inferior. — Eu acho que todos nós vamos dormir melhor sabendo que os outros estão avisados.

Ele a pegou pelo braço levemente. — Não, isso é a minha bagunça, e eu vou limpá-la. — Seus olhos preocupados procuraram os meus. — Tenho de lhe pedir para confiar em mim. Você pode fazer isso?

Eu senti meus olhos alargarem-se com a sensação de pavor. Sua voz tinha se tornado articulada, e isso me assustou. — Você sabe que eu confio em você.

Ele já parecia aliviado. — Eu sei que é pedir muito, mas eu preciso que você faça isso. Marcus e Clayton são muito importantes para mim. Eu nunca me perdoaria se eles se prejudicassem por causa da minha impulsividade. — Ele pausou. — Eu estou pedindo a vocês duas que fiquem aqui por alguns dias. Apenas o suficiente para eu transmitir a mensagem e voltar para casa.

Casa, ele disse. Como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Talvez para ele isso seja.

— Você está nos deixando. — Eu tentei manter o nível e a calma em vez de ceder à agitação do medo me consumindo com o pensamento de ficar sozinha aqui sem ele. Ele poderia conhecer e confiar nesses estranhos, mas eles não eram ninguém e nada para mim.

— Eu só vou ficar fora por alguns dias. Quando eu voltar para casa, vamos conversar. Eu vou responder qualquer pergunta que você tenha para mim.

Os dedos de Emma se esticaram no tecido mole da mina túnica. Eu não queria ser deixada para trás também, mas que escolha nós tínhamos?

— Você deveria ir, — ela disse. — Se a nossa fuga põe em risco a vida dos outros, então nós não seremos tão egoístas em te manter aqui para brincar de babá.

— Ela está certa, — eu concordei. — Você tem que ir. Nós ficaremos bem até você voltar.

Ele nos deu um agradecido sorriso e apoio à mão no ombro de Dana, tornado-se sério ele falou conosco. — Vocês são hóspedes da pousada Evans, que é a contribuição de Dana para a colônia. Ela também é responsável pelo registro de todos os novos colonos. — Ele se virou para ela. — Pegue os registros e vamos cadastrá-las.

Ela ergueu seu indicador para sinalizar que precisava de um momento e depois saiu para o corredor. — Deixe-me correr para o escritório. Eu já volto. — Móveis se arrastaram no quarto ao lado como uma cadeira deslizando sobre o chão descoberto.

Nós fomos deixadas a sós com Harper, cuja atenção já parecia estar em outro lugar. Ele puxou um pedaço de couro do bolso e enrolou-o em torno de seu pulso. Reconheci a pulseira que eu fiz para ele anos atrás com cada um dos nossos nomes trabalhados em contas. Ele freqüentemente a usava para dar sorte.

Ele remexeu no couro gastado e, olhando para cima, seus olhos encontraram os meus. Seu olhar amaciou. Comprimi meus lábios até pulsarem. Não foi agradável, mas também evitou que algumas palavras escapassem da minha boca.

— Não olhe para mim desse jeito. Você não entende. Há tantas vidas mais em jogo além das nossas próprias. Não era o meu dever tomar esta decisão. Gostaria de ter...

— Encontrei. — Dana voltou para dentro do quarto, agitando duas pilhas de papel grosso colocadas em um par de pastas coloridas. Ela nos olhou. — Devo esperar lá fora?

Ele respondeu-lhe antes que eu pudesse. — Não, por favor. Eu quero saber que Maddie e Emma estarão registradas antes de sair. Teremos bastante tempo para respostas mais tarde. — Ele me lançou um olhar aguçado. — E não pense que eu não ouvi o que você disse a Emma. Embora pouco importe agora, acho que ambos temos confissões a fazer.

Concordei, querendo mais do que qualquer coisa encontrar alguma distração fora da ferida que fazia cada respiração mais difícil para mim do que a última.

Felizmente, Dana tinha um discurso todo decorado e bem ensaiado. Ela colocou algo sobre o rosto, uma moldura que encaixava exatamente atrás das orelhas e ampliava seus olhos por trás dos duplos círculos transparentes. Eles pareciam ser uma ajuda para leitura, apesar de eu duvidar que qualquer detalhe, não importa o tamanho, escapassem de seus olhos ávidos.

— A cada membro da colônia é dado alojamento, uma modesta quantia de dinheiro e emprego. A cidade aqui é muito pequena, então as opções são limitadas. Basicamente o primeiro a chegar, é o primeiro a ser servido. — Ela abriu uma pasta azul vibrante, lambeu o polegar e folheou as páginas. — Vamos ver o que temos. A mercearia, o salão e o restaurante estão vagos. — Ela olhou por cima da borda para nós. — Se você não se importar de trabalhar para alguém, há outras opções, mas eu pensei que você poderia gostar de estabelecer o seu próprio lugar aqui, devido a sua..., hum..., situação excepcional. — Ela tirou a moldura e se inclinou mais perto, como se fosse confessar um segredo. — Eu não estou dizendo que você tem algum problema, lembre-se. Esta é uma comunidade muito fechada e todos nós desejamos ajudar uns aos outros, mas nós nunca tivemos Askarans buscando refúgio aqui. Eu só não quero ver os sentimentos de ninguém se ferindo. Isso é tudo. — Ao meu lado, Emma falou rangendo os dentes enquanto fazia força para se sentar. — Como vamos viver se ninguém estiver disposto a pagar por nossos serviços? — Sua confusão anterior havia clareado e ela havia mudado para o modo de sobrevivência. Sentamos-nos ombro a ombro.

O simples contato com ela me tranquilizou. Ajudou-me a lembrar que mesmo se Harper partisse, eu não estaria sozinha. Eu teria Emma, e isso seria o suficiente.

— Oh, nós temos uma quantidade razoável de tráfego de passagem. Nós somos uma cidade com uma espécie de parada de caminhões. Pessoas vêm e vão. Nós apenas fazemos o nosso melhor para não incentiva-los a ficar. — Ela sorriu. — Então vocês deverão ficar bem.

Emma murmurou baixo, considerando. — Nós ficaremos com o restaurante. Não importa os seus sentimentos para nós, todo mundo tem que comer. Se você tem abundância de viajantes, então a nossa história vai ser irrelevante. — Ela chocou contra mim. — Será que isso soa bem para você?

— Sim. Até nós descobirmos que tipo de recepção nós vamos receber, temos que nos concentrar em nossas necessidades.

Emma tocou um dedo manchado de sangue contra o frio e branco papel nas mãos de Dana. — O restaurante é o que gostaríamos. Como isso funciona?

— Bem, é tudo bem simples, na verdade. — Dana repetiu a lambida rápida em seu polegar e o arrastou por uma nova pilha de papéis. — Clayton Delaney é o proprietário do imóvel. — Ela fez um som de estalo com a língua. — Já que ele nunca esteve aqui, eu tenho o poder de decidir, por isso não será difícil tornar isso oficial pela manhã.

— Será que ele vai se importar se você der a propriedade dele?

— Clayton? — Ela riu. — Não, é assim que funciona para todos. A cidade é o nosso santuário. Você só vai encontrar Evanti, suas esposas e filhos aqui. Temos humanos ocasionalmente. Alguns até trabalham na cidade, mas eles são na maioria membros da família ou amigos de demônios. — Ela olhou para cima. — Caso contrário, como eu disse, nós nos certificamos que os transeuntes continuem passando, a menos que um dos machos nos interesse. — Seu olhar mudou para Harper. — Você sabe como eles são quando eles colocam alguma coisa em sua mente. Dessa maneira grandes e maus demônios, eles sem dúvida, agem rápido. Ela tirou uma caneta marmorizada de seu bolso e acenou com a ponta descoberta entre mim e Emma. — Eu suponho que vocês gostariam de viver juntas?

— Sim, — dissemos em uníssono.

Ela folheou outro arquivo e fez anotações. A pasta amarela fluorescente me fez olhar de soslaio e, finalmente, desviar o olhar. Eu esperava que as cores desagradáveis não fossem normais aqui.

Dana se endireitou. — Nós temos alojamentos temporários que vocês podem usar até uma casa adequada poder ser localizada. — Ela esfregou círculos lentos na suas pequenas costas. — Como eu disse antes, a cidade é pitoresca para começar e os nossos números continuam crescendo. Vocês podem se sentir apertadas por um tempo, mas nós vamos encontrar um lugar que vocês duas gostem.

— Obrigada pela sua gentileza. — Emma repetiu meus sentimentos.

— Vocês duas são muito bem vindas. — Dana foi para perto da porta. — Mais uma coisa antes que eu possa começar a preparar sua documentação. Vocês já consideraram mudar os seus sobrenomes? — Ela franziu a testa. — Isso pode ajudar todos a esquecer mais rápido se eles não ficarem ouvindo o nome DeGray ou seus derivados por aí.

Dei de ombros. — Eu não sou a favor do meu sobrenome. Seria bom poder compartilhar um nome em comum com a minha irmã.

Emma recostou-se contra seus travesseiros e suspirou cansada. — Eu concordo com quaisquer medidas que você considere necessárias para manter Maddie segura.

Harper desencostou da parede. — Dana vai fazer com que nenhuma de vocês seja incomodada. — Caminhando para a cama, ele abaixou-se para dar um beijo no meu rosto, e, em seguida, levantou a mão de Emma para passar os lábios em seus dedos. — Eu não quero deixar nenhuma de vocês desse jeito, mas cada minuto que eu estou aqui é o tempo que bons homens estão tropeçando cegamente lá fora.

— Nós podemos nos entreter por alguns dias. — Suspirei, exausta demais para sentir alguma coisa. — Não se preocupe conosco.

Ele caminhou até a porta e tocou na pulseira em sua mão antes de olhar para trás até nós. — Eu te amo, Maddie. Não importa o que aconteça, saiba disso.

A boca de Dana caiu aberta. Ela dobrou os arquivos tão perto de seu peito quanto à barriga permitia. — Eu não sabia..., ela é sua?

Sua curiosidade aumentou a minha própria. Meu coração alojou-se em minha garganta enquanto eu esperava para ver se ele iria me reivindicar como sua.

Seu sorriso arrogante fez uma aparição final. — Ela é o meu coração e sempre será.

Suas palavras doces acalmaram o pior dos meus medos. Qualquer outra coisa que ele fizesse ou dissesse, e onde quer que ele fosse sempre voltaria para casa, para mim.

Eu ofereci-lhe um sorriso, e desta vez, eu quis dizer isso. — Apenas tenha cuidado.

— Como quiser, minha senhora, — ele brincou.

Dana brilhava. — Bem, bem. Como os poderosos caíram. — Ela o seguiu até o salão, parando exatamente fora da porta. — Será que as suas garotas gostariam que eu deixasse a luz acesa ou apagada? — Ela olhou para uma corrente de ouro fino em torno de seu pulso. — São cerca de duas horas da madrugada, então ninguém vai estar de pé por algumas horas ainda. — Os olhos de Emma já estavam fechados. — Desligue. Por favor.

Eu deitei ao seu lado, envolvendo o meu braço sobre sua cintura e enfiando-o entre o seu lado e o colchão. Então a sala ficou às escuras.

— Bons sonhos.

— Boa Noite.

Eu me debati acordando encharcada em suor frio. Jogando de lado as cobertas enroladas em volta da minha cintura, eu estava com um pé no chão duro antes que percebesse onde estava. Não em casa, mas segura. A explosão de energia ansiosa diminuiu até meus ouvidos se encherem com o lamento das sirenes perfurando a noite.

Eu pulei com um grito de agonia que surgiu de algum lugar logo além do nosso quarto. Portas se abriram violentamente na sala enquanto a casa despertava. Vozes masculinas enviavam ordens afiadas e emitiram palavras suaves antes de nos deixar em um silêncio forçado.

O colchão mudou. Emma endireitou-se e fechou os dedos fortes ao redor do meu pulso, segurando-me no lugar.

— O que você acha que está acontecendo?

Emma ficou em silêncio, mas ela quase vibrava com a expectativa. Ela balançava as pernas ao longo da borda da cama. — Fique aqui. Eu vou encontrar Dana e perguntar o que está acontecendo. — Fiz uma pausa. — Será que devemos ficar preocupadas?

A porta do nosso quarto brandiu completamente aberta preenchida pela silhueta curvilínea da Dana. Suas mãos frenéticas esbarravam ao longo da parede. Um estalido seco e a luz, banhou a sala.

Ela ofegava profundamente. — Eles se foram.

Dor contorcia suas feições, lavando a cor de seu rosto. Ela segurava a barriga com as mãos e gemeu com voz rouca, inclinando-se para o batente da porta e escorregando para o chão acarpetado. Seu nariz vermelho escorria e círculos escuros preenchiam as cavidades de ambos os olhos.

— O que você quer dizer, com se foram?— Eu perguntei. — Harper deveria ter partido horas atrás.

A segunda mulher chegou e abaixou-se. Dana bateu longe as mãos dela. Quando uma terceira mulher apareceu, elas passaram seus braços ao redor de Dana e colocaram-na de pé. Quando a respiração dela foi capturada em um soluço, a sala girou ao meu redor em círculos vertiginosos. Eu me soltei de Emma e fui para os meus pés.

— O que aconteceu? — Eu olhei entre as mulheres. — O que há de errado com Dana?

— Ela entrou em choque, — a mulher da esquerda informou.

Pela direita, a outra mulher acrescentou, — Ela está entrando em trabalho de parto. Temos de levá-la ao hospital.

Minha pele formigou com a consciência, e virei-me para encontrar Emma em pé atrás de mim. Sua testa enrugada com pensamentos e implicações que a minha mente febril não compreendeu.

— O que vocês não estão nos contando? — Emma perguntou calmamente.

Nenhuma mulher respondeu.

— O grupo de resgate, — Dana ofegante. Sua respiração dura serrava de dentro para fora, balançando a pequena moldura com cada gole instável. — Eles ouviram sobre a cerimônia... Os guardas foram dobrados... Eles foram atacados no caminho de volta para a colônia.

Escorregando amolecida pelas mãos das mulheres, ela pousou com uma expressão sem graça pelo chão com o corpo centrado em uma piscina de tecido rosa da sua camisola.

— Eles estão mortos. — Seu corpo tremeu com seus gritos. Cada soluço causava violentos espasmos em suas costas. Ela opôs-se ao chão antes de se enrolar em uma bola ao seu lado.

Meus pés me guiaram para frente. — E Harper?

Dana não respondeu. Eu teria arrancado as informações dela se Emma não tivesse pisado ao meu lado e virado a atenção dela para mim.

— Onde está Harper? — Eu gritava para ser ouvida acima do seu choro. — Onde ele está?

— Ele não voltou — a mulher à direita rosnou. — Temos três mortos e mais dois machos estão desaparecidos. Os corpos deles eram incapazes de se recuperar. Isso responde a sua pergunta?

Eu não percebi que eu tinha investido contra elas, apenas senti o peso da minha irmã me ancorando no seu lugar. Minhas unhas alongadas com pontas negras em garras. Eu quase não registrei a pressão acentuada de Emma bloqueando meus braços atrás das minhas costas.

Eu investi novamente, alimentada por meu desespero em encontrar Harper. Emma me antecipou, forçando meu cotovelo para cima até o meu pulso ficar no nível da minha espinha. Então me bateu violentamente no chão e colocou-me debaixo dela.

— Pare com isso. — Seu joelho estava cravado na parte de baixo das minhas costas e seus braços estavam entrelaçados nos meus, em um abraço que eu não tinha esperança de quebrar. Sua voz rouca desmoronou. — Ele se foi, *vinda koosh*. Nós o perdemos.

— Não! Elas estão errados! — Eu gritava e debatia embaixo dela. — Eu tenho que vê-lo. Eu tenho. — Eu não conseguia pegar ar suficiente. Eu inalei, sentindo os meus pulmões expandirem contra as minhas costelas como se eu estivesse me preparando para gritar. Então eu percebi que as sirenes haviam

parado. Os lamentos perfurantes saltando para fora das paredes da pequena sala eram meus.

— Ele não pode ter ido, — Eu chorei, abaixando a minha cabeça no chão de madeira. — Ele não pode ter ido.

Eu acho que eu parei de respirar.

Capítulo Cinco

Earthen Realm, cinco anos depois

Emma cruzou nosso alpendre descascado vestindo um grosso pijama de flanela dobrado dentro de botas de carneiro. Ela ia carregando encolhida dentro de sua jaqueta acolchoada, um par de canecas fumegantes em sua vigília. — Madelyn Toliver, Eu quero seu rabo dentro de casa neste instante. — Nuvens de fumaça quente saíam da sua boca, pairando no ar entre nós.

— Eu estava quase pronta para entrar. — Empurrando com meus joelhos, deixei cair o livro, que eu estava pretendendo ler durante as últimas horas, sobre a mesa de vime. A mesa e o conjunto de duas cadeiras foram cortesia da queima de estoque do Home Depot no último verão. Junto com uns poucos galões de tinta, a mobília representava nossa primeira compra como donas de casa.

Ela afundou na cadeira de balanço ao meu lado, e depois de uma breve pausa nossas cadeiras rangeram. — Beba isso.

Ela apertou uma das canecas na minha mão. — Marshmallows extra, do jeito que você gosta.

O primeiro gole do chocolate queimou minhas papilas gustativas. Pelo segundo gole, eu aceitei o fato de que uma semana se passaria até que eu pudesse sentir gosto novamente.

— Você está vendo aquela coisa branca e macia? — Emma apontou para um ofendido floco de neve, seguindo-o com o dedo até que ele se juntou aos outros ofensivos flocos na desordem a nossa frente.

— Sim. — Eu tomei outro gole, gostando do modo como o chocolate descia esquentando o meu interior. Eu bufei no rosto dela com sarcasmo. — Isso é o que se chama de neve.

Os olhos de Emma se estreitaram em fendas finas. Isso escondeu seus arabescos lavanda. Ela levantou sua caneca e soprou o vapor, mas a abaixou sem beber. — Está esfriando aqui fora. — O olhar dela me varreu dos pés a cabeça. — Você sabe disso, certo?

Eu olhei para o meu corpo, checando para ver se ele estava todo coberto. Um casaco de lã rosa pink estava fechado até abaixo do meu queixo, cobrindo um suéter de gola alta do mesmo tom. Eu até tinha vestido a capa rosa de malha que Emma havia pendurado no gancho de casacos ao lado da mesa de correspondências, mas minha dignidade me proibiu de usa-lo mesmo que fosse para ficar na minha própria varanda.

Eu me senti como uma daquelas bonecas Barbie de menininhas ricas— toda plástico e rosa. Vestida pelas mãos de minha irmã de oito anos de idade, na maior parte dos dias eu poderia ter fingido ser uma figura icônica já que nós duas invocamos os sonhos de alguém para nos satisfazer, para nos fazer real.

Eu senti como se minha etiqueta estivesse aparecendo e não houvesse dinheiro para pagá-la. Os olhos dela ainda estavam em mim. — O que?

— Seus pés.— Emma apontou. —Eu não acho que já os tinha visto com essa adorável sombra azul antes.

A dormência não tinha me deixado perceber a temperatura congelando os meus membros durante horas mais cedo. Eu bati o meu pé, girando o tornozelo para trás e para frente. — Bom.

Ela pegou o meu pé fora do ar. — Isso é o tipo de detalhe que um humano não pode esquecer. — Ela esfregou as mãos, ainda quente pelo chocolate, pela minha pele gelada. — Um humano poderia pegar uma pneumonia ou aquelas ulcerações que o frio causa ou qualquer coisa.

— Eu não percebi que tinha ficado tão frio.

Emma ergueu uma sobrancelha perfeitamente feita. — Você não percebeu que seus pés estavam virando cubos de gelo?

— Não, eu não percebi. — Alfinetadas de desconforto picavam o meu pé enquanto o sangue recomeçava a circular lentamente.

— Olha me desculpe. Eu não sei o que há de errado comigo hoje.

Ela deu uma exalada afiada que terminou em um suspiro. — Sim, eu sei. Nós duas sabemos. Hoje faz cinco anos desde que Harper..., desde que ele não voltou para casa. Eu sei que esse dia sempre te deixa para baixo, mas existem coisas que você precisa...

— Você viu isso? — Eu me inclinei para frente, olhando para a estrada em seu caminho sinuoso para a cidade. Eu teria visto um flash preto contra a brancura da neve? Flocos rodaram pelas asas ao invés de pelo vento?

Emma estalou os dedos a uma polegada do meu nariz. — Você está me ouvindo?

— Eu achei ter visto alguma coisa.— Um ciclone de neve girou para baixo da estrada, formando uma graciosa e fantasmagórica dançarina. Ela me olhou, e não para o diabo de neve que me irritava. — O quê?

— Nada. — Ela alisou as mãos pelo rosto como se eu a tivesse cansado e não a hora adiantado e a longa caminhada que nós fizemos hoje, — Você não pode continuar desse jeito, não é bom para você

— Eu posso cuidar de mim mesma. Não sou mais a princesa mimada de um reino distante.

— Você nunca foi. — Os olhos dela espelharam os meus próprios fantasmas. — Você foi uma brava princesa resgatada de um pesadelo por um belo príncipe. — Ela continuou a esfregar os meus pés. — Mas isso faz cinco anos, e outras mulheres estão falando.

Eu peguei a crosta de um marshmallow seco colado na boca da minha caneca. — O que elas estão falando?

— Elas acham que você esteve de luto por muito tempo. — Ela apontou minhas ofensas com os dedos. — Você só sai de casa para trabalhar, passa os seus dias em caminhadas, não tem nenhum amigo... — ela viu minha boca aberta, —... e não, eu sou sua irmã então não conto. Todo mundo está preocupado com você.

— Por que eles estão preocupados comigo? Eu faço o meu trabalho, pago os dízimos que sustentam a colônia. Nós estamos fazendo progresso no reembolso do empréstimo que fizemos com o Sr Delaney.

— Vê? Esse é o ponto exato, — Emma descansou as mãos no topo dos meus pés. — Isso não é o empréstimo que temos que pagar. O café foi um presente para nos ajudar a começar nossas novas vidas com um propósito, um sentimento de posse e de pertencer a uma comunidade. Essa é a principal razão pela qual pagamos o dízimo.

— Eu não quero dever nada a ninguém, certamente não a algum benfeitor, por mais benevolente que seja.

Emma bufou. — Clayton é pouco benevolente.

Eu dei de ombros. — Eu não saberia dizer.— Menos de uma pessoa passou pelo café durante meu expediente, eles não fizeram nem um *ping* no meu radar social. De tudo o que eu tinha ouvido sobre Clayton Delaney, ele fazia o tipo de *ping* que faz as cabeças girarem, os maxilares caírem e o entusiasmo excessivo não tem nada a ver com o prato especial de Emma escrito no quadro.

Durante os cinco anos que eu vivi em Earthen Realm, ainda não havia cruzado com o ilustre Clayton, filho do falecido fundador da colônia, Marcus Delaney. Desde que seu pai morreu no ataque repentino que me custou Harper, eu tinha apenas tido contato com sua assistente, Dana. Como nossa comunidade era unida — me excluindo — eu fazia idéia de que ele se achava muito importante para aparecer no nosso pequeno café. Isso, ou os rumores estavam certos, e ele realmente passava todo o tempo fora do reino salvando almas perdidas e trazendo-as de volta para cá para recomeçar. Se esse último fosse verdade, então eu não tinha nenhuma utilidade para ele. Eu já tinha perdido um homem que teimava em ser meu salvador, e não suportaria essa perda de novo. Eu balancei para trás, tomando os meus pés comigo. — Olha, se você não quer ajudar a fazer os pagamentos, eu vou tira-los do meu próprio salário.

— Isso não é sobre dinheiro. — Emma bateu a caneca vazia nas minhas mãos. A caneca quebrou em uma chuva de cerâmica aos meus pés. — É sobre você se esconder, viver em negação, e não viver totalmente. Você fala com mais freqüência com o guarda do dia do cemitério Marchland do que com os homens e mulheres que vivem a duas casas abaixo da nossa. Você não pode viver entre os mortos.

Eu me inclinei para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Eu não sou sua responsabilidade.

Ela pegou meu rosto entre suas mãos. — Eu estou ligada a você por amor, não por obrigação. Você é a única presa ao passado, não eu. É tempo de você começar a viver ou seguir adiante morrendo. — Ela levantou-se, deixando a cadeira de balanço rangendo. — De qualquer forma, eu estou lavando minhas mãos até que você lide com isso. Eu quero dizer *realmente* lide com isso.

Ela andou até a porta da frente e a bateu solidamente, deixando os vidros da janela tremendo como seus dentes. Se não estava conseguindo te matar mais... oie no frio.

Espalhada embaixo da minha cadeira de balanço, a caneca era parte do passado, mas o ultimato de Emma me fez pensar comigo mesmo se talvez eu não estivesse errada.

Capítulo Seis

Rolei uns pares de laranjas por toda a bancada, cortando-os no meio, então os colocando virados sobre o espremedor elétrico.

— Emma —, eu encarei o teto em cima da minha cabeça e gritei mais alto. — O café está pronto. Venha buscá-lo.

Durante os constantes sons de espremer da laranja, eu ouvi o estridente som do telefone e agarrei com pegajosos dedos de suco de laranja. — Olá?

— Olá, é Dana, eu só queria ligar e ver como você está passando esta manhã. — Um segundo de silêncio. — Bem? Como você está?

— Obrigado por pensar em mim —. Estou me sentindo muito melhor hoje. — Eu sorri, pensando que pela primeira vez aquelas palavras soaram verdadeiras.

— Emma e eu tivemos uma pequena conversa, e eu acho que estou finalmente pronta para colocar a memória de Harper para descansar. — Eu resgatei o bacon da frigideira, usando a espátula para soltar as tiras frita em um prato com papel toalha. Então, eu apaguei a cintilante chama de gás do fogão.

— Eu estou tão contente de ouvir isso.— O entusiasmo de Dana subiu algumas notas em sua voz — O quinto ano marca o fim... — Eu me virei, ouvindo o chão ranger sobre minha cabeça acompanhada pela batida monótona de pés na escada.

— Você precisa falar com a Emma?

Dana parou de falar no meio da frase. — Eu — É claro seria adorável.

Não seria justo? Eu falei com raiva, cobrindo o som com uma tosse. Emma entrou devagar na cozinha. Seu grande par de olhos ainda estavam meio fechados de sono e seus rebeldes cachos loiros achatados para um lado da cabeça.

Apontei para o receptor situado entre meu queixo e o ombro. — Dana no telefone.

Emma pegou o telefone, implorando-me com um olhar turvo antes de se dirigir a Dana. — Humm?

Cortei pequenos pedaços de manteiga e derrubei xarope sobre nossos waffles enquanto Dana falava e Emma grunhia em resposta. Então eu defini dois lugares na mesa e sentei na minha cadeira a tempo para assistir as três tentativas que Emma levou para pendurar o aparelho com sucesso de volta em seu suporte na parede. Ele caiu ruidosamente sobre o balcão onde ambas ignoramos o fato. Era mais seguro assim.

— O que Mary Sunshine quer com você tão contente e cedo?— Eu perguntei envergonhando-a, principalmente. Emma olhou com os olhos inchados, esfaqueando um pedaço de waffle* com mais força do que o necessário e empurrando-o em sua boca depois de perder o buraco nas duas primeiras tentativas. Eu empurrei uma fumegante caneca de café preto em sua direção com a ponta do meu dedo médio.

Suas narinas inflamaram olhos ficando selvagens enquanto seus dentes se arreganharam em baixo rosnar. Vislumbrei a velha Emma em sua expressão, a que teria esfaqueado alguém com uma agulha de crochê ao invés de tricotar luvas.

Eu pressionei minha mão sobre a mesa, baixando meu olhar dos seus olhos para seu ombro, submissa e desinteressada, uma postura que eu tinha aperfeiçoado entre a puberdade e o espancamento de Archer.

A mão de Emma fazia um som enquanto ela tamborilava os dedos na mesa como se magnetizada, movendo com demasiada força, quase derrubando seu prêmio no processo. Felizmente, pareceu mais apático do que letal no período da manhã.

Depois que ela conseguiu queimar o dedo no borbulhante líquido e adicionado algumas novas palavras para o idioma Inglês, eu desisti e peguei suas mãos que estavam em volta da caneca. Seu primeiro, engolir audível terminou com um suspiro de alívio. Ela resmungou novamente em reconhecimento, manejando para parecer mais humana.

O metabolismo dos demônios para de se comportar corretamente após consumir cafeína. Era viciante, não que Dana tenha se incomodado em partilhar esse conhecimento até após Emma tomar seu primeiro gole. Quero dizer, humanos ficavam revigorados, e Emma e eu armazenamos mais potes de café do que qualquer pessoa. Nós comandamos um restaurante afinal de contas.

Isso deveria ser um conhecimento comum a todos. Conforme Dana, disse, após o fato, o café se tornou a mais cotada droga de escolha pela juventude de demônios locais com meses de estabelecimento da colônia.

Regulamentada, com fácil acesso, e totalmente inofensivo para os seres humanos, não havia muito que poderia ser feito para conter a epidemia, a não ser manter os descafeinados e aprender a ler as miúdas letras nos rótulos dos alimentos. Mesmo alguns *halflings* sofreram os problemas de seus hereditários metabolismos metade demônio.

Emma jurou que não tinha problema. Algumas manhãs eu não tinha tanta certeza. Só para garantir, eu tinha lentamente começado a cortar o suprimento matinal de Emma com metade descafeinado. Ela empurrou a caneca, franzindo o cenho profundamente. Eu sabia que ela iria descobrir isso mais cedo ou mais tarde.

— Parou de nevar. — Eu mordisquei um pedaço de bacon. — Ainda está muito nebuloso lá fora. Acho que vamos ter chuva pela tarde. — Esperei, vendo-a esfaquear outro waffle antes de verificar o meu relógio. —Você vai tomar banho antes de irmos trabalhar?

Emma virou sua caneca, drenando as últimas semi-cafeinadas gotas. — Sem trabalho hoje. — Sua voz soava rouca com o desuso. — É por isso que Dana ligou. Ela queria nos dizer que a cidade ainda está fechada por causa da neve de ontem.

Ela pegou o restante do seu café da manhã. — A pousada estáá contratando pessoas para a cozinha, para que conseguissem alimentar os visitantes então nós poderíamos ter o dia de folga. — Ela se afastou da mesa, carregando a louça suja enquanto andava, efetivamente terminando a conversa.

— Isto não é sobre o tempo, não é? — Levei meus pratos para pia, empurrando Emma com o meu quadril para fora do caminho e tomei seu lugar na pia. — Eu sei que neva muito aqui, mas as nevascas de ontem não são

motivo forte o suficiente para fechar a cidade inteira.— Olhei rapidamente pela revestida janela para o quintal. — A maioria já derreteu, então desembucha. O que está acontecendo?

— Nós pensamos... — Ela limpou a garganta. — Eu pensei que você pudesse gostar do dia para você. — Ela me empurrou pro lado para lavar seu prato e copo na pia. — Eu sei que você planejava ir até Marchland depois do trabalho. Desta forma, você pode estar em casa por volta do almoço.

Inclinei-me, apoiando meu queixo em seu ombro. — Obrigada.

Emma afagou meu rosto com uma mão úmida. — Você sabe que pode sempre ficar em casa em vez disso. Eu estou indo para Dana para a reunião semanal das mulheres do círculo. Todas as esposas vão estar lá, até mesmo alguns dos homens saem um pouco. Isso lhe daria a chance de conviver fora do anotar pedidos no restaurante.

— Não hoje. — Perdi meu descanso quando ela se afastou de mim.

— Talvez na semana que vem?

Emma suspirou, massageando as têmporas. — Está chegando à hora em que você irá precisar do conselho deles. — Há coisas que você precisa que te contém. — Ela franziu o cenho.

— Você provavelmente já deve ter me contado. — Logo, — eu prometi, distraidamente lavando meus pratos e colocando-os ao lado dela no escorredor para secar.

— Não em breve, esta noite. As esposas disseram que você precisava saber antes. — Ela parecia distante, incerta. — Mas eu pensei que você merecia ter pelo menos mais um dia de paz.

Olhei para minha irmã. Seus olhos escureceram com sombras que não eram resultado da hora do dia. Ela mordeu a unha do dedão, mantendo os olhos baixos.

— Há algo de errado?

Ela afastou as minhas preocupações. — Ela vai manter por mais algum tempo. — Ficamos lá por um minuto ou dois com as tubulações de água quente gemendo em protesto e a pia pingando na bacia.

— Estou seguindo seu conselho. — Eu tentei soar casual. — Quando for para Marchland... Estarei dizendo meu adeus a Harper. — Sua mão caiu para o lado do corpo. — Tem certeza que você não quer alguma companhia?

— Não, estou bem. Eu só preciso de algum tempo sozinha. — A respiração reprimida assobiou através dos meus lábios. — Você estava certa. Eu preciso seguir em frente. Eu não posso fazê-lo na primeira tentativa, mas... — Dei de ombros, —... É o melhor que posso fazer.

Emma fechou a distância entre nós e me envolveu num abraço que cheirava café, irmã e esperança. — Estou tão orgulhosa de você. Nós vamos fazer isso funcionar.

Eu fungava através da visão desfocada.

Ela voltou para trás e pegou meu queixo entre os dedos. — Você vai conseguir fazer isso. Eu prometo. — Ela deu um puxão final, sua voz se enchendo de malícia. — Agora que nós tivemos esse entendimento, eu estive pensando que você poderia gostar de uma nova companhia. Uma que aproveite o exterior quase tanto quanto você? Que tal um animal de estimação?

— Que tal um animal de estimação? — Desculpas borbulhando, tropeçaram ao longo de meus lábios.

— Os animais não gostam de mim. Eles mordem, e arranham, e olham para mim engraçado. Não é uma boa idéia.

— Você está sendo tola.

— Você é metade humana. Eles gostam de você. — Tropecei para trás como se ela pudesse tirar um filhote de cachorro do seu bolso. — Eu só, eu não sei. Devo cheirar como — algo.

— Você fede como algo normal. — Emma riu. — Como um dia quente.

— Eu — Meu queixo pendurado aberto, inacreditável. — O que você está falando? — Eu sabia que não gostava de ser o centro das suas atenções, mas eu estava ocupada demais me extraindo de seu abraço fofo para imaginar por que ela agiria dessa forma.

— O *Bull Terriers*² dos Moore ...

² <http://www.dogencyclopedia.org/english-bull-terriers.jpg>

Emma continuou rindo. — Eles faziam sexo com a sua perna. — Meu rosto inflamou. Sentindo meu caminho ao longo do balcão, eu peguei uma laranja que sobrou do café da manhã e arremessei direito em seu sorridente rosto. Acertou no ombro de Emma e rolou pelo corredor.

Eu agarrei o telefone a seguir, mas me veio um pensamento melhor do que jogá-lo quando eu duvidei que minha mira melhorasse. — Eu não posso acreditar que você não me contou. — Eu gemia, cobrindo os olhos com uma mão. — Não admira que todos me olhavam daquele jeito.

O rosto de Emma se dividiu em um sorriso. — Você é como um daqueles difamadores de animais de estimação, só que com uma voz do 900 - *hotline*.

— O que quer dizer? — A julgar por sua respiração ofegante, não era coisa boa.

— Um operador de tele-sexo. — Os olhos de Emma rolaram para cima. — Você sabe, você liga para o número na televisão, fala por um bom tempo, e é cobrado um montante considerável pelo privilégio.

— Não, eu não sabia. — Eu deixei cair o telefone sem fio em cima do balcão, limpando a mão na minha calça jeans, mas ainda conseguindo me sentir suja. — Como é que você descobre sobre estas coisas?

Ela suspirou. — Nós temos vivido aqui por cinco anos. Eu assisto televisão, leio livros e mantenho os olhos abertos. Eu até namorei um par de vezes, lembra?

Eu não tinha lembrado. — Humanos —, disse eu, — da cidade.

Os lábios de Emma esticaram para um lado. — Sim, o dono da loja de ferragens e o corretor de imóveis de cabelos encaracolados que veio para cidade há alguns meses. — Ela riu, mas era um som cansado. — A maioria dos demônios já estão comprometidos, e eu sou meio humana de qualquer forma .. — Ela arranhou a unha pela bancada sobre manchas de molho de espaguete seco que sobraram da noite anterior. — Eu amei Harper também, você sabe.

Joguei seu pano úmido na pia. — Eu sei que você o amava.

Em vez de limpar, ela olhou para mim, inclinando a cabeça para um lado e franzindo os lábios. — Tem certeza de que você não quer companhia?

— Pensei em lhe pedir para ir, mas eu acho que isso é algo que eu devo fazer sozinha.

Emma acenou com a cabeça. — Sim, tudo bem. Basta manter o celular ligado e em seu bolso. Se você precisar de alguma coisa ...

Eu me juntei a ela no trançado tapete de pano, puxei-a em meus braços e apertei. — Eu ligarei para você.

— Pode apostar. É uma hora para ir e uma hora para voltar. Três horas de ida e volta *se você mantiver um olho na hora*. — Sua expressão ficou duvidosa. — Basta estar em casa antes do anoitecer.

Eu imaginava ela se recordando de todas as vezes que eu me perdia em minhas memórias, jogando fora as horas de luz do dia até ser forçada a chama-la para me pegar. — Eu vou.

Ela continuou com a carranca. — Estou falando sério. Você é tão cega como um morcego no escuro. Além disso, a chuva. — A voz de Emma se tornou séria. — Não se arrisque.

Olhei por cima da sua cabeça para o Felix, o gato relógio na parede. — São sete horas da manhã, eu tenho dez horas antes de escurecer, dar ou tomar algumas. Qual é a pior coisa que poderia acontecer?

Capítulo Sete

Os pneus dianteiros do meu caminhão rolaram sobre a linha invisível que separava os municípios Cleburne e Randolph quando um *pop* alto soou por cima do meu ombro direito, seguido por um constante *whomp, whop, whomping*.

Segurando o volante com as minhas mãos abertas, eu guiei o caminhão cambaleante para a beira da estrada. Ele encostou instável em uma parada, em frente a uma placa verde. “Bem vindo a Oak Grave” estava escrito em negrito. A atração da cidade estava inscrita na parte de baixo em negrito. “Cemitério Marchland, Próxima Esquerda.”

Eu empurrei a porta e pisei em um cascalho lamacento. Algumas gotas de chuva caíram sobre a minha testa chamando a atenção dos meus olhos para nuvens azul-escuras que se derramavam sobre o céu, como a tinta de uma caneta quebrada.

Olhando para o pneu do lado do motorista, eu fiz uma careta. Ambos estavam gordos e em boas condições. Andei para o lado do passageiro, e eu lutei com o aumento de irritação apertando o meu maxilar. A parte traseira estava rebaixada em cima de um colchão de borracha desinflado, como um waffle no café da manhã, descongelado sobre a grama. Chutando a borracha flácida, fui forçada a considerar as minhas opções. Durante o nosso primeiro ano na colônia, Emma tinha me forçado a concluir os cursos necessários para se obter a nossa nova cidadania. Incluindo um curso completo de direção e manutenção de veículos. Então, eu sabia como trocar um pneu. Em teoria.

Um estrondo ensurdecido de um zangado trovão vindo do céu me forçou a uma escolha rápida. Eu decidi que preferia investir meu seguro prêmio do trabalho ligando para o reboque. Eu enfiei minha mão no bolso do meu casaco, tateando por meu celular que não estava lá.

— Hmmm. — Frustração aumentando, eu voltei para a porta aberta e me inclinei sobre o assento do banco até o cano ferir meu estômago. Na maioria das vezes eu deixava a minha mochila que eu usava caída sobre o assoalho e era ali que ela estava agora.

Meus dedos pegaram à alça castanha e eu a puxei para o banco onde eu despejei todo o conteúdo da bolsa sobre o estofamento de couro falso. Um kit de primeiros socorros em miniatura caiu sendo seguido por uma barrinha de cereal, minha carteira, algumas coisas femininas, mas nada de celular. Eu sibilei através de meus dentes. Isso não era bom.

Impaciente, eu coloquei tudo de volta no lugar. O zíper da mochila prendeu na minha manga, e a bolsa caiu na estrada derrubando todo o seu conteúdo quando eu puxei com força o meu braço. Itens deslizaram pelo chão para ficarem deitados debaixo do carro.

Eu tinha estacionado em um declive destinado a guiar as águas da chuva dos dois lados da estrada. Agachando-me para recuperar meus itens não tão importantes, eu perdi meu equilíbrio e me apoiei na borda do carro. As dobradiças rangeram quando a porta balançou se fechando, batendo em mim onde nem os jeans nem a jaqueta cobriam. Eu senti uma lancinante faixa de dor onde uma linha profunda ficou marcada em toda a minha espinha.

— Ina—credi—tável, — Eu me estiquei, para aliviar a dor, tendo a porta parcialmente fechada na mão. Tencionei meu braço, eu a fechei e balancei o carro com a minha irritação.

De repente, temendo a implicância dos meus sentidos. Puxei a maçaneta, mas ela se recusou a ceder. Eu sabia o que iria ver com as minhas mãos em concha contra o vidro ao olhar para dentro. Sim. Lá estavam elas. Minhas chaves pendiam descaradamente na ignição.

Thump, thump, thump. Minha testa bateu contra o vidro várias vezes. Eu me virei e cai contra o carro, olhando para a estrada vazia. Escuros e

velhos carvalhos cobertos com musgo estavam alinhados em ambos os lados da calçada. Sombras bruxuleantes rondavam sob o dossel de folhas. Automaticamente, eu esfreguei meus braços para reprimir os arrepios que subiam por minha pele devido ao frio. De maneira nenhuma eu esperava ficar presa aqui fora sozinha. Toda morte, até a morte pacífica, era assustadora.

Senti-me louca para sair dali e prestar homenagem a uma lápide em branco e uma sepultura vazia. Emma insistiu que este símbolo vazio me daria uma sensação de encerramento. Os ritos funerários de Harper haviam sido realizados há muito tempo, mas eu tinha proibido a colônia de adicionar o seu nome no mármore. Vê-lo gravado na pedra teria me destruído nos primeiros dias. Mesmo agora, eu não estava muito interessada na idéia.

Aparecendo atrás do bosque de árvores, uma cerca preta de ferro forjado corria no comprimento da pista e se elevava sobre os bancos inclinados caindo no mais profundo das duas valas de drenagem. A cabana do guarda situava-se à beira da minha visão, acolhendo os visitantes do cemitério.

Catando os últimos dos meus pertences para fora do pavimento sob a caminhonete, eu lancei a minha mochila sobre meu ombro. Tomei uma respiração profunda de ar frio, movi-me para as luzes. O cascalho ensopado rangia a cada passo do meu tênis. Eu tinha apenas coberto a metade da distância até a pista quando a tempestade ameaçadora caiu.

Vento chicoteava em minha pele que junto com a chuva sólida batia com ardor em meu pescoço e rosto. Um trovão estourou com raios formando veias pelo céu. O brilho ofuscante de luz chamou-me alguns metros a diante. Eu corri, escorregando e deslizando sobre a terra indecisa que não sabia se voltava a congelar ou derreter.

A ponta da minha sapatilha direita tocou em um pedaço de gelo e me fez patinar os últimos metros até as minhas mãos estendidas se chocarem contra a fina parede de metal da barraca de guarda.

Através da janela no meio da porta, vi Jacob Mathews sentado à sua mesa, com o jornal na mão, olhando para mim. Eu dei um fraca aceno com meus longos dedos quando ele veio para me questionar.

— Madelyn. — Ele me recebeu calorosamente, andando para o lado para me permitir entrar. — Dia ruim para visitas.

— Hey, Jacob. — Eu contornei o corpo dele enquanto ele bloqueava parcialmente a porta. — É apenas uma tradição, eu acho. Eu sempre dirijo no dia seguinte. — Meu ombro roçou o seu peito, e ele sugou uma respiração áspera. — Você está bem?

Ele esfregou o local e sorriu. — Estou prestes a ficar.

Eu retornei o sorriso, desconfortável, mas incerta sobre a culpa na minha falta de habilidade social versus quaisquer intenções que ele poderia ter para me fazer sentir desse jeito.

Jacob estava com um uniforme cáqui apertado sobre o seu peito musculoso, conduzindo a uma cintura fina que me fez ficar com vergonha. Tentei não olhar, mas as proporções não eram certas para qualquer homem ou um homem da sua espécie. Ele parecia ter dificuldades em conter o seu glamour, e eu não gostei do que vi através da ilusão. Tarde demais, eu desejei ter ficado no carro com a chuva em vez de procurar abrigo aqui. Olhei para baixo onde a água estava empossando aos meus pés, desesperada por qualquer distração.

— Desculpe-me pela bagunça. Você tem um esfregão ou algo parecido?

Ele se virou, andando os dois passos necessários para chegar a pequena mesa com a cafeteira e uma pilha de copos de isopor. — Eu estive esperando por você.

Eu coleí o meu melhor sorriso de serviço. — Bem, aqui estou eu. Agora, o esfregão?

Ele se serviu com uma xícara de lodo que poderia ser provisoriamente chamada de café. A consistência estava errada; grossa e clara, em vez de escura e líquida. Seu olhar encontrou o meu e o canto do seu olho se contorceu.

— Neste ano completa cinco anos.

Ele tomou um gole então deu um passo à frente, me seguindo. Medo escorreu ao longo da minha espinha. Dana havia mencionado o quinto ano também. Ambos fizeram o som da palavra parecer menos como um número e mais como uma data limite. O que eu deixei passar. — Sim, faz.

Os olhos dele brilharam totalmente pretos, o preto de um demônio. — O tempo de luto de Harper terminou. — Seu grande corpo esbarrou no meu enquanto seu olhar viajava languidamente sobre mim, demorando ao nível dos meus seios. — Eu esperei por este dia. — Sua língua passou através de seu lábio inferior. — Por você.

Meu coração trovejava através de meus ouvidos, abafando o bater ininterrupto da chuva no telhado de lata. O suor frio da base da minha espinha se misturou com a chuva, escorrendo para baixo. — Sobre o que você está falando? — Eu empurrei a parede sólida que era o peito de Jacob, mas ele não se moveu. Sua risada baixa reverberou em toda a cabine. — Você não se lembra *princesa*?

— Qual é o seu problema?— Minha respiração se acelerou, e os nubbbins atrás dos meus ombros se tencionaram, se preparando para um vôo, para a segurança que eu nunca poderia ter.

— Eu era um escravo na sua casa. Durante anos eu vi você chamar Harper para suas câmaras durante a noite enquanto o resto de nós lutava por uma cama ou dormia no chão de pedra fria. — A mão dele se levantou, revelando um tipo de garra nas pontas dos dedos. — Sua proteção como escolhida dele termina hoje. Faz cinco anos desde que ele falhou em retornar

para você, e seu doce...— ele se inclinou, inalando profundamente,—...doce corpo é meu por reivindicação.

Eu encostei-me à porta, procurando com uma mão a maçaneta atrás das minhas costas.

— Não, não era assim.

As pupilas dele brilharam prateadas. — Então me diga como era! — Seu punho socou a parede ao lado da minha cabeça, amassando igual a um pé em cima de um lata de refrigerante. — Será que ele amou você? Verdadeiramente ama? Ou você foi apenas uma cama quente com o corpo disposto para ele?

— Ele me amava. — Harper admitiu que me amava e essas tinham sido suas últimas palavras para mim. Mesmo no meio de meias-verdades e mentiras inteiras, eu acreditava no que ele me disse. Eu tinha.

— Você parece em dúvida, alteza.

Jacob acariciou a minha bochecha com seus dedos quentes. Sangue perolava onde suas garras afiadas encontravam a minha pele. — Seu perfume é enlouquecedor.

Ele levantou meu cabelo úmido cheirando a um shampoo de ervas que eu jamais usaria de novo e cheirou. — Você sabe disso? Sua língua rodou sobre as gotas carmesins da minha bochecha. — Mmm.

O peito dele retumbou sob a minha palma.

— Pare com isso. — Senti minha voz vacilar, e a julgar pelo sorriso dele, ele percebeu também.

— Eu acho que não. Eu ouvi as mulheres falando depois que você chegou. Você não tem idéia sobre o que Harper tinha sido para este reino, e muito menos o que ajudou na criação da colônia. — Os olhos dele eram

piscinas vagas de malevolência. — Você tem procurado pelo rosto dele entre as crianças? — Jacob riu sombriamente. — Você o encontrou?

Minha mente gritava em uma negação imediata ao mesmo tempo em que lembrava de jovens rostos que viviam dentro da colônia e se encaixam na idade e na aparência certa. Eu desliguei os meus pensamentos rapidamente.

— Eu voltei para prestar os meus respeitos, não para ser intimidada. — A mochila deslizou pelo meu ombro até pender na minha mão aberta. — Eu estou indo embora.

— Não. — Ele aninhou seu rosto na dobra do meu pescoço. — Eu estou receoso em não deixar você ir.

— Não faça isso. — Eu enrijei e aumentei meu aperto na alça da mochila. Ele deve ter sentido isso porque sua mão desceu por meu braço tirando a bolsa da minha mão e a jogou no chão atrás de nós. Ele tinha tomado a minha única arma. Isso não importava pois ele não era páreo para os casca grossas Evanti, eu me sentia mais segura por ter essa pequena garantia em minha mão, e ele arrancou ela, me deixando sem opções a não ser meu blefe para sair dessa bagunça. — Eu estou sob a proteção do líder da colônia. Clayon não vai deixar isso impune. Você é um tolo por mesmo considerar fazer isso.

— Então eu sou um tolo. — Jacob gemeu contra o meu pescoço, beliscando o seu caminho por minha clavícula. Um movimento meu, e ele poderia rasgar minha garganta tão rapidamente que eu teria um momento ou dois antes de perceber que eu já estava morta. — Todos os Evanti solteiros viriam para você. Você pode ser uma mestiça, mas você é a única solteira fêmea de nossa espécie na colônia. Você nunca viu o frenesi, a briga pela fêmea. O sangue irá escorrer.

Seus dentes capturaram pele entre eles, reforçando minha imaginação.

— Você pode salvar vidas ao concordar ser minha.

— Você está louco.

Sua mão grande se enrolou em torno da minha garganta. — Eu sou o que sua mãe fez para mim, — ele enunciou devagar, apertando os dedos.

Tentei erguer as mãos dele, mas eu falhei. Sua respiração carregava o aroma do café velho do que deve ter sido horas bebendo e esperando pela minha chegada. Por qual outra razão a lata de lixo estaria cheia de copos esmagados e queimados com restos do café borbulhante destilado? A inundação em seu sistema substituía as suas necessidades básicas. Se ele tivesse alguma.

— Eu sinto muito pelo que ela fez a você.

— Não, você ainda não sente. — Sua língua mergulhou dentro da minha orelha. — Mas você sentirá.

Eu acreditei nele. O legítimo brilho em seus olhos chutou meus instintos a entrar em ação enquanto a adrenalina de lutar ou fugir subia por mim. Anos discordando que Emma tinha ferrado com meu corpo para uma eventualidade como essa e eu estava pronta.

Alisando minhas mãos nos bíceps de Jacob, as parei em seus ombros. Ele gemia com aprovação, apertando mais forte, cortando minha respiração. Eu me apoiei nele, recuperando o meu equilíbrio, e então eu trouxe meu joelho entre suas coxas com força suficiente para chacoalhar os seus dentes. Ele pulou para trás, os olhos arregalados e perdendo o foco. Seus dedos apertados abriram, libertando-me enquanto ele segurava com uma mão em forma de concha a sua virilha e se apoiava com a outra na parede.

A maçaneta girou na minha mão, abrindo a porta para a tempestade enquanto o vento e a chuva entravam no pequeno edifício chicoteando ao nosso redor, soprando cabelo em meus olhos.

Jacob levantou os olhos, ofegante. — Faça isso.— Ele descobriu rigidamente os dentes brancos. — Corra. Eu gosto da perseguição. — Ele colocou o seu antebraço contra a parede, apoiando o rosto na curva do cotovelo e escondendo os seus olhos. — Eu vou te dar um ponto de partida.

Eu decidi não fazer isso e bati firmemente a porta fechada entre nós e me senti bem com isso. Eu olhei pela janela com um fascínio indefeso enquanto o glamour dele desaparecia. A pele clara tornou-se escura. Asas pareciam ter disparado de suas costas conforme a aparência humana derretia-se para revelar a sua verdadeira forma.

Uma parte de mim gostou dele, querendo ficar e tocar as tremulantes e provocantes asas vermelhas, me seduzindo cautelosamente ao passado. — É uma dança de acasalamento, — Eu disse, engolindo um pedaço amargo na minha garganta, sabendo o que aconteceria se eu passasse do limite. Eu ainda me permiti respirar ritmicamente para me fazer acalmar e me fez querer algo tão primitivo que eu não pude quebrar o fascínio. Seu sorriso suave cortou através do fino painel de metal que nos separava. — Então você não está imune. — Ele balançou suas brilhantes asas carnudas. — Bom saber.

Minha boca ficou molhada. A maçaneta, meio torcida, enchia a palma da minha mão.

Olhei para minha mão, movendo-se independente do meu pensamento e trabalhando para chegar mais perto do que meu corpo ansiava. Algo estava errado comigo, e Jacob, mas eu não sabia o que, e já era tarde demais para perguntar agora.

Emma sabia. Porque ela não me avisou? Esse; qualquer que fosse, deveria ter sido o motivo para ela ter ficado tão apreensiva essa manhã. Cerrei minha mandíbula. Dana sabia disso também. Eu era a única desinformada das minhas circunstâncias, e se Jacob me pegasse, eu seria a única a pagar. Eu ergui meus dedos livres, olhando a impressão digital de cada um. Depois que meu contato visual com a exibição sensual no interior da sala se rompeu,

eu podia pensar novamente. Eu me virei e observei ao meu redor. À minha esquerda estava a estrada aberta e meu carro inútil. À minha direita, lápides de mármore branco salpicavam a encosta. Dane-se. Eu tinha que escolher e rápido. A voz monótona de Jacob atravessa meus pensamentos caóticos. — Pronta ou não, aqui vou eu.

Eu não fiz uma decisão consciente. Minhas pernas se lançaram, comendo o chão do barranco entre a barraca do guarda e o cemitério. A porta que eu tinha fechado em Jacob explodiu em lascas se lançando em meu ouvido e penetrando-se na base de um carvalho à minha esquerda. Eu levantei meu braço, protegendo os olhos da chuva de lascas.

Atrás de mim, eu ouvi o estalo de asas desenrolando. A brisa se agitava para cima, atirada pelo que tinha de ser o lançamento de Jacob ao céu. Minhas pernas eram rápidas, mas não foram páreas para um demônio do sexo masculino em seu auge.

— Ma—de—lyn, — ele chamou, voando mais perto. — Corra pequena diaba. Faça me trabalhar pela minha recompensa.— Suas garras nas pontas do dedos escovaram meu cabelo, puxando o comprimento úmido. Bafo quente levantou os finos cabelos atrás do meu pescoço com o medo crescendo.

Em minha visão periférica, eu vi Jacob deslizando facilmente ao meu lado. Eu tinha que fazer alguma coisa ou então ele iria manter o ritmo até minhas pernas não agüentarem e então ele me pegaria onde eu caísse. Princesa Madelyn DeGray tinha sido educada para ser uma vítima, mas a garçonne Maddie Toliver não iria cair sem uma briga. Eu só precisava de uma forma de nivelar o campo de jogo.

Mudando de direção, eu desviei bruscamente para o bosque de carvalhos, saltando sobre troncos caídos enquanto corria para o abrigo da floresta.

Os ramos baixos tornariam as asas dele inúteis, mas me deu apenas uma pequena vantagem porque demônios eram rápidos e demônios irados eram quase impossíveis de passar a perna. Enquanto eu corria, três galhos de árvores bateram em meu rosto e raízes prendiam meus pés como se tentassem me derrubar e me aprisionar para ele. Cada demora me custavam segundos que eu não tinha.

— Saia daí, pequena princesa. — Em algum lugar atrás de mim, madeira estralava junto com um rosnado áspero. — Princesa?

Meus pés alternavam atolados em lama e caindo sobre pedaços de gelo, me fazendo amaldiçoar esse clima por atrair demônios para o sul em primeiro lugar. Eu corri até minhas pernas vacilarem e cederem abaixo de mim, me deixando cair muito cedo sobre minha bunda. Os músculos das minhas pernas balançavam como geléia. Mas eu sabia que Jacob estava perto e eu tinha que me mover.

Um flash de cobre visto pelo canto do meu olho forçou minha cabeça em torno de um carvalho caído onde um par de olhos amarelo limão me espiavam. Eles piscaram uma vez e desapareceram, para meu alívio.

Apesar das garantias de Emma, eu não queria me arriscar com a fauna local. Puxando meus joelhos, eu tinha meus pés debaixo de mim ainda frágil, mas manobrável. Eu tinha desperdiçado alguns minutos preciosos de tempo que eu ganhei tomando esta rota. Agora eu tinha que tomar uma decisão e o tempo estava se esgotando. Eu olhei e um animal, uma raposa, disparou de sua toca, trotou um círculo rápido em torno das minhas pernas e voltou para dentro. Eu olhei para ela e ela olhou para mim, nenhum de nós muito certo do que fazer com o outro. A raposa andou para fora, fez um show de giro, e voltou para dentro da toca. Zaniah me ajude, eu levei o convite, bem consciente que eu era demasiada grande para o abrigo magro que fora oferecido para compartilhar. Eu andei até o final dos meus sapatos desaparecerem dentro do buraco e depois eu cai em minhas mãos e joelhos. Uma chama de esperança branca queimava minha exaustão quando me dei conta o que eu tinha

encontrado. Criada sobre o carvalho caído havia uma abertura de quase dois metros quadrados, escondida pela sombra e folhas acumuladas. Mas o que fez meus pensamentos mudarem era o fino véu de feitiço lançado sobre a entrada. Evanti poderiam esconder nossos corpos, mas não as localizações físicas. Alguma coisa tinha criado este refúgio com um toque suave que parecia pulsar com as vibrações de boas-vindas.

Consciente de minha hospedeira, eu coloquei minhas pernas para dentro e para baixo até que o chão me engoliu inteira. Dentro da toca, eu tinha um pé de espaço livre acima da minha cabeça e uns poucos metros de espaço estendendo e para ambos os lados. Claramente, não era a casa de um animal, mas o que mais poderia ser?

A raposa teceu através de minhas apertadas pernas, parando para se esfregar na minha mão como um gato.

— *Você ficará segura aqui.*

— Você falou. — Eu disse em um sussurro áspero, me rebocando contra a parede tão longe quanto eu poderia conseguir. Eu devo ter batido a minha cabeça quando eu caí. Só que eu não lembrava da queda. Eu rastejei sob meu próprio poder.

Segurando qualquer âncora na realidade, eu segurei um emaranhado de raízes em meus dedos, me surpreendendo como esta alucinação parecia real. Olhei para o pequeno animal que absolutamente não tinha falado comigo.

— Você não é real.

— *Como você queira.* — Seu delicado pelo rolando sobre meu ombro em uma despedida desleixada. — *Fique aqui e eu vou buscar Clayton.*

— Como você sabe —?

— *Shhh, o outro vai achar você se você não conseguir ficar quieta.* — A raposa, uma raposa fêmea pelo som da sua voz, que eu absolutamente não ouvi dentro da minha cabeça, caminhou para a pequena abertura.

— Eu

— *Shhh.* — Ela olhou por cima de seu ombro, avisando-me de novo com um estalo de suas mandíbulas. Minha cabeça balançou para cima e para baixo em um assentimento instável. Com um movimento de sua peluda cauda vermelho, a raposa escapou, chutando mais folhas sobre a entrada com suas ágeis patas traseiras antes de correr para dentro da escura floresta. Eu queria chamar a aparição de volta. Mas ela tinha desaparecido em um borrão de pêlos avermelhado, assumindo que fosse real e não um produto da minha imaginação desesperada.

O cheiro de terra úmida e molhada, folhas apodrecidas inundou meu sentido do olfato quando eu descansei a minha cabeça contra a parede de terra. Eu ajustei minhas pernas e deslizei para baixo em uma posição mais confortável. Sozinha e com medo, tentei me tranquilizar. *Eu não sou louca.* O mantra me acalmava, então eu adicionei mais algumas coisas para a lista. *Raposas não podiam falar. Eu não estou me escondendo de um viciado em café e, possível estropador em uma toca subterrânea.*

Eu devia ter escorregado tentando entrar no caminhão quando eu saí de casa esta manhã. Eu estou provavelmente deitada de costas no tapete de gelo em frente da casa. Quando Emma chegasse em casa, nós iríamos rir disso tudo e...

Então eu ouvi — a quietude que vinha com a ausência de som. Fora do meu buraco-esconderijo, o silêncio reinou. Nenhum som da chuva caindo. Nenhum som de pássaro, nenhum vento ou árvores rangendo — só o absoluto, e total silêncio.

Um galho estalou, ecoando fortemente em meio a tanta quietude. Eu vacilei quando Jacob me chamou.

— Você está escondida. — A voz dele se levantou. — Eu estou desapontado. Eu esperava pegar você, marcar seu corpo entre os túmulos assim que nós colocássemos seu fantasma para descansar. Agora você me forçou a pegar você onde você estiver. — Ele pausou.— E eu vou achar você.— A batida monótona soou por cima da minha cabeça como pedaços de madeira deteriorada peneirada para baixo e em meu cabelo. Ele ficou em uma tora diretamente sobre mim. Eu rezei para a velha madeira agüentar o seu peso e não envia-lo através do apodrecido tronco quebrado para a terra em cima de mim.

Eu não ousava respirar. Poeira fazia cócegas em meu nariz, tentando me fazer espirrar, então eu coloquei uma mão em forma de concha sobre meu rosto. Eu fechei meus olhos, imaginando-me de volta em casa balançando com Emma em nossa varanda degradada enquanto escolhíamos amostras de tintas para a grande revolução que ela tinha planejado. Acima de mim a tora gemeu e mais pó polvilhou minhas roupas. Eu ouvi um barulho forte quando os pés de Jacob bateram no chão depois de saltar do seu poleiro na tora. A toca ficou escura quando tornozelos escuros bloquearam a escassa luz filtrada do lugar onde eu me sentei. Garras vermelhas projetavam-se dos calcanhares dele, batendo preguiçosamente no chão enquanto penetravam através de folhas e palha do chão da floresta. Medo juntou meu estômago nitidamente com a madeira no fundo. De repente, deixar um enfurecido e desperto demônio me achar em uma toca grande o suficiente para dois não parecia uma grande idéia. Amaldiçoei a raposa por me levar ao que poderia se tornar meu lugar de descanso final e a mim por ser tola suficiente para segui-la. O que eu estava pensando? Ah sim, eu não queria que Jacob me encontra-se em campo aberto, tampouco. Os dedos dele apontavam diretamente para mim, quase no nível dos meus olhos. Eu esperei, esperando o pé dele testar a abertura ou ele cair sobre o meu estômago e explorar a entrada grande o suficiente para uma demônia assustada escorregar para dentro buscando refúgio.

Minhas mãos tremiam onde repousavam sobre meus joelhos. Enfiei-as entre as minhas coxas e apertei as pernas juntas até que o tique nervoso parou.

Do lado de fora, trovões e chuva começavam novamente.

— Madelyn, — Jacob disse. — Eu vou achar você. E leis ou não, ninguém vai me afastar de você. — Então ele berrou, — Você é minha!

Meus ouvidos soaram pela ferocidade de seu grito, o som tão cheio de ódio e retorcido desejo que isso me deixou doente, me aterrorizando até a medula dos meus ossos porque eu sabia que ele acreditava nisso. Eu vi uma mudança muscular no tendão de Aquiles conforme ele flexionava e os dedos escavavam na terra enquanto o material rolava como bolas para seus pés.

Eu ouvi o estalo de couro esticado, uma maldição murmurada, e então ele se foi. Eu já não podia sentir meus dedos então eu os tirei das minhas coxas e deixei minhas mãos tremerem no topo das minhas pernas. Meus pulmões expandiram-se completamente pela primeira vez desde que entrei na barraca de guarda e lancei um suspiro enevoado que estava cheio de gratidão por estar viva. O frio cortante em meus ossos passaram despercebidos por mim quando eu avaliei minha posição.

Depois de viver uma meia-vida por tanto tempo, eu tinha pensando em mim mesma ambivalente nessa continuidade, mas quando confrontada pela morte, eu tinha medo. Eu não queria morrer. Eu precisava dos malditos pneus furados e correr pela chuva, mudar uma pintura velha e colocar o papel de parede, brigar com Emma sobre estúpidas coisas sem importância, ir e vir como eu quisesse ver...

Eu queria viver. Era tão simples.

Os cantos dos meus lábios foram para cima em um sorriso. Tão ruim que eu tinha ficado cara-a-cara com um demônio, uma invenção da minha

imaginação e a promessa de horas presas sobre o subsolo para convencer-me que a vida realmente valia a pena.

Capítulo oito

Tremendo, eu mantive a noção do tempo pelo brilho do meu relógio Timex. Em algum momento entre o começo de um estômago roncando por causa de um almoço perdido e a transição gradual da minha visão para a cor preta, eu decidi que Figment³, o nome que eu tinha dado a raposa, tinha me abandonado. A noite tinha caído e eu tinha que me mexer. Eu duvidei que a cavalaria estivesse a caminho ou que estivesse por aqui agora. Figment também não existia.

E eu era louca de acreditar que um animal selvagem poderia de algum modo trazer ajuda – ou ela existia e eu era..., bem..., um pouco menos louca, mas que ainda estava presa e sem a ajuda vindo no horizonte. Não que eu os veria nesse momento. A única sensação de movimento foi quando eu ondulei minha mão na frente do meu rosto. A escuridão tornava os meus olhos totalmente inúteis para distinguir o meu redor. A fome gritando e a pressão de precisar usar um banheiro me darem duas opções. Eu poderia ficar e ter esperança do retorno de Figment com Clayton — o que parecia improvável até mesmo na minha mente — ou eu poderia rastejar para fora e então correr para ele com a esperança de que eu chegaria a cidade antes que Jacob pudesse me marcar como sua. Ele poderia ser paciente, sentando lá fora, esperando para atacar logo que eu saísse da segurança dessa toca. Essa idéia me fez colocar a ponta da língua pra fora e umedecer os meus rachados e secos lábios enquanto eu engolia o pensamento.

Sangue bombeou e inchou dolorosamente os meus músculos enquanto eu avançava o meu caminho para a realidade do mundo exterior. Minhas articulações protestaram contra o tempo e a ação executada quando eu arrastei meus joelhos para se dobrarem abaixo de mim. Puxando minha

³ Figment :Ficção, fingimento.

cabeça lentamente acima do nível do solo, a luz trêmula refletida nas gotas de chuva do chão da floresta iluminou o que normalmente era invisível na escuridão. Foi apenas um deslumbre suficiente para deixar a minha visão se ajustar para cautelosamente fazer uma varredura da área imediatamente ao redor da toca. O cheiro fresco de folhas molhadas e a acentuada essência de pinho ficaram mais complexos enquanto eu inalava profundamente o mundo além do meu esconderijo. Cada perfume carregava uma nuance bem-vida que me enfeitiçava a escapar. As horas cheirando terra úmida geraram um metálico paladar em minha língua. Poeira tinha sido peneirada para o fundo da minha garganta, mais seca que o vento de verão sobre Rihos.

Eu precisava muito tossir, mas o medo de ser descoberta sufocou o impulso. No lugar disso, eu dei pequenas e silenciosas respirações. Ar limpo e refrescante foi deslocado para os meus pulmões. O chão da floresta ondulava mais que o mar no escuro. O chuvisco constante tinha derretido os restos de neve que poderiam ter me ajudado a me guiar com segurança nas indistinguíveis sombras escuras da noite no chão.

Eu era um rato do campo, trêmulo sobre conhecer o perigo que espreitava lá fora e debatendo se valia a pena correr o risco mortal de morrer nas garras de navalha de uma coruja, por um passeio rápido em área aberta. Aqui eu estava segura e escondida. Pelo menos por agora.

Aventurar-me lá fora poderia significar uma morte flagrante. Isso não seria um fim rápido e misericordioso, mas um lento encontro com as punições até Jacob sentir que as escalas entre ele e mamãe ficaram equilibradas ou eu morrer no processo. Qualquer que fossem os planos, eles não agouravam bem para mim. Eu tinha que sair para longe daqui, longe de Jacob. Levantando minha cabeça mais alto, eu tentei suprimir um profundo sentimento de presságio. Esse sentimento passou por mim como uma lâmina de guilhotina passando pela minha espinha, acabando com a minha vida ao separar o meu corpo de minha cabeça. A imagem macabra me cegou da visão da floresta por um momento.

Eu esperei, ouvindo, procurando na escuridão um movimento na profundidade. Quando Jacob não pulou e gritou — peguei —, a confiança me fez mexer o meu estômago até que eu saí do buraco. Empurrando meus pés, eu dei alguns passos indecisos na direção onde eu senti a cerca do cemitério, obscurecida pelas árvores e pela noite. Minhas pernas tropeçaram quando eu cambaleei para frente. Frio paralisou o protesto dos meus músculos inativos empurrando-os para uma ação vigorosa. Eu fiz um arbusto da floresta de banheiro.

O frio beliscou minha pele nua. Eu rapidamente me dei bem com ele, pronta para puxar a minha calça jeans rapidamente. Não seria legal ser literalmente pega em campo aberto com as calças abaixadas por um demônio excitado pronto pra aproveitar a oportunidade de cumprir sua promessa de vingança. Essa ameaça em potencial me fez caminhar bruscamente. Meus dedos picaram como alfinetes e agulhas enquanto eu tateava o zíper e o botão dos meus jeans. Nenhum bicho-papão me atacou. Nada caiu do alto para me arrebatara para o chão e rasgar-me enquanto eu gritava dentro da noite. Ar saiu brusco para fora de mim enquanto eu suavizava a tosse que tinha esperado pacientemente para entrar em erupção e dissipar o acúmulo de poeira. Minhas mãos deslizaram pelo tecido bruto dos meus jeans azuis rasgados. Eu sabia muito bem que era uma esperança que Jacob tivesse desistido da perseguição. Seria preciso mais do que as poucas horas que eu passei no subsolo para evaporar o tipo de ódio por mim que tinha refletido em seus frenéticos olhos. Instinto e memória ajudaram a me guiar no terreno irregular. Tudo mesclado e fundido em conjunto. Eu não poderia contar para baixo a partir da superfície áspera rasgando os meus pés congelados. O sólido chão era esmagado sob as minhas solas e a gravidade do ar ao meu redor tranqüilizou os meus sentidos de onde e como meus membros relutantes se moveram.

Tropecei em uma raiz. Rápido, eu caí em meus joelhos, rangendo meus cotovelos que assumiram o fardo da minha queda para frente. Pegando uma

respiração, eu me levei de volta para cima. Tropeçando, eu dei uma parada rápida. Linhas pretas marcaram a minha visão. Dedos esfregaram os meus olhos. Eles eram reais? Eu pisquei. As barras verticais ainda estavam lá, imóveis. Esticando uma mão em frente a mim, senti o aço frígido machucar os meus dedos. A cerca do cemitério. Eu tinha feito isso. Qual seria a próxima? Eu estava exausta demais para pensar claramente.

Atando os meus dedos às barras, eu pressionei minha testa contra elas. Se eu estreitasse os meus olhos, poderia apenas ver a linha reta de asfalto abaixo onde a salvação era oferecida na cidade. Andando ao longo da estrada seria mais fácil e simples de chegar lá. E o caminho mais provável de atrair atenção indesejada. Um brilho nebuloso surgiu acima da superfície da estrada, longo o suficiente para levar alguns minutos para se expandir e separar em duas esferas de luz idênticas. Pegar carona nesse horário desse lugar parecia ter pouco apelo. Mas a idéia de ser achada com o rosto para baixo no cemitério tinha menos ainda. Levantando o meu braço, eu deixei que a sombra da minha mão protegesse minha visão da claridade do veículo. Era agora ou nunca. Eu tinha que fazer minha jogada.

Aço molhado pela chuva deslizou pelos meus dedos quando eu arrastei meu peso para cima e mais alto. As pontas de lança prenderam o meu casaco, me tirando o equilíbrio e me fazendo cair agachada do outro lado. Aqueles faróis pareciam mais altos que na primeira vez que eu os tinha visto e mais perto do que eu tinha percebido. O motorista estava seriamente em alta velocidade. Desesperadamente eu derrapei no afiado aterro com um *splash* malfeito no gelo e águas pluviais que atravessavam o fundo da vala de drenagem da estrada. Barro escorria entre meus ávidos dedos enquanto eu buscava ancoradouro seguro usando ervas daninhas mortas para me içar para fora. Lama sugou os meus pés quando eu os libertei da água.

Eu tropecei no asfalto, meus braços agitando loucamente como um moinho de vento na pista de tráfego. A luz tomou conta de mim, me cegando para a velocidade e locomoção do veículo. Eu não desperdicei meu precioso fôlego chamando. De qualquer maneira, haveria pouca chance do motorista me

ouvir. Eu ficaria com uma chance melhor de indicar minha localização para Jacob do que pedindo ajuda.

As luzes cruzaram quando o motorista freou e gritou para uma desconfortavelmente próxima parada. Eu mantive as mãos enquanto eu meio que corria, meio tropeçava pelas linhas duplas para chegar ao veículo estacionado. O zumbido de uma janela abaixando e a tosse de uma voz sendo limpa apontou a localização do motorista. Essas chamadas dos faróis queimaram qualquer ilusão de visão que eu precisava para saber quem era meu salvador. Uma voz fraca chamava pela janela aberta. — Você perdeu o seu caminho?

— Sim, senhor, eu perdi. — Alívio me inundou, extirpando minha inicial hesitação. — Meu carro quebrou e esse homem louco me perseguiu para dentro da floresta. Eu preciso ir para a cidade e chamar minha irmã. Tem alguma maneira de você em dar uma carona?

— Claro que posso. — Sinceridade crepitava na sua garantia.

— Oh, muito obrigada. — Meu pé se moveu na direção dele. Fora do brilho dos faróis, meus olhos recuperaram o foco, se ajustando à falta de luz. Meus joelhos ameaçavam ceder sob mim quando o azul do meu Ford F150 se materializou na minha frente

— Você é bem-vinda. — O canto fraco deixou a voz dele quando a porta do lado do motorista se abriu.

— *Princesa...* — Botas pretas de combate tampadas por calças caqui impactaram o chão com uma batida sinistra.

Minha língua tornou-se arenosa quando eu falei o temido nome. — Jacob.

Eu não o vi se mover. Num minuto eu estava congelada, um infeliz cervo preso em seus faróis. No próximo, um trem de mercadorias construído de carne firme de demônio bateu em mim, levantando-me da calçada e rolando

comigo sobre a curva da estrada. Calor escaldante queimava os meus joelhos e cotovelos onde o asfalto abrasivo limpava a carne dos ossos.

Nós rolamos e deslizamos para baixo das paredes de barro escorregadio da vala de drenagem, lutando em um nó de membros. O corpo maciço dele rolando em cima de mim. Eu tentei levar os meus joelhos entre as coxas dele, mas ele tinha aprendido a lição na primeira vez. Pegando meu tornozelo, ele apertou a mão na minha perna e a torceu. Um revoltante pop encheu o ar. Uma forte ponta de dor irradiou do meu joelho e canela onde ossos e tendões estavam conectados.

— Agora, agora, — Jacob grunhiu, empurrando para abrir minhas coxas e se resolver entre elas. — Jogue direito e nós vamos conviver muito bem.

— Vá se fuder! — Minhas unhas araram irritados sulcos em sua pele. A pele de Jacob deslocada sob os meus dedos.

O grito dele bateu nos meus tímpanos até o ponto em que fiquei tonta com o som de nada, me deixando momentaneamente surda. Jacob ergueu-me pelo peito da camisa antes de me lançar e me forçou esmagadoramente para encarar o chão onde o curso do congelamento passava no fundo da vala. Água inundou o meu rosto, nivelando-se ao meu nariz enquanto eu sugava para dentro da minha boca em uma tentativa inútil de gritar. Os grandes e grossos dedos dele cerraram-se em meus cabelos em um aperto vicioso quando ele empurrou minha cabeça mais fundo na água barrenta. Um incêndio deflagrou-se em meus pulmões enquanto eu desesperadamente tentava evitar de inalar o líquido. Eu tossi e me esforcei, mas somente consegui engolir mais água da chuva. Sem usar minha perna direita, e presa embaixo de um grande corpo masculino, eu não tinha como aproveitar para lançar um contra-ataque. Não tinha nada pra ser feito se não se afogar.

Eu inalei água. Sem oxigênio, eu estava morrendo, mas eu estava condenada se eu fosse ir sem uma briga. Torcendo e sovando, eu tentei parar o aperto mortal de Jacob. Longos minutos se arrastaram talvez meros segundos.

O pulso subindo por causa do meu esforçado coração tatuado pelo número de batidas e segundos que passavam. O tempo tornou-se insignificante.

Meu corpo relaxou, crescendo flácido. O senso de leveza puxou minha consciência para ir embora. Uma mão mantinha minha cabeça embaixo d'água enquanto outra mão de Jacob esmagava minha traquéia, quebrando o caminho para o meu último suspiro. Ele manteve a pressão até a respiração se tornar uma memória distante e a sufocação uma promessa que eu ansiava por ver cumprida.

Uma convulsão final e violenta; e eu torci a cabeça para os lados embaixo d'água. Pela distorção da água eu vi as pupilas de Jacob brilharem em prata. Sua cabeça agarrada de lado. Meus ouvidos foram conectados com o lodo, mas eu senti as vibrações da fala através da mão segurando-me embaixo. Ele não podia ver o meu sorriso no doce alívio da tão grande perda que estava me esperando. Pelo menos na morte, a dor não podia me importunar. Memórias já não poderiam me assaltar. Eu seria livre. Eu aceitei meu fardo, abracei aonde a circunstância tinha me levado, e disse um silencioso adeus para minha irmã.

Oh, Emma, como eu sinto sua falta...

Então o peso de Jacob tinha ido embora. Eu boiava na água, também fraca para levantar minha cabeça e me salvar. Mãos pesadas seguravam os meus ombros, levantando-me da escuridão e da lama. Meus olhos abertos estavam cegos. Meu coração tinha acalmado. Eu estava saindo e não precisava voltar. Ser chacoalhada como uma boneca de pano falhou em aumentar a resposta do meu corpo mole.

Lábios quentes cobriram os meus quando eu deitei de costas no frio da noite. O ar foi forçado para dentro de mim por um punho batendo no meu peito. O poder desse impacto fez meu coração voltar a pular. Sangue rasgou através das minhas artérias para irrigar meu cérebro faminto. Meus pulmões paralisados convulsionaram para lançar um jato de água pelos meus dentes

cerrados e ensopando meu rosto, meu queixo, meus cabelos, minha camiseta. Eu senti o fluxo quente contra o gelo da minha pele.

— Maddie! — Alguém chamou meu nome. Eu não sabia quem, ou porque a voz parecia tão familiar. Minha cabeça pendeu fortemente para o lado. Eu não tinha forças para levanta-la. Suavemente aveludado, melódico e íntimo, os profundos tons gentilmente acariciaram os meus sentidos. — Agüente, eu vou te tirar daqui.

A doce dor do reconhecimento me encheu. — Harper? — Eu lutei para alcançar a origem desse som, para segurar em minhas mãos, alguma coisa uma vez perdida para mim e celebrar que foi achada. A voz caiu para um suspiro desapontado. — Não, eu sou Clayton Delaney.

Consciência queimou no canto mais distante da minha mente. Então meu generoso benfeitor veio para em salvar. Na vala não havia luz para me mostrar o seu rosto. Não que isso teria ajudado muito. Eu não tinha impressão de asas, mas neste domínio, a maioria dos Evanti mantinha seu glamour humano e sua privacidade. O que eu senti era poder. Bruto e muito masculino. Energia vibrava no ar entre nós.

— Oh. — Mais lodo dos meus pulmões me engasgaram quando se desentupi a parte de trás da minha garganta. Eu tinha começado a pensar que Clay Delaney fosse um pseudônimo para Dana Evans desde que eu nunca o tinha visto ou falado com ele, mas ela estava sempre fresca de uma reunião com o líder as colônia. Mas ele parecia real o suficiente para mim agora. Sua camisa molhada abraçado ao corpo rígido. Minhas mãos repousavam sobre sua cintura, as dele sobre os meus ombros. Seu calor irradiava de suas palmas pelo pano úmido, aquecendo-me até o meu núcleo. — Jacob

— Está sendo tratado de acordo com as leis da colônia. — Os polegares de Clayton trabalhavam tão levemente nos meus ombros que eu me perguntei se ele sequer tinha percebido o que estava fazendo. O toque era afetuoso, calmante, e eu quis culpar a conexão que senti com sua voz, mas não

pude. Tinha muito mais nesse homem que ninguém conhecia. Disso eu estava certa. — Sua irmã não deveria ter permitido você visse sozinha hoje. — Seu toque suave endureceu. — Quase lhe custou sua vida.

Eu endureci, levantando enquanto ficava rosa em defesa dela. Embora eu abrigasse sentimentos semelhantes, em mim mesma, isso era pra ser resolvido entre Emma e eu. Ele não tinha nenhuma participação nesse assunto.

— Emma estava me permitindo um tempo para lamentar.

— Tempo que você não tem. — Os dentes dele estalaram fechando-se. A doce respiração dele encheu meus pulmões antes cheios de água.

— Eu vou levantar você. Só segure em mim.

Obedeci enquanto Clayton escavava o braço embaixo da curva dos meus joelhos. A perna quebrada tendendo para um ângulo estranho. — O que ele fez com você? — Ele passou a mão na minha coxa, deixando uma trilha de formigamento em seu rastro. Os dedos dele passaram sobre o osso quebrado e ele sussurrou. — Ele vai pagar por isso, *deshiel*.

Eu fiz uma careta para o seu uso de carinho inesperado até que seu outro braço envolveu minhas costas, descansando logo abaixo das minhas omoplatas. Os dedos dele hesitaram e ficaram suaves nos inchaços que ele encontrou ali. Ele jurou em voz baixa, empurrando as mãos mais pra baixo antes de me levantar. Calor inundou minhas bochechas. Harper tinha negligenciado minhas imperfeições físicas. Doeu que esse estranho, mas próximo, não pudesse fazer isso. Vergonha empurrou para longe o pior da minha desorientação.

O desgosto de Clayton com a minha deformidade picou meu orgulho por razões que eu não queria examinar tão de perto. Ele me embalou contra o seu peito, dobrando o queixo sobre a coroa em minha cabeça. Eu senti as vibrações de seus músculos quando eles tencionaram a corrente de ar — um gosto

tentador de vôo — quando ele usou suas asas, de repente em evidência, para nos levantar da calha e nos levar de volta para o nível do pavimento. Clayton me carregou até o lado do passageiro da minha caminhonete, deslocando-me suavemente até que ele conseguiu abrir a porta e me acomodou no banco. A luz interior deu um suave brilho ao meu redor, revelando jeans sujos e sapatos molhados. E sangue, muito sangue. Ele não poderia ser todo meu, poderia?

Eu vacilei quando peguei o brilho de metal refletindo nas mãos de Clayton. Seu rosto foi moldado por uma sombra, e ele parecia contente por estar lá. Em sua mão, ele revelou pequeno canivete. — Eu preciso cortar o tecido que está perto da ferida, então eu poderei ver com o que estamos lidando.

Com um golpe limpo, ele partiu o tecido da calça da minha perna em dois, revelando a pior das feridas já se curando. — O osso perfurou sua pele.— Ele se inclinou para baixo pra examinar a fratura. Sua cabeça abaixada, expondo seus cabelos cor de ébano penteados para trás, enrolando um pouco atrás das orelhas. Não admira que ele combine tão bem com a noite. A cor era natural, embora o corte não pudesse ser. O encanto dele fez um baixo zumbido na minha pele em todo o lugar onde os seus dedos tocavam.

O silêncio de Clayton chamou minha atenção. Eu tossi para limpar minha garganta dolorida e tentei assegurar-lhe. — Eu vou ficar bem, sério.

— Você dificilmente está sangrando. — Ele pareceu confuso pela falta de fluxo de sangue, mas eu não sentia que explicar minha fisiologia fosse ajudar naquele momento. Ele pegou meu tornozelo nas mãos e ajudou-me a flexioná-lo até meus joelhos irem para frente e para trás flexionados confortavelmente no banco. — Boa garota. Só sente-se firme e eu vou levá-la pra casa.

Clayton se inclinou sobre mim, nos colocando bochecha com bochecha enquanto ele rapidamente prendia meu cinto de segurança. Ele olhou para cima e eu vi o seu rosto completamente pela primeira vez. Meu coração

torturado disparou, o ar parecia fino até que a falta de oxigênio fez minha cabeça ficar leve. Eu não pude deter a acusação de rolar pra fora da minha língua.

—Você parece com ele.

O nome não dito pairava no ar. A expressão fechada de Clayton me disse que ele sabia exatamente de quem eu falava. — Eu deveria. — Ele se puxou para trás, segurando a porta aberta. Seu rosto se cobriu com as sombras.

— Harper era meu irmão.

Meu queixo com dezenas de perguntas escaldando a ponta da minha língua caíram enquanto a porta se fechava. Eu precisava pedir, buscar a confirmação de que ele falou a verdade. Ele rondava a frente do meu carro para falar com dois homens cheios de encanto que eu não havia notado. Pela parede de corpos, eu vi Jacob sendo guardado entre eles. Clayton bateu no ombro do homem mais próximo, apontando o dedo para mim e depois para a estrada atrás de mim.

Ele olhou para cima e nossos olhos se encontraram através do pára-brisa. O seu olhar era uma mistura curiosa de azul acinzentado. Eu me encontrei desejando poder olhar pra baixo para descobrir se o negro dos olhos dele conflitava tanto quanto a ilusão que ele lançou sobre eles. Ele continuou conversando com os outros enquanto mantinha o seu olhar preso em mim. Acenando-os, ele começou a ir em direção a porta esquerda aberta pela saída súbita de Jacob. A porta fechou e nos selou em uma bolha de intimidade. Eu não poderia deixar passar a chance. Eu tinha que perguntar. — Por que ninguém me disse? — Por cinco anos eu vivi prestes a jogar uma pedra em alguém da linhagem de Harper. Alguém que eu deveria ter recebido como parte da família durante essa fase sombria da minha vida, alguém que aparentemente não se sentia do mesmo jeito sobre mim.

Clayton passou as mãos pelos cabelos, tirando o emaranhado úmido de seus olhos. — Dana falou com sua irmã depois que Harper não voltou para casa. — Ele cuidadosamente evitou a questão da morte. — Meu irmão se parecia comigo, como você percebeu. Elas decidiram que eu deveria ficar longe e permitir que você chorasse sem a lembrança visual do seu amante que não voltou.

— Ele não era meu amante. — As palavras correram até eu pressionei uma mão sobre meus lábios. Meu coração doeu no segundo que eu refutei a alegação.

A voz de Clayton abaixou para um rosnado rouco. — Eu não quero detalhes.

— Oh. — Sangue tingiu minhas bochechas. — É claro que você não quer. Eu não queria dizer — eu só — desculpe.

Seus longos dedos circundaram a marcha do carro. — Não se preocupe com isso. — Ele colocou o carro para andar, e quando ele passou uma terceira, os faróis lavaram os demônios pela noite.

Eu sabia que Clayton queria silêncio. Eu podia sentir isso na sua mandíbula apertada e o jeito tenso como segurava no volante, mas eu queria saber, — Por que Harper não me disse que tinha um irmão? — Eu pausei, não ouvindo nada, exceto o zumbido constante do motor.

Por um momento, ele ficou sentado em silêncio, me ignorando. Seus dedos um pouco flexionados, como se só agora tivesse percebido o quão apertado ele tinha segurado. — Eu não conhecia meu irmão, — ele corrigiu, — não sabia que eu tinha um irmão até o dia em que meu pai me designou para patrulhar a fronteira.

— Patrulhar a fronteira?

— Eu sou nascido livre. — Ele sorriu com orgulho e meu coração acelerou em resposta. — Eu nunca conheci a *hospitalidade* de Askaran.

Sua brincadeira ficou aquém, porque eu sabia quem eu era, o que minha mãe tinha sido e ainda era, e ele também. Ele olhou para cima e eu me peguei analisando minhas unhas para evitar sua avaliação. — Eu me desculpo. Você não é responsável pelas ações de sua mãe. A sociedade de Askaran é cancerígena. Eu estou contente por você ter escapado. — Ele não *disse antes que você fosse contaminada*, mas eu ouvi essas palavras claramente como se elas tivessem sido ditas.

— Está tudo bem. Eu fui criada longe da minha família. Eu não percebia o quão ruim as coisas eram até um pouco antes...antes de nós sairmos. — E quando eu descobri, eu tinha ficado horrorizada. Escravidão era só o topo do iceberg, com coisas piores escondidas abaixo da superfície. Abuso, negligência, estupro, todas essas coisas centradas em Askaran, desejo por depravação.

— Eu sei. Eu te vi uma vez, há muito tempo atrás. — Covinhas surgiram nas bochechas de Clayton como se ele tivesse lembrando de alguma coisa divertida.

— O que você estava pensando agora mesmo?

— Eu estava lembrando a primeira vez que eu vi você.

O rosto dele suavizou. Ele parecia contemplativo com a lembrança de nós dois. — Eu servi com o meu pai para a legião de homens livres. Quando meu turno de patrulha apareceu na lista, eu fiz algo que normalmente não teria feito. Eu voei sobre Rihos, ao longo do castelo de verão, e vi um anjo e um demônio brincando juntos no jardim. Você não poderia ter mais que 10 ou 11 anos de idade.

Ele franziu a testa. — Eu sabia que o menino era meu parente de sangue. Suas asas levavam o mesmo padrão de xadrez de todos na nossa

linha. Mas você... — ele olhou na minha direção, em seguida retomou o seu olhar, —...era encantadora.

Eu admirei o seu perfil usando a clara iluminação do velocímetro. Sob esse ângulo, ele parecia menos familiar. Seu rosto parecia mais arredondado e menos angular que o de Harper. — Por que você diz isso?

Dessa vez, Clayton não respondeu. Ele manteve seus olhos na estrada e dirigiu. Eu inclinei minha cabeça contra o acento e fechei os meus olhos, balançando sobre a superfície irregular e lutando contra o chamado do sono. Eu acho que eu cochilei porque muito em breve eu ouvi o som do clique rítmico do sinal de curva, então o nariz do carro bateu em um buraco. Eu estava em casa.

Eu abri meus olhos para o contorno familiar da casa de fazenda que eu dividia com Emma. Todas as luzes queimavam brilhantemente e todas as cortinas das janelas estavam abertas. Clayton estacionou ao lado do caminhão de Emma, e então deslizou para fora do banco e para dentro da noite. Minha porta abriu com um pop aspirado. Eu o vi hesitar. Uma onda fresca de humilhação me inundou. Eu o imaginei lembrando a sensação dessas pontas de ossos. Eles representavam uma sentença de morte pros Evantis. Voar era o alimento da alma, seus corações e mentes morreriam sem. De qualquer modo, a maioria dos demônios me queria morta por seu próprio bem. Eles não podiam imaginar uma vida sem asas mais do que eu imaginava meu próprio lugar no céu.

— Você não precisa me tocar. — Gostaria de me arrastar por todo o quintal antes de deixa-lo ver como as ações dele tinham me machucado.

Clayton se aproximou, bloqueando a porta aberta e minha linha de visão. Os dedos calejados dele trilharam meu rosto, alisando o meu lábio inferior. — Não é que eu não queira tocar em você.

— Mas agora você os sentiu. — Eu reforcei, tentando me agarrar a piedade dele e incapaz de me impedir de acrescentar, — Eu não posso ajudar com isso. Eles são parte de mim.

— Shhh, — ele sussurrou, roçando os seus lábios contra os meus olhos onde lágrimas salgadas se misturavam com água da chuva enlameada. —Você me entendeu mal. Eu tenho medo de se eu te tocar de novo... — seu rosto mal barbeado esfregou contra o meu,—...eu não poderia ser capaz de parar.

Minha boa caiu aberta e ele tomou isso como um convite, fazendo seu caminho pelo meu nariz até chegar a minha boca e selamos nossos lábios juntos num beijo que fez meus pés formigarem. Eu nunca tinha sido beijada. Não com língua e dentes e intenção carnal. A fúria de possibilidades que eu nunca tinha considerado era estonteante. Calor subiu pela minha espinha, queimando-me com a necessidade de provar mais dele.

— Maddie! — minha irmã gritou por detrás da montanha de demônio enfiando a língua dentro da minha boca. — Maddie! Obrigada, Zaniah, você está bem?

Clayton facilitou se afastando, beliscando o meu lábio inferior enquanto ia. A interrupção me salvou de arranjar desculpas para o meu estranho comportamento ou desculpas para o que se passaram entre nós. Emma o empurrou de lado, carrancuda, e então me envolveu em um abraço de urso.

— Eu estou bem. — Bem parecia estar a anos-luz de distância do que eu senti apenas algumas horas antes. Eu reforcei, encontrando o seu abraço menos confortante do que tinha sido antes. Os braços de Emma caíram ao seu lado, talvez já sentindo a raiva já despertada em mim. — Eu deveria ter te contado. Eu deveria ter te alertado, mas eu não achei que isso fosse acontecer tão cedo.

Eu fiz uma careta. Jacob tinha soado como se ele tivesse tido tempo de sobra para fazer os seus planos. Anos, se seu discurso retórico fosse confiável. Então a palavra *logo* não parecia aplicável. — O quê está acontecendo comigo?

— Emma olhou de relance para Clayton. — Essa é uma conversa particular. Você não pode ser uma estátua em outro lugar?

Ele deu alguns passos de distância, o suficiente para a ilusão de privacidade pelo menos. Emma baixou sua voz.

— Já se passaram 5 anos desde sua cerimônia de ascendência. — Linhas gêmeas apareceram entre suas sobrancelhas, puxando para baixo. — E você já esteve 5 anos sem Harper.

— Okay. — Eu desenhei a palavra.

— Sua ascendência coincidiu com sua primeira ovulação. — Os braços quentes dela me cercaram, levantando-me do caminhão. — Mas, há mais que isso.

— O quê eu não sei? — Eu perguntei brincando.

— As mulheres Askaran só são férteis por um período de 4 ou 5 dias a cada 5 anos. Durante esse tempo, seu perfume muda enquanto seu corpo emite um feromônio feito para atrair os homens.

Eu engoli em seco. — Eu definitivamente não me lembro disso.

Eu não consegui te contar a tempo. — A explicação dela soava tão fraca quanto eu me sentia. — É um pretendente a ascendente, ou se a união é arranjada, seu consorte, é a quem cabe todos os aspectos da sua educação sexual.

— E depois? — Meus dedos apertaram o tecido da blusa dela enquanto minhas unhas afundavam em seu ombro. — Você não podia ter em contado isso antes de agora?

— Eu tentei, — ela retrucou. — Você me derrubava toda vez que eu abordava o tópico.

— Eu deveria ter sido avisada.

— Então você não deveria praticamente ter posto os dedos nas orelhas toda vez que eu mencionava Harper ou os malditos Evanti. — A mandíbula dela endureceu. — Se eu dizia alguma coisa que você não queria ouvir, você parava de falar por dias. É minha culpa por não empurrar essa informação pra você mais cedo, eu sei, e eu sinto muito. Eu fiz o melhor que podia por você, por nós duas, mas eu não sou perfeita.

— Espere. — Compreensão confusa caiu em mim — E sobre Jacob? O quê isso tem a ver com os Evanti?

— Você é uma mestiça reivindicada por um de seus homens. O costume Evanti garante a mulher um período de 5 anos para sofrer por um companheiro morto. Já que eles têm tão poucas mulheres, é dado a ela para que espere outro companheiro para ajudar na corrida populacional.

Realização me atingiu. — Você está me dizendo que eu sou o quê? *Quente e disponível?*

Emma fez um careta. — Eu honestamente não pensei que isto iria ficar tão fora de mão. Harper nunca permitiu que outros homens ficassem ao seu redor, então eu não sabia o que esperar. — Ela mal me empurrava enquanto subia os degraus da varanda da frente. — Eu acho que nós todos subestimamos a intensidade da sua atração.

Meu olhar encontrou o caminho infalível para Clayton, — Então eles agem por impulso e não por interesse sincero?

Ela sacudiu a cabeça. — Levando em consideração o deus feromônios? Eles serão todos afetados em algum nível.

Os lábios de Clayton se apertaram em uma linha quando nós passamos caminhando. Eu descansei minha cabeça cansada no ombro de Emma e o perfume doce da casa atingiu meu nariz.

Ela pressionou os lábios no meu rosto. — Eu amo você, *vinda koosh*.

— Eu sei que sim. — Eu suspirei.

Ela me acomodou no sofá na nossa pequena sala de estar. — Deixe-me dar uma olhada e ver o quão danoso isso é.

Ela examinou-me da cabeça aos pés, olhos se prendendo ao corte do tecido onde o osso perfurava a carne. Pele regenerada já começava a engolir a protrusão, Nós duas sabíamos o que tinha que ser feito. Ela olhou para mim, seu rosto impassível. — Você está pronta?

Eu serrei minha mandíbula. — Faça.

Um estalo nítido como um aipo sendo quebrado encheu a sala. Eu chorei enquanto a onda de dor me varria e ameaçava em arrastar enquanto Emma recolocava meu osso quebrado. Eu gostaria de curar, mas, caramba, eu ia me machucar muito.

Clayton atravessou a porta e veio para o meu lado em um instante, agarrando Emma pelo pescoço e a levantando do sofá. — O quê diabos você está fazendo? — Ele rangeu as palavras pelos dentes cerrados.

Eu não tinha que me preocupar com Emma. O suor frio na minha espinha era todo por Clayton. Alguma coisa ameaçadora se agitou atrás dos olhos azuis dela. Clayton era outra questão. Não importava a força inata dele, ou os anos passados treinando que lhe deram o corpo perfeito, biologia ainda os segurava desigualmente. Ela era incompleta, e ele não. Se ele a deixasse louca o suficiente, ela poderia se nivelar a ele em uma piscadela.

Eu joguei a almofada do sofá nele, trazendo sua atenção de volta para mim e para longe da briga que ele não poderia vencer. — Clayton, deixe-a ir. Ela tinha que quebrar o osso antes que ele se remendasse completamente.

Ele piscou os olhos como se quisesse limpá-los e liberou Emma de seu aperto. Ele se afastou lentamente, deslizando para trás da sua máscara de

indiferença; — Eu me desculpo. Isso foi desnecessário. Eu deveria ter sabido que você nunca iria machuca-la de bom grado.

Emma esfregou a mão em sua garganta avermelhada. — Maddie se cura rápido. Eu estou surpresa que Harper nunca contou a você. Quando seus ossos são quebrados, eles devem ser repostos em um par de horas ou ela tem que passar por uma quebra sólida.

O olhar de Clayton passou dela pra mim. — Quantas vezes você já fez isso?

Ela rosnou. — Meu pai queria Maddie desde a primeira vez que a viu durante o verão da corte, no seu décimo ano. Ele soube que não poderia possuí-la antes da ascensão, então ele forçou-me a puni-la para seu prazer. — A voz dela quebrou. — Ela vivia separada do resto da corte, e ela era a única coisa que ele não poderia ter. Quando ele descobriu que ela era inquebrável... — Emma estremeceu e deixou o resto não dito. O olhar de Clayton pegou o meu, mas eu o quebrei. Envergonhada pelo que ela e eu tínhamos sido. O que no nosso nível mais básico, ainda éramos.

Ele estendeu a mão para mim. — Maddie, eu.

Emma o empurrou para trás. — Não a chame assim. — Eu ouvi lágrimas na voz dela. — Você não é Harper não importa o quanto você deseje isso. Você não a conhece.

Toda a emoção agitada, pesar, preocupação, confusão e alguma coisa infinitamente mais suave, mais doce, drenada do rosto dele. — Madelyn, — ele corrigiu. — Desejo-lhe uma rápida recuperação. — Ele se virou para a porta. — Eu estou indo checar Jacob antes de ir para casa. — Os olhos dele brilhavam. — Ele será punido pelo que fez com você.

Emma acenou com a cabeça e Clayton abaixou a cabeça em retorno. Claramente ali havia muito mais dessa história do que tinham me dito. Mas

respostas teriam que esperar até a onda de dor ir embora e eu poder pensar de novo.

Eu não queria que Clayton fosse, mas eu não poderia pedir a ele para ficar pois, de acordo com Emma, os hormônios dele iriam garantir que ele permanecesse, querendo ele ou não. Seria melhor deixa-lo ir e limpar o ar entre nós. — Obrigada, Clayton, por tudo.

Ele não teve chance de responder. Nossa porta de tela voou com um tapa, batendo contra a parede da cozinha. Dana entrou correndo e fez o caminho mais curto até onde eu estava no sofá. — Oh, Maddie, — ela chorou. — Sua pobre coisinha. Quando nós ouvimos as notícias, eu fiquei em choque.

— Você ficou? — Eu perguntei, mas ela em ignorou. Essa manhã ela tinha tentado me falar alguma coisa. Eu nem de longe tinha imaginado o que, mas eu quase podia perdoar minha irmã por suas ações, eu não imaginava quais foram as razões de Dana para reter informação.

— Quem poderia imaginar que Jacob, nosso Jacob, poderia reagir dessa maneira? — Ela deu mais alguns passos apressados antes de avistar Clayton. Sua virada quase me deu tontura. Ela endireitou a coluna, jogando os ombros para trás enquanto passava a mão pelo cabelo, conferindo seu coque apertado antes de virar e encara-lo em seu lugar.

— Oh, Clayton, — ela balbuciou. — Você foi tão bravo esta noite. Mason e Dillon me contaram tudo sobre como Jacob estava bebendo café novamente. Ele sabe que essa coisa o faz ficar louco. Aquele menino tem que aprender a ler os rótulos.

Ela acariciou seu braço bem definido. — Eu não vejo sua caminhonete. Por que você não me deixa dá-lo uma carona para ver Jacob? É pra onde você está indo, certo? Então eu vou leva-lo direto pra casa.

Minhas unhas cravaram nas palmas das minhas mãos. Isso me irritou para perceber que se eu conseguisse andar, eu teria o prazer de arrancar os

dedos dela do braço dele. Eu nunca fui fã de Dana, mas o desejo repentino e irracional de me por entre os corpos dela e de Clayton alcançou um alto nível de aversão. — Eu aprecio a sua oferta.

Ela enganchou o braço no dele, levando-o pela cozinha como um premiado garanhão. — Vamos, querido. Não arraste os pés. — A expressão dela mudou para algo parecido com orgulho. — Eu tenho 3 menininhos esperando a mamãe deles em casa.

A forma como Dana acariciou-lhe, praticamente rastejando sobre sua pele e o jeito que ele permitiu isso, deixou uma pequena dúvida sobre quem deveria ser o pai dos trigêmeos Evanti. Eu me lembrei de Emma me falando que o pai das crianças tinha morrido na mesma emboscada que nos custou Harper. Este não deveria ser o caso. Eu recordei as palavras de Jacob. *Você procurou pelo rosto dele nas crianças? Você o achou?*

Talvez não tenha sido a semelhança com Harper, mas a com Clayton evidenciado na prole de Dana. A voz de Emma sobre o som da porta de tela fechando na saída deles. — Vamos levá-la para cama. Se conseguirmos enfaixa-la direito, amanhã você estará andando.

— Amanhã é quarta. — Parecia semanas ao invés de horas desde que eu deixei a casa essa manhã.

— Não. Absolutamente não. — Ela me levantou em seus braços. — Você não vai fazer caminhada nessa manhã. Um passinho em falso e você corre o risco de repetir a fratura. Você ficaria encalhada na montanha, e isso não vai acontecer. Eu não vou correr o risco de outro Jacob achar você isolada lá.

— Sim, mãe. — Eu brinquei.

Ela franziu o nariz e olhou para meu estado enlameado e ensangüentado. — Você quer tomar um banho antes de deitar?

Olhei ansiosamente para minha cama. Com a colcha abaixada e meu travesseiro fofo, eu não poderia resistir ao canto da sereia. — Não esta noite. Eu vou tomar amanhã. Não é como se eu tivesse que me preocupar com uma infecção, e eu vou lavar os lençóis, assim você não terá que fazer isso. Além disso, já tínhamos dormido pior.

E nós tínhamos.

Capítulo Nove

No dia seguinte meus passos estavam devagar, a queima do impacto quando minhas pernas absorviam meu peso era mais pronunciada, mas eu estava de pé e andando. O desconforto não me impediu de trabalhar, mas Emma tentou isso. A cada 15 minutos ela tirava do freezer uma bolsa de gelo e me empurrava para baixo rapidamente antes de colocá-la sobre meu joelho. Para sorte de nós duas, as quartas feiras eram, sem falha, o dia menos movimentado de nossa semana de trabalho.

Dois terços da parede exterior de nosso café são compostos de vidro, dando aos nossos clientes uma janela para o mundo exterior. E quem não gosta de pessoas para olhar? Eu olhei pelos vidros Widex polidos e estiquei o pescoço tentando pegar um vislumbre de Emasen, mas deixei uma mancha de testa ao invés disso.

— Pare com esse mau humor. — Emma jogou um guardanapo enrolado para cima de mim, batendo no lado da minha cabeça. Apanhei-o e enxuguei minha mancha. — Eu não estou de mau humor.— Okay, então se eu não escondesse o meu bico, eu provavelmente poderia tropeçar nele antes da mudança de turno. — Eu nunca tinha perdido um dia de caminhada desde que cheguei aqui.

A montanha tinha sido meu local de consolo no tempo em que eu precisava de uma maneira para lidar com a tristeza. Em raras ocasiões, quando minha mãe me permitiu viajar em Rihos, Harper tinha furtivamente me levada para um cume estéril perto do castelo de verão.

Eu gostaria de me sentar, balançando meus pés na borda e ver como ele mergulhava no ar livre e caía em direção ao chão em queda livre. Eu arfava a cada vez que as asas dele abriam com um forte pop para deter sua descida. Algumas vezes, ele mesmo me embalava contra ele, permitindo

que eu jogasse o jogo também. Eu precisava de um jeito de esquecer. Emasen me deu isso. Lá, eu quase podia ouvir a risada dele levada pelos ventos através da bacia. Eu exalava lentamente, tomando estoque de como eu havia desperdiçado a vida que ele tinha me dado. Eu não tinha feito nada, ido para nenhum lugar para justificar o sacrifício dele. Meu peito doía. Meu coração ferido, eu queria retira-lo e desliza-lo para baixo de toda essa lama de isolamento auto-imposto.

Minhas unhas furavam minhas palmas das mãos. Não, eu deveria usar a dor para me ancorar. Para me manter acordada e me lembrar do alto custo da liberdade e o homem que pagou o preço para que eu não fizesse isso.

— Mais gelo e menos beicinho. — Emma apontou para onde a bolsa cobria apenas metade do meu joelho. Arrumei a compressa e lancei um olhar rápido pelo restaurante. Um casal idoso curvados sobre suas tigelas de sopa do dia eram os clientes do almoço de hoje. O resto do lugar estava vazio, e tinha sido assim desde a corrida esparsa do café da manhã.

— Eu posso te perguntar uma coisa? — Eu rasguei o guardanapo em tiras pequenas e tentei manter minha coragem. Eu queria perguntar sobre Clayton. Como ele era, aonde ele ia, o que ele fazia. Qualquer coisa para obter uma noção do homem que tinha consumido meus sonhos noite passada.

Mesmo que eu tenha dito a mim mesma que eu queria a amizade dele para cimentar um frágil laço com Harper, eu sabia que isso era uma mentira. Eu o queria por razões puramente egoístas, tendo nada a ver com seu irmão e tudo a ver com como ele me fez sentir em seus braços na noite passada.

Emma limpou suas mãos com um pedaço enfiado no bolso do avental.

— Manda.

— Você acha que eu vou ver Clayton novamente? Ele é...?

A forma como as narinas dela ficaram, me fez repensar minha pergunta. Emma definitivamente tinha algum tipo de história com ele, e não parecia ser do tipo feliz. Eu queria perguntar se ele e Dana estavam ligados, mas me acovardei e sacudi um polegar para a mesa cinco.

— Já são 15 minutos. Eu aposto que o Sr. Jerkins está batendo o pé e checando seu relógio. É melhor você terminar logo esse café se você quiser receber aquela gorjeta de dez centavos.

Emma olhou, rindo. — Você é tão má. — Mas ela pegou o último pote de café fora da linha e levou para o senhor que estava esperando, usando as gotas finais para reabastecer o seu copo. Eu exalei uma vez quando ela saiu da faixa de audição.

O toque abafado do telefone quebrou o silêncio. — Você quer que eu atenda?

Ela encheu a caneca quase toda e andou de volta para o bar para colocar a chaleira sobre o balcão.

— Boa tentativa, mas você ainda tem 10 minutos. Não mova um músculo ou eu vou fazer você sentar por outros 10 minutos só por maldade.

Dei de ombros e deixei minha cabeça descansar sobre o encosto de vinil do banco. Um minuto ou dois passaram enquanto eu considerava se a reformulação da minha pergunta poderia ajudar ou não desviar a raiva de Emma. Quando ela virou a esquina, preocupação marcava sua testa. As mãos dela seguravam as cordas do avental, pegou-as e apertou os nós.

— Você está ok? Quem era no telefone?

— Era Dana. — Ela deixou cair as mãos. — Aparentemente Parker aceitou um desafio de um ou ambos dos seus irmãos de voar até o telhado da estalagem.

Eu sentei ereta. — Ele está bem? Eles o desceram?

— Ele está embaixo e bem. Ele ficou assustado e caiu da borda. Dana souou certa de que a perna dele está quebrada. Ele queria saber se eu poderia cuidar da estalagem e receber os culpados enquanto ela leva Parker pra sala de emergência.

Toquei-a com as mãos, pronta para tirar o saco de gelo. — Vai lá. — Fiz um gesto para o restaurante vazio. — Não é como se alguma coisa fosse acontecer aqui. Além disso, você vai ficar bem do outro lado da rua.

— Eu não posso deixá-la sozinha. Alguma coisa poderia acontecer. Talvez Lynn possa vir para a última metade do turno. Só por algumas horas. O marido dela pode viver sem ela por esse tempo.

O tilintar do pequeno sino de prateado que ficava sobre a porta de entrada interrompeu nossa conversa. Ambas olhamos, esperando ver um dos clientes regulares, mas achamos Clayton no lugar deles. Ele acenou para Emma antes de me atirar um sorriso com covinha. Meu coração pulou mais rápido e minhas mãos começaram a suar.

O gosto do beijo impulsivo dele da noite anterior parecia saborear na minha língua. Eu não sabia o que dizer para ele.

Emma não tinha esse problema. — O que você acha que está fazendo aqui?

Ele segurava um buquê de margaridas. Do tipo multicolorido que você compra na mercearia e se pergunta se a natureza ou corantes alimentares lhes

emprestaram essa vibração. Um pequeno retângulo de cartolina estava pendurado na parte superior das flores com as palavras — Fique boa logo — estampadas nele.

— Eu vim para ver como Madelyn está se sentindo hoje.

Ele atravessou o restaurante, ignorando uma não-muito-satisfeita Emma, e sentou no acento em frente ao meu. Ele me ofereceu as flores com uma saliência rápida de seu braço. Talvez ele estivesse embaraçado, o que eu tenho certeza que não tinha anda a ver com minha irmã ficando em pé por cima de seu ombro, lançando adagas nas suas costas.

Quando eu peguei o buquê, nossos dedos se encontraram ao redor do pacote de caules e os espinhos de alguma coisa entre nós.

— Obrigada. — O cheiro da caneta permanente usada para assinar o nome dele no cartão fez meu nariz coçar.

— De nada. Como está se sentindo?

— Machucada, mas já me senti pior. — Eu tentei suavizar a verdade com um sorriso, mas eu não acho que ele acreditou nisso. Eu espantei Emma com as mãos. — Parker está esperando. É melhor você ir.

Clayton perguntou, — O que aconteceu com Parker?

Eu redigi minha resposta com cuidado. — Ele caiu do telhado da estalagem e provavelmente quebrou a perna quando aterrissou. — Emma— eu dei a ela meu olhar mais severo — está indo cobrir Dana enquanto ela o leva ao hospital.

Eu observei a reação dele. Ele franziu a testa para a notícia, mas não mostrou nenhum traço de preocupação ou pediu para fazer uma ligação. Eu

não podia ver um homem como Clayton não cuidar de sua prole, sua tão casual aceitação do acidente de Parker me fez questionar meu julgamento precipitado. Talvez ele não fosse o pai deles afinal.

O olhar duro de Emma arrasou-me dos meus pensamentos. — Eu não decidi se eu estou indo ou não. Eu não quero deixar você sozinha. — Ela cavou em seus bolsos. — Eu vou ver se Lynn ou Marcy estão em casa.

O olhar de Clayton tocou em pontos da área de alimentação. — Eu não estive aqui em anos. — Seus lábios lembrando o sorriso de uma criança que tinha sido pega aprontando algo ruim. — Eu faço Dana pegar hambúrgueres pra mim de vez em quando. A comida aqui é a melhor da cidade. — Ele clareou sua garganta. — Se você não se importasse se ter um estagiário atrás de você, eu ficaria feliz de ficar e ajudar, desse jeito Emma poderia sair e você não estaria sozinha.

— Isso seria...

— Não, absolutamente, não, — ela retrucou, segurando o telefone na orelha. — Droga, ninguém nunca está em casa quando a gente precisa? — Eu gemi. — Você precisa ir. Tem um garoto de 5 anos de idade sentindo dor, esperando você chegar para colocar sua bunda na engrenagem. Clayton já está aqui e a pensão é só do outro lado da rua.

Quando ela olhou pela janela, eu a vi resolver enfraquecer e o telefone fechou. — Bem, mas você vai manter seu telefone ligado e no seu bolso. Ligue-me se ele olhar pra você de um jeito engraçado demais.

— Eu farei isso. — Ofereci-lhe uma saudação.

Ela poupou um segundo para encarar Clayton antes de sair pela porta da frente, atravessando a rua e desaparecendo dentro da modesta casa transformada em pensão local.

Ele bateu os dedos na mesa. — Então, o que faz um garçom-em-treinamento por aqui?

Eu aponte para o bar. — Ele coloca café fresco no pote. Emma só derramou a última gota. — Eu parei. — Está bem se você ficar por aqui?

— Eu tive meu turno de cafeína há muito tempo atrás. — Ele riu suavemente. — Meu pai me batia para que esse vício saísse da minha pele.

O tom de piada dele me fez acreditar que os seus golpes foram de um tipo diferente dos que eu cresci experimentando. Mas o assunto do pai dele me fez imaginar. — Ele era um homem duro?

Clayton deu de ombros. — Ele era um monte e coisas, mas sim, duro era uma delas. — Ele se afastou da mesa e de qualquer outra pergunta que eu pudesse ter feito. Sua evasão a esses assuntos que ele não queria falar comigo só em deixou mais curiosa. — Existe mais alguma coisa que precisa ser feita?

Eu engoli visivelmente. — Só ouça o sino da porta. A enfermeira Emma disse que eu sou obrigada a ficar na cabine por no mínimo mais 5 minutos.

— Ela está certa Você precisa descansar esse joelho.

Apesar da vibração incômoda no meu joelho, eu me sentia bem. Eu poderia ter ido caminhar hoje. Eu gostaria de caminhar amanhã, minha irmã aprovando ou não. Minha pele coçava por ser confinada a pequenos espaços. Eu queria ar fresco e raios de sol, não reciclados das janelas e das luzes fluorescentes.

— Eu estou perfeitamente bem. — Eu massageei o machucado que tinha feito nas minhas palmas.

— Não há razão para eu não estar em Emasen ao invés de estar aqui.

— Emasen?

— Sim, eu caminho em Emasen, muito obrigada. Toda quarta, exceto hoje porque ontem...acidente.

— É um caminho muito perigoso. É melhor você esperar até poder lidar com ele.

— Do que você sabe? — Eu peguei o saco de gelo do meu joelho e o deixei cair na cabine. — Não se preocupe com o café, eu vou buscá-lo.

Meu passo irregular foi abalado pela minha rótula dura do gelo. Em vez de marchar pela cozinha, fui mais mancando indignamente. Peguei o pote vazio do balcão e fui para a cozinha para dar-lhe uma lavagem rápida na pia de aço inoxidável. O rugido da água saindo com alta pressão da pia fez com que eu não ouvisse Clayton em seguindo.

Eu senti um puxão no fim da minha longa trança para chamar minha atenção. Eu girei para encará-lo e descobri que ele ainda estava segurando os fios de cabelo na sua mão.

— Tem alguma coisa em que eu posso ajuda-lo?— Eu plantei meus pés, determinada a não achar o caminho para os ombros largos dele que me deixavam nervosa.

Ele deu de ombros, ainda dedilhando o meu cabelo. — Eu tenho uma confissão a fazer. — A voz dele ondulava com a mesma indecisão que me fez escorregar na minha primeira tentativa de desligar a torneira. Escolhi minhas unhas ao invés de olhar para o rosto dele.

— Ok; vamos ouvir.

Eu poderia ter me chutado por instigá-lo, mas ele me deixou curiosa. Eu não poderia imaginar nada que deixasse aquele homem nervoso, mas eu vi os finos tremores em sua mão. Ele dissimulava isso mexendo na trança.

— Eu costumava te observar.

Eu rasguei minha unha rapidamente e amaldiçoei enquanto o sangue perfeito pingava do meu dedo. — Droga.

Aquilo doeu, mas dificilmente foi fatal. Determinada, eu continuei brincando com a ferida para tirar o máximo de partido do seu deslocamento de foco. Eu precisava de um minuto. Sessenta minutos não seriam suficientes para colocar em ordem o caos que estava os meus pensamentos.

Clayton levantou minha mão e abriu sua boca. Os lábios dele se fecharam ao redor do meu dedo. Meus olhos vibraram e fecharam antes que eu pudesse impedi-los. Quando a língua dele girou ao redor do meu dedo, minha outra mão agarrou a pia para eu em apoiar. Eu não queria que ele parasse. Eu fui um pouco para trás com um gemido. — Você me observava?

Ele soltou meu dedo com um beijo na ponta. Os ombros dele rolaram. — Eu tentei não fazer. Eu sabia que não deveria, mas não pude me ajudar.

Seus olhos tristes e sua expressão culpada me suavizaram. Eu toquei a ponta do seu queixo com um dedo. — Porque você está fazendo isso? Nós mal nos conhecemos.

Ele girou o rosto na minha mão, então eu fiquei com ela contra a mandíbula quadrada dele. O mesmo calor da noite anterior reacendeu, rugindo para a vida. — Eu sei que você não me conhece, — ele disse.

—Mas o jeito que Harper falava de você ...eu sinto como se eu te conhecesse, como se eu tivesse te conhecido desde sempre.

Seus polegares fortes deslizaram sobre as articulações dos meus dedos. — Eu sei que você plantou uma caixa de lilases do lado de fora da janela do seu quarto em Rihos. — Eu apenas observei de perto sua mudança sutil. — E que Harper bateu nela quando aprendia a voar então ela sempre ficou inclinada para um lado.

O centro do meu peito foi preenchido com algo dolorosamente doce.

Ele me conhecia do jeito que eu o conhecia, através de trechos de conversas e espaços divididos. Quantas vezes nossos caminhos foram os mesmos sem nossas vidas se cruzarem? Quantas vezes ele teve certeza que não se cruzariam?

Eu percebi que nós ficamos peito a peito. — Eu não sei

— Só me dê uma chance. — Ele guiou minha mão de sua face para deslizá-la pelo seu ombro. — Eu prometo que você não vai se arrepender disso.

Eu tinha tempo. Se eu não quisesse o que ele tinha oferecido, eu poderia tê-lo parado ali, mas eu não fiz isso. Eu não poderia. Em baixo dos dedos dele, meus sentidos foram despertados com uma profunda agitação, eu queria essa experiência. Eu precisava me sentir daquele jeito de novo.

A cabeça negra dele abaixou, Lábios separando logo antes de encontrar com os meus. No primeiro toque da boca dele na minha, eu tinha meus dedos afundados em sua camisa. Seu toque era suave, questionando. Eu respondia do único jeito que eu poderia. Segurando seu ombro, eu o impeli para mim.

Quando a língua dele pressionou meu lábios entreabertos, eu gemi e me inclinei para ele. Ele me apoiou até que seus quadris prenderam os meus

contra a base da pia. Prazer precedeu pânico enquanto seu grande corpo encurralava o meu. Talvez eu não estivesse pronta. Esse poderia ser um grande erro. Ele não deveria fazer idéia do que ele estava pedindo.

— Nós não podemos, — eu arfei. — Há clientes lá fora e eles devem estar precisando de mim.

— Eu preciso mais de você do que eles. — Os lábios dele voltaram aos meus, beijando me uma, duas vezes. Eu queria acreditar nele, mas como eu poderia? Eu não poderia me perdoar se eu tirasse vantagem dele enquanto meus hormônios corporais agiam para fazê-lo agir desse jeito. Eu rompi o beijo, necessitando de espaço para limpar minha mente.

A campainha da loja tilintou, seguido do baixo zumbido ansioso de vozes excitadas. Aliviada pela interrupção, agarrei a oportunidade com as duas mãos. — Que barulho todo é esse? Um de nós precisa descobrir o que é. — Eu andei em direção à sala, mas o braço musculoso dele apoiou-se na porta, me bloqueando dentro da cozinha.

Clayton bateu a testa contra o batente da porta. Sua expressão ficou tão terrível, eu ri. Eu não poderia ajudar nisso.

— Vamos lá, garçom. Vamos ver do que você é feito. Certamente, o líder da colônia pode lidar com duas dúzias de crianças procurando por um lanche especial de frango?

Eu pesquei um bloco e uma caneta do meu bolso e ofereci-os para ele. Ele pegou-os com um grunhido resignado enquanto eu agarrava seus braços e o virava para encarar o salão. — É fácil. Você os senta em grupos de 4 até nos ocuparmos as cabines, aí você os coloca nas mesas. Então você pergunta, 'O que você gostaria de beber?' Distribua os menus — aguarde 5 minutos e pergunte, 'Vocês estão prontos para pedir?'

Ele girou e me apertou contra ele, capturando minha boca. Eu levantei os meus dedos para tocar meus lábios que ainda formigavam. — O que foi isso?

— Sorte.

Suprimentos nas mãos, ele foi encarar nossos cliente enquanto eu virava para a frigideira e acrescentava mais óleo. Então eu arrastei para fora do congelador os sacos de batata fritas congeladas e sacolas cheias da receita de tiras especiais de frango da Emma.

Eu parei quando ouvi a voz de Clayton vinda do pequeno salão. — O que você gostaria de beber? — ele perguntou, seguindo da cacofonia de barulho das dúzias de crianças respondendo na mesma respiração. Eu ri, quase sentindo pena dele enquanto deixava cair o primeiro lote de frango no óleo.

Horas depois, as crianças tinham ido, as mesas tinham sido limpas, o chão varrido e a placa de fechado virada.

Clayton afundou numa cadeira de jantar dentro da cozinha. — Eu não sei como você faz isso todos os dias.

Eu olhei para cima de onde eu estava carregando a máquina de lavar louça. — Não é tão intenso todo dia. Principalmente nos fins de semana ou nos raros feriados, mas na maioria dos dias não é uma maneira ruim de se ganhar a vida. Eu me divirto aqui.

As panelas pesadas fizeram barulho enquanto eu as joguei no fundo da pia industrial.

— Posso te dar uma mão com isso?

— Claro. — Eu parei, considerando. — Você sabe como lavar louça, certo?

A poucos metros acima da pia estava pendurado um tubo de borracha com um bico de spray na ponta. A premissa era simples. Você puxava e a água saía do final desse tubo.

— Eu já lavei louça antes, sabe. Você tem que aprender um monte de coisas quando mora sozinho, mas eu acho que não tenho que contar isso pra você.

— Ótimo, — eu disse, pouco convencida. — Mostre-me.

Ele estendeu a mão e deu um puxão rápido no registro em forma de sino, ativando o spray na potência máxima. Eu ouvi a água saltar para as bandejas ainda incrustadas com biscoitos que sobraram do café da manhã. A mão dele abriu e puxou o cabo esticado, retraindo enquanto ele amaldiçoava e pulava pra trás. Quando ele virou-se, sua camisa pólo branca estava molhada no estômago e eu podia contar os músculos rígidos do seu abdômen. Ele estava encharcado do peito até a virilha. Eu limpei minha garganta e achei alguma coisa interessante no calendário sobre nossa mudança de cronograma para prender minha atenção.

— É mais forte do que eu estou acostumado a usar, ok?

Entre seu tom defensivo, sua expressão confusa e sua roupa encharcada, eu não poderia ajudar. Eu ri. Era fácil relaxar com ele. Ele soltou todas as risadas que eu preni pelos últimos anos até que elas provocaram uma dor no meu estômago enquanto eu me dobrava de rir, ofegante. Suas mãos levantaram indo pro spray de novo. Instinto me disse para correr e correr rápido antes que ele tivesse a chance de fazer o que quer que estivesse fazendo seus olhos brilharem e provocando seu sorriso de lado.

Eu me virei e quase fiz o caminho pela porta antes de um jato de água gelada me atingir nas costas. Água correu pela minha calça e molhando minha roupa de baixo, correndo pelas minha perna abaixo até chegar aos meus pés.

— Para o que foi isso? — Agora a camisa que eu usava solta por cima da minha camiseta estava grudada na minha pele.

— Vingança. — Seus lábios formavam um sorriso perverso.

— Eu não fiz nada para você ter que se vingar. Você foi único que disse que sabia como trabalhar com o spray. — Eu apanhei a faixa de cabelo da minha trança e pentei os cabelos com o dedos, eles cobrirem minhas costas molhadas.

— Você riu de mim.

— Foi engraçado.

Ele pegou a mangueira de novo. — Eu vou ser mais cuidadoso dessa vez.

— Não. — Eu sai de sua mira só para o caso de ele ter algumas idéias.
— Só as deixe aí. Eu lavarei isso. Só me deixe limpar essa bagunça primeiro.
— Eu dei um passo e deslizei um pouco, estremecendo quando meu joelho machucado me apoiou.

Clayton andou até mim em 4 passos rápidos. Ele inclinou-se até ficar na altura da minha barriga e me levantou nos seus ombros. — Eu fiz a bagunça. Eu irei limpa-la. Só me diga onde está o esfregão.

Eu bati meus punhos contra as costas dele. — Me coloque no chão. Agora. Ou eu vou chamar Emma.

— Dedo duro, — ele provocou, e golpeou minha bunda com sua mão livre.

— Oww. — Eu teria lutado mais se não tivesse olhado para baixo e notado o conjunto de duros músculos da bunda dele se movendo embaixo dos jeans desbotados. Eu estava tentada a chegar para baixo e dar à bunda dele um bom e sólido golpe, mas eu não queria encoraja-lo.

Ele me carregou até a frente do restaurante e me deixou em uma cabine. — Você fica aqui.

Eu não podia acreditar na audácia dele. Eu pulei de pé e joguei na cara dele. — Você não manda em mim.

Eu espetei o peito sólido dele com meu dedo. — Eu não preciso de duas mães galinhas, o cacarejo constante de Emma já é ruim o suficiente.

Foi um erro ficar tão perto dele, mas eu não podia lembrar o porquê quando as mãos dele em concha foram para o meu rosto e seus lábios desceram para cobrir minha boca.

Eu quebrei o beijo. — Você não pode continuar me beijando para me calar.

Ele virou meu rosto de volta para o dele. — Então cale a boca para que eu possa te beijar.

O movimento lento dos lábios dele nos meus me fez perceber o quanto eu estive morta por dentro. Certo, eu estive comendo e dormindo, falando e andando e trabalhando — mas eu não me importava se parasse de fazer qualquer dessas coisas. Agora eu precisava delas. O despertar que começou na noite passada, na toca terminou agora na presença dele.

Eu queimei, quente e insistente, desejando coisas que eu nunca tinha imaginado. Como os movimentos rudes que as mãos dele faziam sobre a minha pele ou os sons suaves que ele faz quando eu o beijo de volta. Pequenas coisas que me contam; como ele se sente sem que diga uma só palavra.

Ele levantou-me para a mesa, me trazendo mais para perto de sua boca. Os dedos dele deslizaram pelas minhas costelas, quase as tocando, mas não era onde eu queria que eles estivessem. A frente da minha camisa estava úmida pelo contato com a sua roupa encharcada.

O tecido úmido e o ar fresco, sensibilizou meus mamilos, fazendo-os duros e os atraindo para o calor das mãos dele espalhadas pelo meu corpo.

— Eu deveria me sentir como se estivesse pegando fogo? — Eu perguntei quando os dentes dele se fecharam na pele do meu pescoço. — Eu nunca tinha me sentido assim antes.

Ele resmungou. — Deus, isso é o que eu queria ouvir.

Eu o empurrei de volta, olhando por cima dos meus ombros. — Não há nada além de vidro atrás de nós. — Só porque eu não podia ver ninguém além das luzes do restaurante, não significava que não haveria ninguém lá.

— Por favor, Maddie. — O tom sincero dele foi minha perdição. — Deixe-me ter um pouco mais.

Eu abaixei minha rejeição instintiva, as incertezas, tudo que estivesse bloqueando meu momento de prazer. Eu tinha certeza que pensaria mais claramente depois que ele tivesse ido e levado as doces tentações com ele.

— Ok.

A risada escura ao ouvir minha aceitação deveria ter me assustado e teria se eu tivesse sido capaz de pensar além do prazer pelo aperto de seu corpo masculino apertado contra o meu. De sentir seu coração bater com pressa e pegar sua respiração quando eu mordisquei seu lábio inferior em retribuição à noite passada.

Eu tinha o pensamento fugaz de que Harper nunca tinha mexido esse meu lado. Então a cabeça de Clayton abaixou e os dentes dele envolveram o meu mamilo através do tecido de minha camisa úmida e minha mente capotou como um interruptor desligado.

Suas mãos alisaram abaixo da ponta molhada da minha camisa e mediu minhas costelas antes de subir e empurrar meu soutien até meus seios se soltarem.

— Eu posso provar você? — Ele perguntou.

Eu assenti, pois minha língua parecia paralisadas. Talvez eu a tivesse mordido. Talvez ele. Eu não sabia e não me importava.

Ele puxou minha camisa para cima apenas o suficiente para chegar a pele nua. Quando os lábios dele fecharam sobre o meu peito, os dentes dele puxando o bico tenso, eu ofeguei e arqueei mais para perto. Seu baixo *hum* de aprovação fez minha febre arder mais alta. Minhas mãos ansiosas procurando por ele, dedos buscando alcançar a camisa ensopada dele, mas ele já estava se afastando.

— Não. — Ele pegou minhas mãos e as levantou aos lábios, pressionando um beijo em cada palma. — Não agora.

Ele gentilmente abaixou os bojos do meu soutien no lugar e alisou minha camisa para baixo antes de cair de joelhos, envolvendo as mãos em volta dos meus quadris. Seu rosto apoiado na parte

superior da minha coxa. Sua respiração era superficial, rápida, seu aperto era duro e seus dedos beliscavam.

— Você está bem? — Eu perguntei sem ar, sem certeza do que tinha acontecido. Ou não tinha acontecido.

— Eu só — eu não queria que as coisas fossem tão longe.

Eu fiquei tensa enquanto a dúvida se arrastava de volta para minha mente. Os feromônios poderiam ser o responsável por nós agirmos desse jeito?

Meu estômago embrulhou com o pensamento.

Ele acariciou o interior da minha coxa com o polegar. — Eu sei no que está pensando. Não são os ferômonios. Eu parei porque você é importante para mim e eu não quero forçá-la. — Ele olhou para cima e eu vi esperança e medo e uma dúzia de pequenas emoções menores cintilarem em seu rosto. — Se nós seguirmos com isso, eu preciso saber que sou eu que você quer.

Seu olhar saiu do meu quando ele deixou o rosto cair para descansar na minha perna. Eu torci alguns cachos escuros dele no meu dedo e arranhei seu couro cabeludo com minhas unhas curtas.

— Eu compreendo.

Melhor do que ele percebeu. Ele pode ter medo de eu o ver como um substituto para Harper, mas eu temia que ele não me visse completamente. Eu queria que nós dois tivéssemos certeza, consciência das escolhas que nós fizemos. O rangido luminoso de dobradiças e o raspar alto do metal atraiu minha atenção para o salão. Eu olhei para longe de Clayton em tempo de ver Emma tecer seu caminho pelas cadeiras viradas em cima das mesas. Já que eu tinha as chaves dela, ela deve ter feito um longo caminho pela saída de emergência.

— O quê exatamente você pensa que está fazendo, Clayton?

Ele ainda não tinha olhado para cima.

— Ele não está fazendo nada de errado. — Acariciei seu cabelo. — Nós só estávamos conversando.

Ela bufou. — Conversar não deixa minha cozinha submersa em 6 polegadas de água. Conversar não deixa dois demônios crescidos ensopados. A menos que vocês pretendiam ser sereias tentando aperfeiçoar a comunicação aquática na minha pia, não vejo como conversar tem alguma coisa a ver com o que vocês dois estavam fazendo.

A cabeça de Clayton levantou só antes de falar. — Eu vou limpar a bagunça.

— Não, você vai para casa e vai me deixar cuidar de Maddie. Ela poderia ter escorregado e se machucado de novo.

Eu não estava prestes a lhe dizer para ir assim, nós acabamos aqui.

O rosto dele estava estampado, dizendo que ele estava pensando a mesma coisa, provavelmente amaldiçoando ele mesmo também.

— Bom. — Ele soou cansando de repente. — Eu vou sair.

Ele abaixou-se para pressionar um rápido beijo em meu rosto. — Eu gostei de hoje. Foi engraçado, exceto pelas crianças gritando e derramando bebidas. — Enquanto no meu ouvido, ele sussurrou: — Posso ver você de novo?

Eu assenti, nossas bochechas coraram ao mesmo tempo

— Logo? — Ele perguntou.

— Logo. — Eu o puxei para um abraço. — Obrigada por ficar por perto. Eu também achei divertido.

Emma limpou a garganta. — Se vocês não ligam, eu gostaria de ir para casa antes da meia noite.

Quando ele se afastou, eu o deixei ir e observei enquanto ele andava para a porta dos fundos que Emma tinha deixado entreaberta.

— Pare de olhar e enrole a língua para dentro da boca.

— Eu não estou olhando. — Eu descii do meu poleiro. — Eu vou te ajudar a limpar.

— Não, você vai ficar aí. Lá dentro está uma bagunça lisa e escorregadia. Só me tomará mais tempo se que tiver que observar cada passo seu.

Eu caí na cabine. Pela primeira vez, eu não diria não.

Meu tempo com Clayton me deu muito para pensar..., e desejar.

Capítulo Dez

Na manhã seguinte, o calor do corpo enrolado intimamente ao meu lado irradiava uma deliciosa sensação de paz, me envolvendo no sono profundo. Rolei e me aconcheguei mais perto da fonte e enterrei meu rosto no pelo docemente perfumado. Algumas castas lambidas passaram através dos meus lábios entreabertos, agarrando-me na consciência. Piscando contra o sol brilhante da manhã, eu foquei em um par escuro, olhos cor de chocolate olhando languidamente de volta para mim em meu travesseiro.

— Bom dia. — Os lábios finos do Cão curvaram em um sorriso antinatural, dentes brancos brilhando. O grito que arrancou da minha garganta veio alto e longo enquanto eu capotava, cai da cama e aterrissei pela extensão do chão de madeira. Um pequeno feixe de penugem abanando saltou alegre em toda a cama, olhando para mim, da borda do colchão. Ele ergueu a cabeça de um lado para o outro questionando com a respiração de um cachorrinho soprava um ar quente que ia para o meu rosto.

Eu fechei a mão na minha boca para abafar os gritos que soavam patéticos mesmo para os meus ouvidos. Eu sabia que Emma queria que eu tivesse algum tipo de companhia, mas o que era aquilo? Os cães não parecem com aquilo. Era tão peludo, como um esfregão chegando à vida, e seus olhos eram muito brilhantes. Ele parecia totalmente feliz em me ver.

O estouro da porta do quarto aberto quando Emma caiu por sobre o chão ao meu lado em um emaranhado de pijamas. Nós duas olhando a maçaneta prensada firmemente na parede.

Ela apertou os olhos contra o sol, levantando a mão para repelir os raios demasiado brilhantes.

— O que aconteceu? — Suas palavras juntas espremidas.

— Está tudo bem? — Ela resmungou e voltou a ficar de pé. — O que está acontecendo aqui?

Levantei a mão tremula para apontar o ocupante desganhado na cama.

— Isso me pegou desprevenida.

A expressão de Emma mudou de espanto para de puro prazer enquanto se ajoelhava para acariciar o monstro responsável por me despertar do meu sono. — Aww, você tem um cachorrinho. Quando ela veio?

— Eu — Eu pensei que você tinha comprado pra mim, como um presente ou algo.

Ela virou os olhos para mim. — Eu não sei o que significa. Eu sei que você não queria um animal. — Ela continuou a agitar a pele brilhante do cão. — Mesmo que esse seja fofo.

A pequena besta saltou para cima e para baixo ondulando enquanto lambia o rosto com uma longa língua rosa. Jogando um olhar sobre o ombro do cachorro, o animal atirou-me uma piscadela cúmplice. O medo frio me inundou. Senti-me mal. Ele não poderia ter. Poderia? — Aquele cachorro apenas piscou para mim.

— Não seja tola, — ela me repreendeu. — Cães não piscam. — Ela acariciou atrás da orelha do animal que emitiu um ronco gutural. — Não leve

a mal, mas eu penso que seu cachorro apenas ronronou para mim. — Ela riu. Agora minha irmã estava tirando sarro de mim.

— Ele não é meu cão, — eu reclamei como eu tinha nos meus pés e me pus ao pé da cama.

Ela me ignorou, em vez disso falava com o cão. — Como você chegou aqui? — O cachorrinho fungou na mão dela. — Se ela não é sua, então quem é ela? — Ela acariciou atrás das orelhas, mais interessada no cão do que em mim. Essa mudança de atenção incomodou, pois eu sabia que o cachorro estava explorando-a. Flagrando a cara sorridente do cão, eu dei de ombros evasivamente. Eu não podia dizer a Emma para perguntar ao cão ela mesma, pois ela iria pensar que minha noite na floresta tinha sido mais traumática do que eu admiti. Nenhuma pessoa normal fala com cães. Ponto. E pior, revelar o que ele me respondeu é um certificado para o hospício. Não é sábio, Maddie. Não é sábio em tudo. Melhor guardar esse segredo por agora...ou para sempre.

— O que é isso? — Emma extraiu minha atenção de volta para seu novo melhor amigo. — Eu não notei que tinha um colar. — Suas unhas deslizaram em torno de uma coleira vermelha escondida pelo pêlo grosso. — Eu acho que o café é realmente o que levanta meu cérebro de manhã.

As etiquetas de identificação cintilaram na sua mão e ela girou para procurar por um nome. Eu sabia que as identificações não estavam lá há momentos atrás. Meu mundo estava girando loucamente fora de controle. Deixei a testa em minhas mãos, sufocando a necessidade insana de uma risadinha. Felizmente, Emma não estava as girando mais. Quando eu espreitei por entre meus dedos, ela beliscou a marca, preocupando-se a superfície com seu polegar.

— Eu aposto que seu proprietário deve estar muito preocupado com você, — ela ecoou em uma voz de bebê que eu a ouvia usar com os filhos de Dana. — Hmm.

— O que é aquilo? — eu avancei mais perto, esperando não ser um passo mais para perto da loucura.

— Se encontrar, por favor, contatar Clayton Delaney, — ela leu. Um irritado empurrão de sua mão levou as etiquetas de volta ao seu lugar. Ela olhou para o cão como se tivesse crescido uma segunda cabeça. Conhecimento martelava na minha cabeça, enchendo minha dolorida cabeça a ponto de estourar. A camada castanho-avermelhada brilhava com saúde e seus olhos brilhavam com inteligência sobrenatural. — Fígment?

Sua cabeça inclinou para um lado curiosamente e sua cauda bateu na cama. Ela reconheceu meu conhecimento, embora desconhecendo o nome que eu a chamava.

Emma olhou para mim pensativa, quase suspeita. — Esse é seu nome? — sua sobrancelha arqueada. — Eu pensei que você não sabia quem era esse cão e a quem pertencia.

— Eu não. — Eu limpei a garganta para esconder minha ansiedade. — Você sabe o número do Clayton de cabeça?

— Não, e somente seu nome está na etiqueta. Sem endereço ou número de telefone.

A pressão dos dedos afiados vibrou dentro da minha cabeça.

— Eu sabia que tinha esquecido algo.

Emma não vacilou ou saltou para trás e puxou-o —você falou— de rotina como há dois dias. Ela não ouviu uma maldita coisa. Suas mãos ficaram enterradas na grossa pelagem sedosa e acariciava o cachorro que se contorcia. Ótimo, isso prova que insanidade realmente é uma passagem sem volta e eu

era a única passageira andando no trem. Figment se afastou de mim, torcendo o lençol e pisando no meu cachecol de plush. Ela virou sua cabeça para Emma, onde eu estava certa de que ela praticou seu sorriso canino mais extravagante. Emma acendeu, sorrindo e de repente disposta a perdoar o dono do cão. Com suas pastas dianteiras, Figment vasculhou no colchão, puxando de lado para acariciar um telefone celular vermelho.

— De quem é esse? — Emma sabia muito bem que esse não era meu telefone. Ela tinha comprado um novo RAZR roxo apenas alguns meses antes.

— Eu não tenho idéia. — Eu não sabia de onde esse telefone veio. Eu só queria voltar. Um trecho de rock soou em estrondos cronometrados e vibrou sobre a pata. Emma olhou para o telefone. — Bem, você não vai atender?

Cheguei a puxar para longe de Figment, que sentou para assistir, olhando muito orgulhosa para meu colchão. Apertando o botão para atender, consegui uma saudação atrofiada. — Alô?

Uma voz grave de homem esfaqueou de volta. — Alô?

— Quem é? — Eu me senti mal, naufrágio no meu peito descendo até meu estômago. A sensação era de como dezenas de borboletas fazendo cócegas no meu interior antes de decidir que seria muito mais divertido bater contra o revestimento do meu estômago, dar um soco e sair para a liberdade. Talvez eu só tivesse com fome. Somente o meu estomago não estava rosnando. Apenas espremendo mais apertado e o silencio na linha demorava.

— É Clayton. — Sonolenta e doce, sua voz era grossa e profunda, sedutora. — Com quem estou falando?

— É Madelyn. — Eu estupidamente desviei Toliver. E apenas para ter certeza que ele poderia adicionar dois e dois juntos, eu elaborei mais. —

Madelyn Toliver, irmã da Emma, você esteve comigo restaurante ontem? — Que coisa vergonhosa eu disse.

— Eu lembro. — Sua risada rouca me fez lembrar exatamente o que nós fizemos ontem à noite.

Eu estou feliz por ter ligado, mesmo que tão cedo.

Negação instantânea saltou de meus lábios. — Eu não liguei.

— Mas meu telefone tocou... — ele deu a sentença e permaneceu indefinida. Eu olhei para Fagment. Certamente culpada por ambos os telefones e a ligação poderiam ser fixadas nas suas pastas. Emma deu uma cotovelada no meu braço e pronunciou a palavra — Clayton —. Concordei.

Seus lábios curvaram em um rosnado impressionante. Ela pulou para o telefone, apoiando a mão na minha perna. Eu não estava orgulhosa de como eu simulei um estremecimento ou como Emma recuou preocupada olhando pra trás com medo que tivesse me causado ainda mais dor. — Olha, desculpe pela confusão, mas eu encontrei seu cachorro.

— Você encontrou meu cachorro? — sua inexpressiva fala chamou meu estado mental em questão não era a primeira vez nesses últimos três dias.

Ele quase me fez acreditar que o problema era somente meu. — Sim, seu cachorro.

— Oh.

Oh? Eu me inclinei, pegando a etiqueta no cachorro entre meus dedos como uma prova tangível da minha sanidade. — Eu tenho um cachorro sentado na minha cama usando um colar que diz, ‘Se encontrar, por favor, ligar para Clayton Delaney.’

Ele não falou por algumas batidas de coração. Eu respondi ao tempo enquanto eu contava os batimentos altos no meu ouvido. — Eu vou ser direto. Apenas deixe-me colocar umas roupas em primeiro lugar. — Ele finalmente respondeu. A visão conjurada na minha cabeça de Clayton nu me fez esquecer de respirar. Toda a pele escura que espreitava para fora de um emaranhado de lençóis em torno de sua cintura. Eu pensei sobre sua aparência na noite anterior e me perguntei se ele dormia com glamour ou não.

Minhas bochechas inflamaram, atraíram a atenção de Emma como um ímã. — Tudo bem, Adeus. Eu consegui por um chiado para fora como se tivesse apertado até o fim o botão do pânico. Ele deve ter ouvido o tremor na minha voz antes da conexão morrer.

— Bem? — Seus olhos se estreitaram em suspeita. — O que ele disse?

— Ele está no caminho para pegar o seu... — Eu nivelei um brilho inflexível na desgraça atual da minha sanidade.

— ...cachorro.

Tive que distraí-la antes que sondasse com perguntas. Os olhos sábios de Emma estavam em mim enquanto eu fiquei no estado em que meu cabelo estava desgrenhado com alguns ninhos em minha cabeça confusa de sono e olhava para o meu pijama usado. — Eu preciso tomar um banho e me vestir com roupas limpas antes do nosso convidado chegar.

Emma afagou bajulando sua nova amiga antes de ir em direção a porta. — Tudo certo, vou começar o café da manhã enquanto você se limpa. Te vejo daqui a pouco.

Ela me deixou com Figment. — Você não é real.

Seus olhos marrons rolavam. — *Sou tão real quanto você é.*

Isto era apenas um endosso. — Então você pertence a Clayton?

Ela assentiu com a cabeça. — *Você não tem que falar, você sabe.*

— Eu prefiro, — veio a minha resposta ríspida. — Ele sabe? — eu movi minha mão em um movimento circular. — É claro que ele sabe que você pode falar. Ele não tenta me comprometer em dizer a ele para receber o seu... — eu coloquei entre aspas, — “..cachorro.”—, por que a ala psiquiátrica teria que trazer uma camisa de força feita para dois.

— *Por favor, não fique com raiva de mim.*

— Eu não estou com raiva de você. — Suspirei, correndo a mão sobre meus olhos e os flocos secos de sono que estavam lá. — Eu tenho que tomar um banho.

— *Tudo bem.* — A língua de Figment se curvou de acordo e ela saltou para baixo da cama e correu para o banheiro no meu calcanhar.

Eu dei uma abrupta parada. Seu nariz molhado espetou minha panturrilha. — Eu vou tomar um banho. Sozinha, se você não se importa. — Eu gesticulei para a cama. — Você espera aqui. Você não virá comigo.

— *Por que não?*

— Eu vou ficar pelada. — Não que dezenas de pessoas nunca me viram peladas, e centenas me vira quase nua por causa do ritual. Eu necessariamente preferia não adicionar esse número. Seus olhos âmbar brilharam. — *Já vi Clayton nu.*

Obrigado por isso, eu pensei comigo mesma.

— *De nada.*

— Você vai ficar de fora da minha cabeça. — Meu rugido estava ficando pior que a minha mordida.

— *Tudo bem. Mas sobre ele pelado...*

Minha boca salivando, me forçando a engolir ou arriscar o meu segundo afogamento em quarenta e oito horas. Isto não é o que eu preciso nesse momento. — Sorte sua. Agora vai. Eu preciso de privacidade, ao contrario do seu precioso Clayton.

Seu tom se tornou confidente. — *Ele não olha do mesmo jeito para outra mulher, você sabe.*

Eu não queria saber por que ela sabia que Clayton parecia nu ou porque ela ficava tão intrigada com as diferenças entre a anatomia feminina e masculina. Pior ainda, eu não queria saber da mulher pelada em questão. — Espero que sim. — Espontaneamente, pensamentos sobre Clayton retorcidos com Dana relampejou pela minha cabeça, ruindo a fantasia que eu tinha criado. Enfiei Figment através do limiar do banheiro com um impulso do meu pé, fechando a porta do banheiro firmemente atrás dela. Uma rápida virada na antiga alça de quatro pinos fizeram a água vir da torneira invadir a banheira. Eu ajustei até atingir a temperatura perfeita. O vapor parecia até ajudar a relaxar do choque de ver Figment de novo. Eu pisei na banheira e puxei o pino de metal ativando o chuveiro. Eu quase pude ouvir minha pele chiando debaixo da cascata de água quente. Esfregando meu cabelo e cantarolando, eu tremia quando um corrente de ar frio tirava o calor do local. Eu olhei para a porta embora tenha sido obscurecida pela opaca cortina do chuveiro e o não pude ver com o shampoo.

— Você já terminou de cozinhar? — Olhos ardendo, empurrei e abri a cortina do banheiro tateando cegamente para a barra da toalha. — Você pode me passar à toalha? Esse produto Tea Tree⁴ queima.

A dura entrada de ar chamou meus olhos queimados abertos em alarme. Ao invés da minha irmã, os ombros largos de Clayton encheram a pequena entrada do meu banheiro. Seu aperto de morte sobre a maçaneta da porta afrouxou assim que ele lançou um pacote de veludo morno nos meus braços.

— Maldição. — Seu olhar cortou para o chão. Seu dedo apontou para Figment. — Ela me contou que você me esperava. Eu não queria

— Você não queria tocar peeping Tom⁵? — Usei a toalha que ele jogou para limpar o rosto. Procurando refugio atrás da cortina, eu atirei a toalha sobre a haste da cortina na extremidade da banheira. Clayton rosnou. — A porta já estava aberta. Eu entrei para fechar quando você abriu a cortina do banheiro.

Entreí debaixo do borrifo suave para lavar meu cabelo e me dar um tempo para pensar. — Como é conveniente para você, — eu disse alto suficiente para ser ouvida sobre a cascata de água. Eu estava indo estrangular Figment. Se Clayton encontrou a porta aberta, de alguma forma eu sabia que ela era a culpada. — E você não poderia ter dito alguma coisa?

Ele não respondeu. A princípio, eu pensei que ele devia ter saído. Eu me inclinei e desliguei a água. Espreitei em torno da cortina, e achei Clayton em pé onde eu tinha deixado ele. Piscinas pretas fundidas colidiram comigo. Seu verdadeiro eu olhava para fora onde seus olhos azuis deveriam estar. Seus

⁴ marca de cosméticos americana

⁵ **Peeping Tom** – pelo q eu achei é um filme de terror, onde um carro fica espiando pela fechadura.marca de cosméticos americana

lábios separados um pouco. Eu poderia quase ouvir o ritmo do seu coração errático batendo através do pequeno espaço entre nós.

— Desculpe. Eu não quis me intrometer.

Eu acenei para suas desculpas enquanto o último resquício da minha mística feminina voou pela janela. — Sem problema. Eu tenho certeza você é experiente, habitando a terra do sexo masculino você já deve ter tido uma vista bastante privilegiada das espécimes do sexo feminino antes. Para mim não se classifica como um segundo olhar. — Eu removi meu rosto novamente antes de segurar a toalha de algodão no meu peito.

— Eu tenho certeza que eu não tenho nada que você não tenha visto antes. — Só o que eu fiz então foi arranjar a toalha para envolver em meus ombros e cobrir a curva da minha coluna.

Antes de qualquer um de nós agravarmos o embaraço da situação, Emma entrou rápido no quarto, um vislumbre de mim, principalmente nua, sobre o ombro de Clayton.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Runas lavanda rastejaram pelo seu rosto, um turbilhão furioso quando seu glamour entrou em curto-circuito em sua raiva.

A mesma pergunta me atormentou também. Mais para o ponto, eu me perguntei como ele iria culpar Figment, aparentemente um cão inocente, para ser pega invadindo. A voz de Clayton era rude. — Eu vi meu cachorro subindo a escada e eu a segui. Encontrar Madelyn dessa maneira foi um acidente.

As unhas pontudas de Emma alongada em uma garra afiada. Ela bateu uma vez contra o seu peito, cortando a camiseta adaptada como uma faca quente na manteiga. — Acidental? Como é muito conveniente. Você já ouviu falar em bater antes de entrar? — ela rosnou. — Você não pode simplesmente

vir e arrombar as casas de outras pessoas. Você espera por um convite. — Ela bateu outra vez, desta vez para desenhar uma fina linha de sangue. Eu limpei minha garganta, na esperança de clarear a grossa e rápida tensão entre eles dois. — Hum, Olá? Estou tentando me secar aqui. — Nenhum dos dois respondeu, e ambos ignoraram o barulho dos meus pés descalços saindo da banheira de azulejo.

Eu procurei ao redor por uma segunda toalha ou restos de roupas. Não havia nada além de um cesto vazio e o cheiro do detergente de pinho do regime de limpeza diária de Emma. Abandonando a esperança de fazer uma fuga escondida, eu puxei a toalha apertada entre meus ombros, virei para o lado e deslizei através do espaço estreito entre o corpo de Clayton e a porta.

Um arrepio quase imperceptível percorreu através dele. Meus mamilos endureceram. O deslize da pele com pele me queimou quando eu rocei o braço e senti o arrepio do seu pelo grosseiro sobre a minha carne macia.

Seu olhar me marcou como uma carícia tangível, marcando-me como dele. Minhas pernas balançavam instáveis enquanto eu pisava. Virando-me, o encarei antes de largar minha toalha, cuidadosamente mantendo minhas costas na parede. Eu lentamente puxei minha calcinha pela coxa e enganchei meu sutiã na frente antes da torção em torno das costas. Instinto me fez buscar vingança em sua invasão por provocação de seus sentidos com cada puxão de cetim sobre minhas curvas. Emma rosnou ameaçadoramente. — Não olhe para ela desse jeito.

Ele não evitou seu olhar. — Que jeito? — perguntou ele, seus olhos nunca me deixavam.

— Como se você acabou de comer a janta e ela é a sobremesa. — Emma empurrou-o para trás. — Ela é intocável

Isso estava ficando humilhante. Eu deixei o argumento enquanto eu vestia o jeans e encolhia os ombros em uma camiseta. Clayton sabia que Harper e eu nunca fisicamente cruzamos a linha de chegada. Como ele tinha que saber, por causa do meu estigma, ninguém mais quis se aprofundar mais além de suas aspirações sociais. Mais ainda—Eu prefiro não estar presente enquanto minha virtude era trazida para o debate. O aroma de bacon flutuava pelo andar de cima. Meu estômago roncou em resposta. — Eu vou descer para o café da manhã. — Eu esperei por uma resposta. Eles me ignoraram.

Emma rastreava o rosto de Clayton, torcendo a unha afiada em seu peito. — Você não pode ser parte da vida dela. Eu meio que esperava ver a mão dela emergir nas suas costas. Ela estava empurrando muito rígido. Ele se inclinou para baixo, trazendo-os nariz com nariz. — Eu não vou me esconder dela por mais tempo.

Eu não vejo que diferença possa fazer. Eu sabia sobre ele agora. Que o gato estava fora da bolsa. — Café da manhã, alguém? — Eu peguei minha escova e penteado as longas madeixas molhadas. — Alguém quer?

Eu dei de ombros e os deixei, descendo as escadas para o primeiro andar e andando para a cozinha. Aqui, os cheiros do bacon frito, salsicha, e ovos temperados com pimenta e cebola se misturaram com a fragrância dos biscoitos amanteigados esfriando na prateleira. Até mesmo uma pequena caldeira cheia com grãos açucarados refrigerando ao lado do fogão.

Eu peguei um pouco da mistura de ovos no prato e, em seguida peguei uma colher limpa e adicionei mingau, cuidando para não deixar que os dois se tocassem. Eu peguei dois biscoitos e enchi um copo de leite de uma jarra deixada fora do balcão. Puxei minha usual cadeira com o pé e cai nela. Eu mastigava casualmente o meu café da manhã. Os ovos estavam um pouco secos, provavelmente ficaram na panela enquanto Emma carregava dentro do meu quarto o assunto em apreender nosso convidado. As palavras cruzadas estavam no centro da mesa com uma linha azul rabiscada em um canto como

se ela tivesse parado a caneta no meio da sua resposta, provavelmente quando ela me ouviu falando com Clayton.

Eu parei para escutar. Eu me pergunto onde você conseguiu esta animada Figment. Ao meu redor os sons de uma cansada e velha casa rangindo e gemendo. Enquanto eu engolia o último gole de leite, passos, alguns rápidos e alguns devagar, descendo as escadas. Emma entrou na cozinha, lançando olhar fervorosamente até ela zerar no meu lugar a mesa Clayton a seguiu perto nos seus calcanhares com uma mancha carmim através do lábio inferior que inchava rapidamente.

Dei um olhar zombeteiro para Emma. Ela rosnou. — Ele tinha que vir.

— Yip!Yip!Yip! — Latidos muito altos anunciavam o regresso de Figment . Ela pulou como um coelho por um campo de trevo, parando para lambe o calcanhar de Emma.

Eu ignorei o cão, que felizmente não fez nenhuma tentativa de falar comigo. Minha atenção ao invés disso ficou focada em Clayton. — Você gostaria de tomar café da manhã? — Olhei para o lábio cortado. — Ou algum gelo para o inchaço?

Ele tocou a ferida, afastando os dedos avermelhados. — Não obrigado. Eu não estou com fome.

— Nesse caso... — Emma sorriu para Figment. Nesse momento ela olhou para Clayton, os dentes arreganhados estavam brilhando. — Não deixe a porta bater na saída.

— Pare de ser rude.

Ela resmungou baixinho e esfaqueou uma salsicha fresca do fogão com o garfo.

— Esta tudo bem. Emma nunca fez seus sentimentos por mim um segredo.

Emma levantou a conexão empalada aos lábios e agarrou de forma limpa pela metade.

— Ele não precisa tremer. Eu fiz isso por ele. — Ela mastigou e espetou outro pedaço. — E você nunca fez segredo dos seus sentimentos também.

Bati palmas muito altas, trazendo de volta a sua atenção para mim. Eu apontei para Emma, que me ignorou em favor do fogão. — Pare a rotina de devoradora de homens e se comporte. — Ela começou a amontoar seu prato com comida. — Esse é meu último dia de folga da semana e eu gostaria de ficar fora hoje. Tem certeza que não quer vir?

— Eu não posso. — Ela colocou um copo de leite. — Alguém tem que ir trabalhar hoje. Eu vou deixar você passar seu dia de folga com o namorado de Dana. Ela tem um quarto vago criado pra você e tudo mais.

Eu balancei minha cabeça com determinação. Eu não podia suportar a idéia de ver Dana. Sua doçura de sacarina virava meu estomago em vinte passos. — Eu não estou indo para a pousada.

Emma levou seu prato para a mesa e bateu violentamente sobre a mesa. — Você não pode ficar aqui sozinha. Pense nisso. Nós não podemos ariscar a uma repetição do que aconteceu na Terça-Feira.

Clayton cruzou seus braços sobre o peito como se preparasse para a batalha. — Eu vou ficar com ela.

Esperança despertou em mim, mas Emma esmagou-a plenamente.

— Não, você não vai. Ela vai para Dana e eu gosto disso. Você é o último homem que ela poderia confiar para ficar sozinha. Acho que você provou isso ontem à noite.

Eu não pude agüentar mais ser o elefante branco na sala. Eu tomei a maçaneta da porta da frente nas mãos e me virei para minha irmã. — Eu te amo, mas você não é minha mãe. Eu respeito que queira me manter a salvo, mas eu não posso passar o dia com Dana a não ser que eu fique algemada a cabeceira da cama.

Eu ignorei o modo como os olhos de Clayton escureciam na minha casual referência a escravidão. Eu apanhei minha camisa, sufoquei sob o seu olhar. — Estou indo tomar algum ar.

— Fique na varanda, — Emma gritou me recuando para trás.

— Arrgghh! Eu bati a porta de tela aberta e caminhei nas pontas dos pés enrolada sobre o patamar superior. Clayton parou logo atrás de mim. Calor saiu dele em ondas e quebrou nas minhas costas. Eu quase me inclinei em seu calor. Eu poderia dizer que ele teria que me deixar.

Clayton afastou de lado e me deixou passar para o quarto. — Assim, eu entendo que você não goste de Dana.

— Eu não disse isso.

— Não, você não precisa dizer nada. — Eu pude ouvir o sorriso em sua voz. Quando eu não respondi, sua diversão diminuiu. — Você realmente não gosta dela, não é?

— Não, eu realmente não gosto. Eu deveria gostar dela. Todo mundo gosta dela. Ela nunca fez ou disse qualquer coisa fora da linha para mim. Ela

apenas é tão perfeita, tão animada. Não é natural. — As palavras saíram, como se eu nunca tivesse falado. — Você perguntou.

— Então eu fiz. Sua ampla ponta do dedo roçou no meu braço. — O que sobre mim? Você gosta de mim o suficiente para passar o dia na minha companhia?

Enquanto eu debatia como a sábia que era para dizer a ele exatamente o quanto eu gostava dele, me acomodei em um simples, — Sim. — Então, avistei minha mochila caindo conta a bengala atrás da minha cadeira de balanço. Clayton seguiu minha linha de visão. — Eu encontrei-a na barraca de guarda. Eu pensei em devolvê-la enquanto eu estivesse aqui.

— Obrigada. — Senti-me destacando o drama de dois dias atrás. Como se tivesse acontecido com outra pessoa ou em uma das vidas dos filmes que sempre enlouquecem Emma.

— Você mencionou que quer sair hoje. Você quis dizer Emasen ou tem outra coisa em mente?

Eu apontei para a garagem onde a floresta invadia na civilização e um pico arborizado rosa suficientemente longe que você poderia ter pensado que era uma miragem. — A montanha me dá um tipo de paz que eu não encontro em nenhum outro lugar.

Minha forma de obter a paz, eu escolhi compartilhar. Ele tem asas e ia entender a pressa de estar na borda do penhasco, sentindo a brisa subir e acenar para frente. Ele poderia responder ao chamado do vento enquanto eu só podia fingir.

— E essa sua perna machucada.

Encontrei os olhos tempestuosos e desafiei-o. — Ele fica mais forte a cada minuto. — Eu imitei o aceno de Dana. — Um grande e forte homem tão doce como você não devia ter qualquer problema em manter-se com uma pequena demônia aleijada como eu. Eu não tinha a intenção de jogar a última parte, mas era muito tarde para voltar com as palavras agora.

— Você não é aleijada. Ele estendeu a mão, mas colocou sua outra mão nas suas costas. — Você foi brutalizada. Não posso mudar quem você é.

— Eu sei, eu sei, e não queria atirar isso em você. — Eu endireitei meu cabelo assim todo o comprido louro-mel caiu pelas minhas costas. — Eu apenas sou sensível sobre isso. Se você sabe sobre minha captura, então eu irei encontrar um botão para puxar.

— Você está com frio? — Suas mãos ásperas suavizaram para cima e para baixo dos meus braços, enxugando o leve frio no ar da manhã.

— Não realmente, mas... — Eu caminhei para longe do seu calor. — Este top... é apertado e você pode ver ...eles.

— E você não me quer? — Suas palavras roucas me emocionaram quando elas não deveriam.

— Você não quer?

Sua suave exalação terminou em uma risada que ecoou pura em minha pele como o sol, aquecendo as pontas nuas dos meus dedos do pé. — Madelyn, você virou minha cabeça até onde eu não sei o que estou dizendo ou fazendo em torno de você.

— Desculpe. — Meus dedos dos pés se afastaram rapidamente por um pedaço de pintura das tabuas desgastadas.

— Não, esteja. Você é uma mulher complicada. Eu posso apreciar isso.

O clique, clique, clique dos pregos em linóleo trouxe minha atenção de volta para a porta da frente aberta. Eu sorri quando eu percebi que Clayton tinha deixado aberta, para Emma ter uma visão clara de onde estávamos. Fígment sentada na porta, lamentando e piscando os olhos sombrios para mim.

— Tudo bem, eu não estou louca, — eu disse. — Sinta-se livre para brincar de Chaty Cathy⁶ comigo.

A cauda do cão balançou quando ela pulou para cima e afastou-se através dos pés de Emma como um par de chinelos. Ela deixou sem proferir uma palavra. Eu assisti ela ir, confusa com seu silêncio.

— Fígment? — As bochechas de Clayton estavam com covinhas. — Por que eu acho que há uma história por trás disso?

Eu abaixei minha voz para um simples sussurro. — Você tenta ser perseguido através da floresta por um pesadelo vestido de caqui e deve ser resgatado por uma raposa falante. — eu olhei de volta para Fígment. — Eu pensei que estava ficando louca. — Ela manteve o rosto nas suas delicadas patas, mas suas orelhas beneficiadas e inclinaram-se na nossa direção. — O júri ainda está fora daquela, pelo caminho.

— Eu não queria dizer que vocês dois encontrarem-se daquele jeito. — Ele esfregou a mão na nuca de seu pescoço. — Eu não esperava que vocês se encontrassem na verdade.

⁶ Chaty Cathy uma boneca com uma cordinha, quando vc puxa ela fala frases como “eu te amo”; “Por favor me leve com vc..”

— Ela está me espionando? — Isso explicaria por que nossos caminhos tinham se cruzado na floresta aquela noite. — Você pediu a ela para me acompanhar até o cemitério, não foi?

— Não. Ele enfiou as mãos nos bolsos, mas ainda o vi apertar os punhos. — Ela fez isso por conta própria. Ela não me disse nada até ela ter você em segurança no subsolo.

Eu mordi meu lábio inferior ao digerir o fato como parecia. Eu devia minha vida a ela. — Você sempre se refere a ela como ela. Qual seu nome real?

— Eu nunca a chamei de nada. Não é meu dever.

— Ela é sua, como não pode escolher o nome dela? — Fiz uma careta. — O que ela é mesmo?

— Ela é uma Aisling, um ser sensível a luz, emitida na manutenção de uma mulher em cada geração Evanti.

Eu disse o óbvio — Você não é mulher.

— Não — ele disse sombriamente. — Quando minha mãe morreu, o nome Aisling morreu junto com ela. Não houve fêmeas com quem deixar Figment, então ela veio para mim. Ela é a última da sua espécie.

Uma corrida de piedade encheu-me para a criatura irritantemente cativante. Era difícil ficar sozinha, uma pária e diferente de todos. — Como ela sabia onde me encontrar?

Ele deu o primeiro passo para baixo. — Pense nisso. Você é uma fêmea meio Evanti, a única sobrevivente que eu posso nomear. Por todo direito. Ela deve pertencer a você. — Ele sorriu. — Você é a primeira pessoa que ela se mostrou nesse tempo que eu posso me lembrar. — Ele parou no segundo passo.

— Você pode esperar um pouco? Eu tenho que falar com Mason antes que eu possa ir.

— Claro — eu disse. — Leve seu tempo.

— Obrigado. — Ele acenou para mim e deu um assobio estridente, chamado Figment para fora.

— Empacote tudo que você precisa. Eu voltarei em uma hora, duas horas no máximo, e nós vamos ter que caminhar.

Eu o vi se estabelecer no volante de seu jipe. O motor rugiu para a vida e ele foi embora. Eu fechei um olho e enquadrei sua Wrangler⁷ vermelho fogo entre o meu polegar e o dedo.

Beliscando-os fechados, eu abri rapidamente. Ele tinha ido.

⁷ Wrangler – modelo de jipe (<http://images2.fanpop.com/images/photos/7300000/Emmett-s-White-Jeep-Wrangle-Unlimited-Rubicon-the-cullen-cars-7345707-768-576.jpg>)

Capítulo Onze

Os dedos do meu tênis usado tocaram cada pedra a fora do alpendre, me jogando para trás até que o impulso me varreu para baixo. Eu empurrei novamente, balancei para trás, repeti.

— Você vai usar faixas na varanda, se você não parar em breve. — Olhei para cima quando Emma empurrou a porta da frente, puxando-se e fechado atrás dela. Seus lábios franzidos como se tivesse chupado um limão.

— Clayton disse que viria, então ele vai vir. — Amargura atou suas palavras.

— Ele não é nada, se não for um macho de palavra. — Um tique de raiva surgiu em sua bochecha.

— O que ele já fez para você? — Eu puxei a barra da sua camisa para chamar a sua atenção da estrada e para baixo, para mim. — Você não é geralmente de guardar rancor.

Ela descansou a mão no meu ombro. — Ele viu a pessoa que eu mais amo sofrer desnecessariamente. — Seu não em um aperto. — E ele não fez nada para detê-lo.

Eu parei de balançar. — Eu? Se alguma coisa poderia ter sido feito para salvar nos duas, qualquer uma de nós, Harper teria feito isso. Ele fez isso. Clayton não estava na questão. — Ele estava ? O que eu realmente sei sobre o

ressentimento entre Emma e Clayton? Menos do que nada, isso sim. — Como ele poderia ter me ajudado? E quando?

Em vez de responder, ela puxou para baixo o seu rabo de cavalo e me ofereceu a faixa de cabelo. — Parece que você vai precisar disso mais do que eu hoje.

Eu estava cansada de ser ignorado, mas sua expressão sombria parou meu discurso por algum tempo. — O que você quer dizer? — Meu dedo alisou meu cabelo penteado e envolvi o elástico em torno dele. A tentação de puxar para baixo o nó frouxo e deixar meu cabelo cobrir minhas costas era um tique nervoso da minha mão. Emma apontou para a estrada, onde uma nuvem de poeira vermelha rugiu para a vida, perseguindo um veículo parcialmente escondido. O Jeep de Clayton entrou em visão à frente da nuvem de rolamento até a entrada por trás dele. O teto removível faltava, deixando a cabine expostas as deliciosas correntes de ar.

— É um dia bonito para conduzir com a capota arriada. — Imaginei que se conduzisse rápido o suficiente eu sentiria como se estivesse voando. E que outro motivo teria um Evanti em dirigir um conversível? — Isso deve ser divertido.

Emma não respondeu. Ela deu um meio passo mais perto da minha cadeira. O Jeep rolou até parar no não oficial lote de estacionamento do nosso quintal, um espaço que a grama desistiu de crescer lá. Clayton desdobrou as longas pernas que o levou para onde nós esperamos na varanda. Enfiou uma mão no bolso dianteiro da calça enquanto o outro arrecadou através do emaranhado de cabelos negros ondulando com suor e aderindo a sua testa. Olhos sérios se fixaram em mim. —Você está pronta para ir?

Emma pressionou meu ombro para baixo com a mão, se recusando a me deixar subir. — Talvez eu pudesse ficar em casa hoje. Eu poderia perguntar a Marci ou um dos outros para cobrir o meu turno. Eles não podem fazer a

papelada de encerramento, mas eu poderia colocar em dia uma poucas horas de noite após o encerramento.

— Emma —. Bati a mão ancorando-me no lugar. — Eu vou ficar bem.

Clayton não vai deixar nada me acontecer. — Meu olhar deslizou sobre o macho descansando, um quadril magro vestindo jeans contra a madeira da varanda.

— Certo?

Ele esperou o intervalo de dois batimentos cardíacos para responder. Um mais do que um simples — sim — deveria servir . — Eu não vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo.

— Vê? — Eu dei a mão de Emma um aperto final. — Estou em boas mãos.

Ela resmungou enquanto eu afastava seus os dedos. — Isso é o que eu tenho medo.

— Estaremos de volta em um par de horas. Devo esperar por você aqui ou vou para o restaurante ?

Ela passou pela minha mochila, que estava recheada com uma mistura de coisas suficientes para trilha, garrafas de água e protetor solar para durar uma semana no deserto do Saara, em vez de algumas horas em uma pedra, que mal se qualificava como uma montanha. — Vá pra o restaurante. Eu tenho que começar os trabalhos de fechamento do mês e eu não quero que você fique sozinha nesse período.

Emma suspirou, claramente infeliz. — Nós podemos comer lá antes de ir para casa e nos salvar de lavar alguns pratos.

— Ok —. Levantei-me e deixei um rápido beijo em sua bochecha. — Vejo você depois de algum tempo.— Mal necessitava guiar meus passos em frente.

Onde Clayton estava, encontrei-me querendo estar. Obriguei-me a tornar meus passos lentos e medidos até chegar a borda da varanda. Ele ofereceu-me uma mão firme e quente, para guiar-me pelas escadas abaixo, pensando provavelmente na dor causada por pequenos tremores. O segundo que nossas peles se tocaram, minha mente voltou ao seu irmão, e a noite que ele me acompanhou até a borda de um grande salão, repleto com a corte de minha mãe e fervendo com ansiosa expectativa. O frio na espinha dançou vibrando através de nossas mãos unidas. Eu balancei minha cabeça, me privando da visão.

— Você está bem? — Clayton colocou a palma da mão contra o lado da minha garganta, parando com o polegar pressionado contra o meu pulso, medindo minhas frenéticas batidas. —Nós sempre poderemos fazer isso outro dia.

Esperança encheu sua voz, mas eu precisava de ar fresco e espaços abertos e não tinha nenhum escrúpulo em usá-lo para obtê-los. — Eu estou bem, só ajeitando minhas pernas embaixo de mim. — Virei-me para Emma, mexendo os dedos em um adeus que ela não percebeu. Seus olhos estavam fechados em Clayton, como um franco-atirador com um alvo fácil dentro do alcance.

Arrumei meu corpo entre Emma e Clayton, andei os dois últimos passos de forma rápida, cruzando com ele na minha pressa para separar os dois. Mesmo com os dois pés firmemente plantados no chão, ele manteve a posse de

minha mão, entrelaçando os dedos. Emma manteve os olhos colados ao encontro da pele. Eu tentei me afastar, mas a sua aguarre estava pertado.

— Você pode soltar agora.

Seus lábios se curvaram para cima em um sorriso lento. — Mas eu não quero. Usando nossas mãos unidas, ele me puxou junto no seu caminho, evidentemente tão ansioso quanto eu para escapar do olhar carrancudo de Emma. No Jeep, ele soltou sua mão só tempo o bastante para abrir a porta do lado do passageiro antes de estabelecer as suas mãos em minha cintura.

— Se segure em mim.

Meus braços circularam seu pescoço, ligando em sua nuca e torcendo em seu cabelo. — Você não tem que me ajudar, você sabe. O banco não está muito acima.

Clayton me ignorou. Passando os dedos na carne macia dos meus quadris, ele me levantou delicadamente e colocou em meu lugar. Sua parte superior do corpo estava no interior do jipe. Ficamos daquela forma - Clayton sobre mim, ligado a mim onde minhas mãos apaziguavam os tensos músculos de seus ombros. Suas mãos estavam presas entre meu corpo e o assento, mas eu não era tola o suficiente para pensar por um segundo que eu tinha a vantagem.

A cabine pareceu apertada e mal ventilado, muito pequena, restringindo os desejos que este macho despertou em mim. Eu não queria segurar minha respiração e esperava que o olhar dele não cairia nos meus. E quando isso aconteceu, eu não queria que meus lábios telégrafassem sua felicidade com um sorriso, mas eles fizeram. Emma chamou de seu local pela porta da frente. — Isso não é o que combinamos. — Sua ameaça quase conseguiu encharcar a felicidade frágil inflamando dentro de mim. — Você a está levando para uma caminhada, não um encontro.

Eu não sei se ele ouviu e não se importava, ou se ele não ouviu e eu não me importava, porque ele escolheu esse momento para escovar seus lábios macios sobre a minha em um beijo. Eu queria culpar os feromônios ou a natureza ou circunstância para a corrida molhada de desejo inundando meu núcleo, mas eu sabia que teria desejado ele não importasse a hora ou o local que ele me encontrasse. Eu me afastei, quebrando o beijo e tremendo de novo, porque esse conhecimento me assustou. Eu tinha definhado cinco anos da minha vida por um outro macho, o irmão do demônio cuja essência permaneceu em meus lábios.

— Você tem gosto de citros —, eu disse estupidamente.

Sua testa encostou no meu quando ele riu. — E você tem um gosto ... viciante.

Nossas respirações misturavam de uma maneira agradável.

— Você me beijou muito na noite passada. — Eu não pude evitar que isso soasse como uma acusação. Seu nariz esbarrou no meu. — Beijos de Boa noite.

— E agora? Que tipo de beijo foi esse?

— Eu esqueci de te dar um beijo de bom dia —. Seus lábios cobriram o meu novamente. — Eu estava distraído ...

Sangue liberou em meu rosto, fazendo seu Jeep de cor pálida em comparação. Tanto para fingir que ele não tinha me visto nua. Eu gemi. — Não me lembre.

— Vou me lembrar o suficiente para nós dois —, ele brincou, covinhas mais profundas do que eu jamais vi apareceram. — Você é linda. Toda você. —

Descansei a mão no macio tecido sobre seu peito. Seu coração batia contra a sua caixa torácica. — Eu não sei como fazer isso, como estar com você desse jeito.

Tudo o que ele poderia ter dito foi ofuscado por Emma pegando seu cinto de couro. — Cai fora —, ela disse, usando o cinto para transportar Clayton trás do jipe. Emma fechou a porta com força suficiente para me fazer pular. Seu olhar prendia Clayton no lugar.

— Não me faça arrepender de confia-la ao seu cuidado.

Os músculos de sua mandíbula se pertaram, mas ele desistiu de qualquer palavras que ele poderia ter falado com um óbvio esforço. Seus olhos encontraram os meus, e eu não tinha dúvidas de sua tentativa de civilidade era por minha causa. Seus olhos duros se viraram para mim. — Esteja segura. Lembre-se que te ensinei. — Seu olhar vagou de volta para Clayton. — Se você tem que derrubá-lo, certifique-se que ele não volte para cima.

Clayton virou as costas para ela e andou pelo jipe. Eu apoiei até o corte da porta no meu lado, tão longe de sua raiva como eu poderia conseguir, o que só a irritou ainda mais. —Você não precisa ter medo de mim. Eu não vou me deixar machucá-la.

Concordei com as suas palavras longe de ser reconfortante. Estavam implícito que ele poderia me machucar. Que ele definitivamente tinha pensado nisso, ou a possibilidade disso. Eu engoli o caroço ansioso subindo na minha garganta. Clayton deixou cair a cabeça contra o seu encosto, de olhos fechados e inalou bruscamente antes de empurrar lentamente para fora o ar, como se o resfriasse seu temperamento. Ele repetiu o processo algumas vezes, inclinando o seu rosto cuidadosamente longe de mim.

Então, eu entendi. O passeio de topless, seu pavio curto e suas tentativas para conseguir controlá-la. Eles transmitiram a sua luta contra o meu cartão de visita através de feromônios.

O dia estava claro e frio, provavelmente mais frio o que justificava a remoção da blusa. Clayton não queria estar preso com o meu perfume. Me cheirei discretamente, mas só cheirava a sua colônia e o cheiro de carros novos do jipe.

— Você tem certeza que está bem para fazer isso? — Minha hesitação trouxe sua cabeça para cima.

— Eu estou bem. — Torceu a chave e o Jeep rugiu para a vida. Ele jogou a marcha e correu para longe de onde minha irmã estava sentada, no degrau mais baixo da varanda, segurando sua cabeça entre as mãos. Eu toquei o retrovisor lateral com o meu dedo, acariciando a cascata de cachos dourados através do reflexo e deixando uma mancha para trás.

— Você está quieta. — O vento assobiava passado pelos meus ouvidos, fazendo-o levantar a voz para ser ouvido sobre o ruído da estrada.

— Eu realmente não tenho nada para dizer. — Eu peguei o zíper da minha mochila, meio que tentada a por os fones de ouvido, ligar o meu iPod e evitar a conversa desconfortável que ele tinha começado.

— E que tal você? Não está dizendo muito.

Seus dedos apertaram no volante. — Eu estou pensando. Isso é tudo.

— Posso te perguntar uma coisa?

Um momento passou. — Sim.

— Se você quiser ficar comigo, então eu tenho que perguntar sobre Dana. — Quando seus olhos encontraram os meus, eles piscaram sombriamente. — Você realmente quer saber?

Normalmente, eu não teria empurrado, mas isso importava para mim. Deveria ter importado para ele também. — Eu tenho que saber se você tem algum tipo de relacionamento com ela. As crianças.

— Parecem exatamente com o seu pai.— Seus dentes apertaram juntos rigidamente. —Você quer saber quem é seu pai ? — Quando eu não respondi, ele resmungou com escárnio. — Eu não penso assim. Ninguém realmente quer saber. Eles estão muito felizes sussurrando nas minhas costas para pedir a verdade.

— Dana fez tudo, menos camisetas com fotos com o seu rosto neles. Se isso não é verdade, então você deveria arrumar isso. — Uma mecha de cabelo chicoteado em torno de meu rosto, me forçando a apanhá-lo e guardá-lo de volta no lugar. — Jacob me disse que as crianças eram de Harper .— Os olhos de Clayton escureceu mais ainda, enchendo de angústia. — Isto não é sobre mim em tudo, é? — Ele bateu as palmas das mãos contra o volante. — Isto é sobre a existência ou não da pulada de cerca do Santo Harper, durante suas visitas à colônia.

Eu me mexi no meu lugar, virando as costas para ele. — Isso foi cruel, e eu não merecia isso. Nem o seu irmão. — Puxando meus joelhos até meu peito, eu descansei-o contra a minha porta e pesquei meu iPod da bolsinha da frente da mochila, desenrolando os pequenos fones e aconchegando-os em meus ouvidos.

O heavy metal quicando dentro da minha cabeça abafava qualquer possibilidade de conversa. Ele pode ter chamado o meu nome, mas agi como se eu não tivesse ouvido.

Nós dirigimos através dos subúrbios ocupados por colonos, em seguida, através das áreas mais ricas dos humanos, até que formos capturados pelo único semáforo da cidade, a maior intersecção da cidade.

Na esquina, um conjunto pequeno de mulheres da colônia estavam de pé, esperando para atravessar a rua enquanto elas seguravam recém-nascidos ou crianças que saltavam em seus quadris. Alguns seguravam sacos da excursão do dia de compras, enquanto outros se deram as mãos rechonchudas.

Quando paramos, aproveitei a chance de trocar os fones de ouvido, tendo esquecido o fim desgastado de corda presa ao meu par favorito. Eu procurei nos bolsos mais profundos da minha mochila, procurando o conjunto fechado que eu tinha comprado no início da semana.

Lynn, um dos cozinheiros empregados por minha irmã, fez uma pausa e puxou a manga de sua amiga. — Você vê isso? Madelyn está no Jeep com Clayton. — O Pescoço de sua amiga esticou para ver melhor. — Eu me pergunto se Dana sabe. — O amigo estalou a língua lentamente. — Ele provavelmente sente pena dela. — A mulher curvou para baixo para recuperar suas bolsas da calçada. Ouvi dizer que ela é deformada ou algo assim. É por isso que ela nunca deixa sua casa. Nenhum dos homens querem ter nada a ver com ela. — Sacos na mão, ela arremessou em partida.

— Ela é apenas uma princesa choca pela arrogância, muito boa para socializar com o resto de nós. Você acha que o avental que ela usa todo dia seria um indício que ela não é real mais.

Lynn compartilhou uma gargalhada que se seguiu enquanto atravessavam a rua. Ela teria que ser cega para não perceber que o fone estava abaixado e eu tinha ouvido cada palavra sua. Lágrimas picaram meus olhos, mas eu não iria deixá-los me ver chorar. Talvez uma vez que Clayton tenha ido embora, eu poderia culpá-los através do vento.

Eu pulei quando a mão dele pousou no meu ombro, assustada com o contato inesperado. Quando eu olhei para ele, seus olhos eram suaves e conturbados.

Ótimo, ele ouviu a mulher também. Eu não queria ouvir os seus conselhos, então eu tapei meu ouvido e ergui o iPod, esperando que ele pegasse a dica.

Ele balançou a cabeça e olhou de ambos os lados para garantir que a última das mulheres e crianças tinham atravessado antes de sair. Uma lágrima que eu não tinha notado caiu do meu rosto. Ilusão arruinada, eu desconectei de tudo e me enrolei apertado no meu lugar, até meu queixo esfaquear o topo do joelho que o assenta. O Jeep balançou quando Clayton acelerou, deixando para trás o que tinha acontecido. Todo o barulho da cidade derreteu na serena, pacífica floresta. Folhagem tornou-se mais densa, mais escura. Nada além do céu e do ar permaneceu até aqui fora dos limites da cidade.

Aqui fora, eu conseguia respirar.

Clayton quebrou o silêncio na junção de uma forquilha na estrada. — Existe uma trilha que você prefere?

Eu apontei para um sinal chamado — O Emasen Bluff Pass.

Tomando o caminho suavemente inclinado envolta da base da montanha, que circulava em uma clareira nivelado com cascalho e marcado como um local de RV camping. Ele estacionou e eu abri minha porta, saindo antes que ele pudesse me alcançar.

Com os joelhos retos, inclinei-me para tocar os dedos dos pés e parei ali, puxando os músculos da minha perna esticada, antes de começar alguns

trechos rudimentares e trabalhar as torções das minhas costas.

Quando me endireitei, Clayton estava encostado no jipe, os braços cruzados, olhando-me com interesse. Minha mochila pendia de seus dedos. Fechei o espaço entre nós. Ele estendeu o pacote e me ajudou a colocar nos ombros. Eu olhei para a boca da trilha. — Você vem ? Sua mão procurou a minha e entrelaçou nossos dedos juntos em um silencioso pedido de desculpas. Eu não consegui segurar minha raiva enquanto ele esfregava o polegar em círculos suave sobre minha pele. Eu resisti à vontade de sorrir quando passamos por um marcador de madeira pintada na trilha com as palavras — Caminho feliz —. Dois passos do caminho, um borrão de pele vermelha passou zunindo meu ouvido. Pequenas garras reviraram minha pele, o que quer que fosse derrapou até parar sobre meus ombros.

Gritei e joguei minha mochila no chão, correndo mais para cima da trilha, enquanto aquilo percorria meu pescoço e costas e ombros.

O pequeno animal correu para cima do meu corpo livre por gravidade, fazendo minha pele arrepiar em todos os lugares que tocava. — Clayton, me ajude!

Continuando a pular e agitar, vibrar e torcer, eu tentei me livrar dos roedores.

— Que tipo de brincadeira é essa?

Parei de gritar e me forcei a olhar para baixo quando um esquilo vermelho pendurado na minha perna da calça.

— Figment ?

— Sim?

Eu tropecei para trás até que eu esbarrei em uma muda de árvore. — Você assustou dez anos da minha vida.

— *Oh, eu sinto muito. Eu não sabia que eu podia fazer isso.*

— O quê? — Eu me esforcei a ficar quieta enquanto ela subia para uma posição mais elevada, mais segura. — Não, não literalmente, Eu só quero dizer que você me assustou muito

— Você está bem? — Clayton perguntou.

— Sim, apenas surpresa é tudo.— Olhei para a bola de pêlos sentada em meu ombro. — Eu acho que gostava mais quando era uma raposa.

O esquilo avermelhado subiu para meu lado, segurando meu cabelo com uma das mãos peludas enquanto ela se inclinava para fora e mexeu os dedos para ele. Eu me senti estranhamente lisonjeada com o gesto que emulava. Choque não começou a cobrir a forma que eu sentia depois de ser agredida por um esquilo voador, mas Clayton não parecia surpreso. Na verdade, ele parecia aliviado. — Obrigado por terem vindo.

Figment tagarelava alegremente. — Você é muito bem-vindo. — Ela viajou do seu poleiro, deslizando sobre Clayton e desembarcando em seu abdômen, antes de correr até aninhar contra o seu pescoço. Ele coçou a cabeça pequena, algo que eu nunca tinha pensado em fazer, e ela ronronou como ela tinha feito para Emma. Isso foi exatamente por isso que eu não precisava de um animal de estimação. Eu não sabia como lidar com elas de uma forma adequada.

— Bem, — eu disse, endireitando as minhas roupas. — Agora que a gang toda está aqui, é melhor começarmos. Eu gostaria de chegar ao topo antes que fique muito tarde.

Clayton enganchou um dedo através do cinto da minha calça jeans.
— Mostre o caminho.

Figment saltou de seu ombro e correu de volta para as árvores. Eu a vi em ziguezague de membro a membro até que meus olhos cruzadaram. — Cara, ela tem um pouco de energia.

Ele deu um puxão nas minhas calças. — A luz é a energia radiante.

Eu cheirei. — Espertinho, não é isso que eu quis dizer e você sabe disso.
— Continuámos a subir até que a pontada no meu joelho tornou-se mais de uma pontada aguda. Meus passos defasados ao dele, e é claro, ele notou.

— É a perna incomodando?

Eu tentei escovar para fora a sua preocupação. — Não é nada. Acho que o meu joelho ficou mais desconfigurado do que eu pensava. Eu deveria ter superado isso agora.

Ele pegou o pacote do meu ombro e deixou-o cair ao chão. — Vamos fazer uma pausa. — Ele olhou para o céu azul brilhante. — Nós ainda temos muita luz sobrando para gastar aqui, então não há razão para empurrar tão fortemente.

— Ok —. Bufeí enquanto eu baixei-me ao chão. Clayton tomou um assento ao meu lado e angulou de forma que ele enfrentava o início da trilha, enquanto eu enfrentava a trilha em si. Ele tinha minha perna ferida envolto em seu colo e fazia pequenas fricções circulares em torno do lado da articulação do joelho, a partir da frente da patela e trabalhou ao redor. Minha cabeça caiu para trás.

— Isso é incrivelmente bom.

Senti seu riso debaixo da minha perna. — Eu gosto de fazer você se sentir bem.

Eu sorri, fechando os olhos. — Então, eu tenho notado isso.

Sua massagem deu uma virada para cima, mãos viajando até que a ponta dos dedos quase roçou a junção das minhas coxas.

Minhas bochechas queimaram, enquanto eu tentava agir indiferença ao seu toque. Quer dizer, os acidentes acontecem. Eu relaxei sob a sua suave pressão, enquanto se exercitava o pior da dor. Então aconteceu de novo. Seu polegar acariciou ao longo da grossa costura do jeans correndo entre minhas pernas.

Eu levantei a cabeça lentamente, apertando minhas pernas em conjunto, enquanto eu me sentava mais ereta. Clayton centrou a sua atenção onde eu havia prendido a sua grande mão.

— Diga-me para parar, — ele sussurrou.

Obriguei-me a relaxar, enquanto o agora familiar calor do desejo crescia em mim. —E se eu não quiser que você pare?

Sua preocupação me fez questionar o seu controle, mas eu não estava com medo.

Fiquei cativa, atraído para a profundidade de seu olhar.

Em seguida, uma chuva de pinhas atiraram em suas costas e braços. Eu limpei a sujeira de farpas e espinhos.

— *Olha o que eu encontrei!* — Figment arranhou todo o caminho usado, a cabeça para mover as cascas de pinhas, na maior parte real de esquilos buscava sementes dentro da casca espinhosa.

— Isso é ótimo. — Decepção por ter sido interrompida estabeleceu em torno de mim. Tentei não me concentrar na dor surda entre minhas pernas. Nós estávamos sendo observados, então eu tentei me convencer de que rolar meus quadris em sua mão era uma má idéia.

Um último olhar inquisitivo de Figment avaliava de quais partes era onde me deram a força que eu precisava para se afastar.

— Simplesmente maravilhoso.

Clayton ficou de pé e puxou-me para os meus pés, ajudando-me com a minha mochila. Ele olhou para cima, o rosto impassível enquanto Figment corria até o ombro. — Você pode ir em frente. Nós vamos deixar você aproveitar sua solidão. — Clayton continuou a esfregar as orelhas dela.

— Só não vá muito longe.

— Sim, tudo bem. — Retomei minha caminhada, saindo com um par de sussurros, fechando-me para fora de suas conversa. Ombros para trás, eu pressionei sozinha. Se não queriam jogar comigo, então eu não queria brincar com eles.

Maturidade, seu nome é Madelyn.

Impulsionando pela trilha mais difícil do que eu deveria ter pego, eu quase perdi a vez me guiando até o final do declive onde a paisagem se afastando antes de mim. Árvores e pedras projetava-se fora à minha esquerda e direita, mas adiante, nada. Minhas pernas doíam com o esforço de subir para a borda do precipício Emasen, mas a visão fazia a dor valer a pena.

Exausta, eu tirei minha mochila, deixando-a deslizar para baixo dos braços à terra com uma batida suave na terra compactada. Suor picando meus olhos. Transpiração frisando na minha pele, lutando para se comprimir através do revestimento de proteção solar impermeável que Emma me fez aplicar antes que me permitisse sair de casa. Eu andei até a beira do precipício e fiquei com os dedos do meu tênis pairando sobre a rocha da falésia. Meus ombros tensos, ar saindo dos meus pulmões enquanto eu abaixei para os meus pés, preparando me para a impossibilidade de fuga.

— Um passo para trás da beirada —, a voz macia Clayton persuadindo por trás de mim.

— Clayton —, eu gemi. — Eu não estava indo realmente para saltar. — Eu aponte para as minhas costas. — Sem asas, lembra? — Como se qualquer um de nós poderia esquecer.

Torci abruptamente, descontando a ternura persistente no joelho, e perdi meu pé. Braços balançaram, tentei recuperar o meu equilíbrio e não consegui, derrubando-me para trás a partir da borda.

— Clayton —, gritei o nome dele quando meu corpo assobiou no ar, caindo para a terra. batimentos cardíacos trovejaram em meus ouvidos, abafando o som de meus gritos.

Enquanto eu caia, minhas primeiras lembranças cintilaram em minha mente. Afastei da barragem de imagens e me segurei na minha favorita. De um rapaz de pele negra com olhos brilhantes de ônix. E asas. Pequenas asas vermelho-rubi que voavam com o seu entusiasmo e fez meu coração infantil sentir falta da metade do meu patrimônio que eu não tinha.

— Madelyn! — Clayton gritou, pulando do precipício e me seguindo para o céu. Eu tive apenas uma fração de segundo para saber o que ele faria antes de seu braço forte arrancou-me do meu espiral descendente.

Suas enormes asas vermelhas se abriram, estendendo-se agora em qualquer direção, eu não podia ver as pontas enegrecidas e minúsculas mãos em forma de gancho que os cobriam.

O queixo pontudo de Clayton cravou no topo da minha cabeça. Os braços musculosos me segurando perto apertado até a minha respiração ofegar de meus pulmões.

— Você estava tentando se matar? —, Ele retrucou. — E se eu não estivesse lá? E se você estivesse sozinha? — Sua pele tremeu sob meus dedos.

— Foi um acidente. — Lutei em seu abraço, tentando libertar meus braços, de onde ele prendeu-os ao meu lado. — Se você não tivesse me assustado, eu não teria caído, em primeiro lugar.

— Você não pode ser tão descuidada. — Ele me segurou balançando no ar antes dele, antes de dobrar-me de volta contra o seu peito. Sua voz falhou. — O que eu teria feito sem você? — O polegar trabalhou em uma saliência óssea atrás do meu ombro, marcando a minha ausência de asas.

— Está tudo bem, realmente. — Eu descansei minha bochecha contra seu peito desde que as minhas mãos não estavam livres. — Uma queda daquela altura teria machucado. — Eu cuidadosamente evitei fazer um comentário sobre minhas experiências pessoais. — Mas eu teria me curado eventualmente.

— Eu não quero ouvir isso. — Sua cabeça moveu-se de lado a lado. — Eu não quero saber como você sabe disso.

Se eu achava que ele não conseguia me segurar apertado, eu estava errada. Eu apresentaria hematomas por um tempo, mas por agora, eu lhe permiti ter o que ele precisava, deixando-o apertar até articulações estalarem e a dor florescer. Era um mal tão pequeno quando comparada à angústia realizado em sua voz.

Usando o meu queixo para tirar parte do tecido da camisa, eu descansei meu rosto rente a pele. Seu corpo estremeceu debaixo da minha bochecha.

Seu gemido desesperado encheu meus ouvidos com seu hálito quente enquanto ele deslizava os últimos metros e aterrissou.

Ainda segurando meus braços, Clayton baixou-me ao chão, deslizando pra baixo de seu corpo tão lentamente que senti suspense. Com a terra debaixo dos meus pés, eu me inclinei para ele, tentando acalmar seus nervos esfarrapados. Algo muito duro pressionou contra o meu estômago, fazendo-me mudar para ficar confortável e ele rosnou baixo em sua garganta. *Oh. Oh.*

— Madelyn... — Sua voz ficou rouca.

Eu me afastei, encontrando seu olhar. — Você realmente está exagerando em relação a isso. — Fiz um círculo diante dele.

— Eu estou bem. Vê?

— Madelyn.

— Não se culpe sobre isso. — Toquei seu braço, o músculo debaixo da minha mão esticou como uma corda.

— Corra —, ele deixou sair pelos lábios.

Eu me virei, procurando por outro demônio ou um animal selvagem, incapaz de imaginar algo que Clayton não pudesse me proteger. Estávamos sozinhos na ravina. Ninguém ou coisa tinha nos seguido aqui.

— Por quê? O que há de errado?

Seus olhos fechados. Engoli em seco e afastei-me lentamente. As pupilas de Clayton brilharam prata, enormes, luminosas e fascinantes. Suas asas se contraíram com o seu esforço para os acalmar, mas vibrantes vermelhos saturavam sua pele enquanto sua excitação aumentada e convocava uma própria resposta do meu corpo.

— Vá —. Ele agarrou sua cabeça, respirações irregulares. — Corra!

Eu me virei, mas a partir do canto do olho vi-o cair ao chão. Em vez de sair, peguei um meio passo a frente.

— Afasta-se de mim! — Ele cortou o ar polegadas do meu rosto com a navalha de ponta garras. — Eu não consigo me controlar. É muito.

Seu cheiro ... — Suas asas esticaram e depois envolveram o seu corpo, ele se escondeu de mim. — Encontre Figment, ela sabe o caminho.

Desta vez, ele não precisava pedir duas vezes. Virei no meu calcanhar e corri. Pedras viraram meus tornozelos e nas pernas espinheiro puxavam minha calça enquanto eu cobria o chão familiar. Eu não sei como ele esperava que eu encontrasse Figment. Eu não a tinha visto desde que ela me pegou com Clayton antes, e não havia tempo para procurar por ela agora. Eu tinha que correr.

À minha direita uma trilha estreita abraçou a encosta da montanha, levando para cima e para fora da base e do demônio atormentado balançando

sobre os calcanhares debaixo do abrigo de suas asas. Eu dei um passo para o caminho ascendente.

— *Não por esse caminho. Ele verá você.*

Eu puxei minha cabeça a tempo de ver Figment deslizando de seu esconderijo do lado da árvore para o meu ombro, que estremecia com a necessidade de sacudi-la solta. Seu peito arfava pelo pequeno esforço. Ela deve ter corrido para nos alcançar no fundo. — Para cima é a única saída. A ravina é um beco sem saída em ambos os lados.

— *Há uma fenda na base da montanha. Siga-o até o outro lado. Ele não pode alcançá-lo pelo ar, se você ficar dentro da montanha.*

Usando a pequena patinha, ela empurrou meu rosto para a esquerda e eu vi. Os moradores chamavam isso de um aperto de um homem gordo, mas eu não tinha percebido isso enquanto corria ao longo da montanha. Uma fissura na face da rocha estava descoberto, um olheiro aéreo poderia me ver, mas a profundidade da trilha escavada na rocha me guardava de um ataque aéreo.

Um grito torturado passou atrás de mim, reverberando na base de pedra. Isso não podia estar acontecendo. Não outra vez. Mas lá estava eu, pernas queimando enquanto corria para o abrigo da fenda e entrava. Rochas pontiagudas raspavam meus quadris e mãos, enquanto eu sentia o meu caminho através da abertura e entrava na calha. Pichação cobriam as paredes onde os adolescentes locais tinham reivindicado o espaço como seu. Amarrações ao longo das rochas mais suave, que eu usava para manter o equilíbrio enquanto corria através de um espaço maior, apenas larga o suficiente para duas pessoas se ajustarem de lado. Eu ouvi o ruído de papelão achatar debaixo dos meus calcanhares e olhei para baixo. Uma caixa de sapato ficou preso no meu pé e quando eu finalmente consegui tira-lo, fui recompensado pelo logotipo Torjan sorrindo para mim.

— Eca. — Limpei as mãos no meu jeans. — Só eca. — Malditos adolescentes e sua falta de higiene. Uma sombra caiu sobre mim, escurecendo a maior parte do beco. Eu sabia, mas não podia deixar de olhar para cima. Clayton estava suspenso no ar acima de mim.

Seus olhos estavam arregalados e cegos. Seu peito arfava assim como os dedos se flexionavam abertos e fechados ao seu lado, esperando por uma chance de colocá-los em uso. Olhei Figment ainda apegada aos meus ombros. Seus olhos negros olharam para ele, incrédulo, o que não melhorou a minha confiança.

— O que vamos fazer agora? Ele vai esperar na saída ou nos pegar do outro lado.

— *Continue indo.* — Ela correu uma pata sobre o meu cabelo. — *Eu vou distraí-lo e você corre para o jipe.*

— Não, Fig — Eu tentei pegar ela, mas ela se fora, correndo sobre os afloramentos rochosos, até que ela alcançou a abertura. Ela subiu no ar, caindo sobre o rosto de Clayton e as garras afundando em cada bochecha ao usar seu corpo como uma venda.

— *Corra. Eu não posso segurá-lo por muito tempo.*

— Eu não posso simplesmente deixá-la.

— *Por favor, para o bem de vocês dois, você deve manter-se segura.*

—Tudo bem, mas se ele ferir um cabelo em sua cabeça, então quando isso acabar, sua bunda será uma grama.

Subindo e descendo irregulares pedras, eu fiz a minha fuga. Um pedaço de luz cresceu até que eu estourei por ele, do outro lado, e no acampamento. O

jipe estava parado sozinho no terreno baldio, a salvação de fácil acesso. Pedregulhos chiando debaixo dos meus pés, atolando-me quando eu precisava de velocidade.

Eu derrapei ao lado do condutor, arrancando a porta aberta e me puxando para dentro antes de puxar a porta fechada com um sólido *whack*. Chaves brilharam na ignição. Em um instante eu percebi que ele sabia que isso aconteceria. Por que outra razão ele teria deixado as chaves? E Figment. Ele ainda trouxe junto um acompanhante. Com a inundação de pistas, eu deveria ter notado, senti-me duplamente idiota. Eu sabia que ele lutava contra seu desejo por mim, e eu ainda tinha feito ele me trazer aqui a este lugar isolado, onde eu tinha provocado-o com beijos. Com um toque áspero de meu pulso, o motor virou e rugiu.

Girando as rodas e pulverizando o cascalho, eu me apressei para a trilha que levava à auto-estrada. Meu pé não podia pressionar o pedal com força suficiente. O motor zumbia, vibrando com força até que a estrada tornou-se suave. Eu dirigi, rígido e rápido, observando a estrada, enquanto lançava olhares pelo espelho retrovisor.

Com a capota fora, ele podia me alcançar e arrancar-me do meu assento. Não era um pensamento feliz. Os cabelos do meu pescoço eriçaram como se dezenas de pequenas aranhas desfilassem na minha nuca. Eu olhei para cima para ver Clayton deslizando suavemente, empurrando suas asas para ficar a frente do jipe em alta velocidade. Eu pisei no acelerador até o piso. Ele passou muito longe de mim, ganhando um carro de comprimentos pouco antes de parar e pairar no centro da minha pista com os braços estendidos.

Pisei no freio, sabendo que era tarde demais para parar. Pneus derraparam, o jipe virou para o lado quando a grade colidiu com os quadris de Clayton com um som forte. Seu corpo voou para trás, caindo sobre o asfalto até que ele rolou até parar em suas costas com um braço torcido por baixo dele e o outro contorcido e quebrado ao lado dele.

— Clayton! — Eu pulei por cima da meia porta. Meus pés bateram na calçada enquanto eu corria para ele. Caindo para o chão, toquei levemente seu ombro. Ele estremeceu e semi-abriu os olhos azuis acinzentados nebuloso.

— Seu idiota. Eu poderia ter se matado!

Seu peito tremeu em sua próxima respiração. — Eu teria te machucado.

— Você não teria me machucado. — Eu não sabia de onde vinha a certeza, mas eu não questionei isso. Eu acariciava meus dedos em seu rosto arruinado.

— Clayton

— Shh —. Ele deu um beijo na palma da minha mão. — É minha culpa. Seus olhos se fecharam. — Sempre você, Maddie. Sempre. — Então ele se foi. Apertei o braço dele, mas ele não se mexeu de novo ou falou. Eu o deixei no chão e corri para o jipe, procurando debaixo dos bancos e no console, finalmente encontrando o que procurava no porta-luvas. Um telefone celular vermelho cereja, uma réplica exata do que Figment tinha produzido naquela manhã no meu quarto. Minha resposta imediata foi chamar Emma, mas eu não confiava nela para não piorar as coisas. Engoli em seco, engolindo meu orgulho garganta a baixo como uma lixa, e digitei o número de Dana em vez disso.

— Olá?

— Você está em casa.

— Claro que eu estou, sua boba. Parker não está na escola por causa do inchaço na perna. Eu acho que o molde está muito apertado. — Água corria no fundo.

— Você precisa de algo?

Eu olhei para a massa volumosa de demônio esparramado em um amassado do outro lado da estrada. — Você tem que me ajudar. — Eu soquei meu medo e tentei fazer a minha voz ficar firme. — Clayton me levou para uma caminhada. — O silêncio dela me disse que não tinha conhecimento disso. — Alguma coisa aconteceu e eu ... eu passei sobre ele.

— Você o quê? — Eu ouvi alguma coisa quebrar, talvez ela estivesse lavando pratos quando liguei e agora tinha um a menos para secar. — Quer dizer com um carro?

— Foi o seu jipe. — Histeria foi subindo em mim. — Olha, ele desmaiou e eu preciso de ajuda para movê-lo. Por favor me ajude.

— Calma —, ela retrucou. — Onde você está?

Espiando através do pára-brisa, notei um metal sinalizando alguns metros à frente. — Estamos na milha 29, pouco antes de chegar a Emasen.

— Não tente mudá-lo. Vou buscar ajuda e encontra-la lá. — A linha morreu. Eu joguei o telefone no assento do passageiro e voltei para Clayton, caindo para a calçada. Ele estava tão imóvel. Peguei sua mão na minha e segurei firme, conseguindo um fransido de sua testa.

— Estúpido e teimoso macho. Você não tinha que ter feito isso. Eu teria sobrevivido a qualquer coisa que você poderia ter feito para mim. — Acaricieei seu rosto machucado com as costas dos meus dedos e alisei os lábios preso com meu polegar. — Você tem que ficar bem. Eu não posso te perder também.

Remorcio pesando minha consciência. Mesmo quando eu ouvi o zumbido distante dos motores, eu não conseguia levantar a cabeça. Eu caí lá, segurando

sua mão, forçando os seus dedos a engrenar com os meus, e senti meu coração fragmentado. Freios foram acionados e pneus cantaram sobre asfalto. Dois conjuntos de portas se abrindo, uma se fechando. E eu ainda não conseguia olhar para cima. Eu quase acreditei que se eu tirasse os meus olhos de Clayton ele iria me deixar, e eu não podia passar por isso novamente. Eu tinha apenas começado a viver, de pensar para além de hoje e estava ansiosa para acordar pela manhã. Eu não podia perdê-lo. Eu não era forte o suficiente.

— Clayton —. Elevado gritos que Dana lançava conseguiu agarrar a minha cabeça. — O que ela fez para você? — Ela me empurrou de lado, quebrando a minha conexão com a mão para que ela pudesse se ajoelhar onde eu tinha ajoelhado, verificando seu pulso antes de virar-se para mim. — Como você pôde fazer isso com ele?

— Foi um acidente. Eu não quis que ele se machucasse

Ela olhou por cima do meu ombro. — Por que você estava dirigindo seu jipe? Por que ele estava perseguindo? — Seus olhos se estreitaram. — Ele tentou reinvidicar você, não foi?

— Não. Talvez? Eu - Não sei o que aconteceu. Nós estávamos caminhando. Eu caí, e quando ele me pegou, ele ficou louco e me disse para correr assim eu o fiz.

Dana com os ombros curvados para Clayton. —Você poderia ter matado ele. Talvez Jacob não estivesse errado. Talvez tenha sido você o tempo todo. — Um dos homens que ela trouxe para o apoio, Mason acho que era esse seu nome, falou. — Você não quer dizer isso. Madelyn não machucaria uma mosca e você sabe disso. Isto é tudo um mal entendido.

— Clayton vai nós dar os detalhes quando acordar.

— Se ele acordar —, ela suspirou, esfregando as pontas dos dedos sob os olhos. Mason acenou para o outro, o mais alto do sexo masculino para avançar. Juntos, eles levantaram Clayton e levaram-no à parte traseira do carro de Dana. Ela baixou a porta da bagageira, e cobertores derramaram para fora de onde ela tinha alinhado uma cama no carro, em preparação para o seu transporte. A logo da pousada Evans brilhou em relevo preto sobre o consolador de nível superior, deixando-me sem dúvida, de seu destino.

Fazendo meu caminho de volta para o jipe, me arrastei para dentro e desloquei em marcha, seguido os carros de volta para a pousada.

Capítulo Doze

Eu bati meus dedos em uma lenta sucessão pelo volante. Não havia nenhuma única vaga de estacionamento livre na Pensão Evans. Dana deve ter pesado a mão e ligado para a colônia inteira pro quintal estar cheio tão rápido. O excesso de veículos alcançou a estrada pelos dois lados, forçando o tráfego a seguir por uma linha estreita. Olhando pelo pára-brisa, eu vi um pedaço de meio-fio grande o suficiente para acomodar o Jeep. Como se fosse sorte, o único espaço aberto na rua era do lado da calçada do restaurante. Eu parei perto o suficiente para sentir o cheiro do especial de hoje e meu estômago roncou em resposta.

Meus pés coçaram a bater no chão, dividido entre correr para Emma e ir para Clayton. A tentação de contar para minha irmã o que eu tinha feito e deixa-la consertar meus erros fez meus dedos apertarem em volta da maçaneta. Eu odeio essa fraqueza em mim. Relaxando meu aperto na alavanca, eu coloquei minha mão na minha capa. Eu protegi Clayton. Eu tinha sido a única a feri-lo e gostaria de ser a única a enfrentá-lo. Eu podia entender a insistência de Harper em limpar sua própria bagunça agora, e respeitava sua memória mais por saber que ele tinha feito a coisa certa a qualquer custo. Eu seguiria o exemplo dele.

— *Você não vai entrar?*

Eu comecei a procurar Figment, de volta em suas quatro pernas e colarinho, sentada em um banco atrás de mim.

— Hey, eu estada preocupada com você.

— *Clayton me mandou embora.* — A voz dela soava perdida.

Eu virei o rosto dela. — Você não pode, eu não sei, estourar lá para vê-lo? — Qualquer que seja a fonte de sua magia, é evidente que não sofreu as limitações de qualquer coisa que eu encontrei.

— *Eu prometi a ele que iria ficar com você.* — Listras de pelo molhado caíram no rosto dela. Eu não achava que cães pudessem chorar, mas o que eu sabia?

Eu cocei atrás das suas orelhas sedosas e ela pegou minha mão. Talvez Emma estivesse certa sobre essa coisa de animal de estimação afinal. Em qualquer outro tempo, esse contato teria sido bom. Uma buzina soou atrás de mim enquanto o tráfego começava a voltar para cima. —Vamos lá, menina. Vamos ver Clayton.

A cauda dela bateu contra o banco, e quando eu abri minha porta, ela foi a primeira coisa a sair. Quando eu sai para a calçada, o trote rápido dela me obrigou a acelerar o passo. Nós chegamos na faixa de pedestres antes de eu perceber que nós estávamos sendo seguidas.

Parados do lado da porta da pousada estavam os homens que eu tinha visto mais cedo. Aqueles que vieram com Dana buscar Clayton.

Mason estava lá; corpulento e loiro, olhos azuis com um sorriso torto nos lábios.

O homem a direita era mais alto, mais magro e menos familiar. Passei por eles. Mason girou a cabeça. — Miss Madelyn, eu não sei se você vai querer entrar lá agora. Dana tem mulheres espumando sobre a condição de Clayton.

O olhar do companheiro dele passou por mim. Ele não parecia interessado, mas irritado. — Ele está certo.

Ela está organizando uma caça às bruxas e eu tenho medo de você ser a única segurando um chapéu pontudo.

Eu encontrei os olhos quietos do homem. Eles eram frios, e um não fazia par com o outro. Azul ártico com verde vibrante. Uma longa cicatriz começava na testa dele, cruzando o nariz e passando pelo olho direito até emergir na sua têmpora antes de desaparecer abaixo do couro cabeludo dele.

— Eu tenho que ver Clayton.

— Você não deveria ficar sozinha com homem nenhum até as próximas 48 horas terem passado. Você terá o tempo inteiro para falar mais tarde.

Minhas orelhas queimaram com embaraço. Figment pressionou contra o meu tornozelo. — Você está contando os dias? — Todo mundo sabia sobre o meu ciclo, menos eu?

O homem com olhos bicolores esticou os olhos pros lados, e eu tive a impressão de que isso não acontecia muitas vezes. — Nós fomos treinados para saber querida.

— Dillon. — Uma única palavra com toque de advertência.

Meu pulso começou a pular.

E Dillon sabia disso também, porque ele riu antes de continuar.

— Sua mãe sentiu certeza nos talentos dos escravos em mentir em áreas atrás da porta do guarda-roupa da câmara de uma senhora. Mesmo as primeiras-damas da corte têm suas necessidades para satisfazer. — Suas unhas alongaram e escureceram. — E eu achei que elas gostassem das minhas garras.

Figment rosnou, passando a posicionar-se entre Dillon e mim.

— Isso é o suficiente. — Mason disse, seu olhar brilhando em abundância.

Dillon recostou-se contra o tapume da pousada. Falando a ninguém em particular, ele disse: — Ela deveria seguir em frente agora. Não que eu não aprecie o seu bouquet, mas eu gostaria de evitar que Clayton me mate por fazer o que eu fui treinado para fazer.

Mason Franziu o cenho para o homem antes de voltar suas atenções de volta para mim. — Ele está certo. Se você tem que ver Clayton, faça isso rápido e em seguida, faça o inferno para ficar longe de todos os homens que você não está procurando reivindicar. — Ele passou a mão pelo cabelo despenteado. — É bom vê-la assim. Como alguém que chegou e acendeu todas as luzes. Isso fica bem em você. — Suas bochechas ficaram rosadas.

A minhas também. — Obrigada. — Andei para a frente. — Com licença.

Passei entre eles e entrei no hall de entrada com Figment perto do meu calcanhar. O interior da pousada era clássica country com tons de vermelhos ricos e ouro que cobriam as paredes e chão. Confortável, estofado demais mobiliário preenchia o espaço.

O cheiro inebriante de potpourri pendurados pesava no ar, combate-lo e conquistar os perfumes individuais usados pelas mulheres espalhadas em torno do quarto.

Era como se eu andasse na reunião em uma cidade que ninguém tinha sido apto a me convidar. Não que a velha Maddie tivesse vindo. Os homens estavam certos em me avisar. Tudo o que Dana precisava era de uma fogueira e tridentes, porque ela tinha excitado a raiva e indignação na sala para uma alta febre.

A mentalidade da multidão raramente funcionava a favor do o alvo de toda a confusão reprimida, e eu quase podia sentir alvo pintado no meu peito.

Dana estava de costas para mim e dirigiu-se ao quarto.

— Eu nunca vi uma coisa tão, tão brutal. — Ela fungou. — Madelyn apenas ficou ali, olhando para Clayton como se fosse sujeira no fundo de seu sapato. Se eu e os meninos não tivéssemos ido por ele, ela poderia tê-lo deixado lá para morrer sozinho. — Então, martelou as unhas em meu caixão proverbial. — Ela é Askaran. O que é mais uma vida Evanti para a sua espécie?

Meus dedos beliscaram as costuras das minhas calças de brim pesado para me segurar de arrebataram todos os cabelos perfeitamente penteados de sua cabeça.

Conversa fluía quando eu cheguei a Dana. Eu queria limpar meus ouvidos porque eu não poderia tê-la ouvido corretamente. Ela olhou por cima do ombro, viu e me olhou. Suas palavras seguintes, porém, eu ouvi muito bem.

— Você tem muita coragem de aparecer aqui depois que você fez.

— Eu vim para ver Clayton. — Várias faces contorceram-se como se de repente cheirando algo sujo. Tardamente, percebi que o — alguma coisa — era eu. Obviamente, eu não tinha o mesmo apelo em círculos femininos como eu tinha entre os homens. Essa foi boa saber.

— Já não causou danos o suficiente? — Dana cruzou os finos braços sobre o peito magro. — Eu não vou deixar você perturba-lo quando ele precisa descansar.

— Eu nunca quis feri-lo. Você sabe o que realmente aconteceu. Foi um acidente.

Seu rosto corado de vergonha foi escurecido rapidamente para cobrir. — O que eu sei é que todos ajudaram a manter o segredo de Clayton. Todos nós queríamos o que era melhor para você, e é assim que você nos retribuiu? Atacando o nosso líder? Sua proteção mantém nossas casas e famílias seguras de sua espécie.

Ela abordou o quarto. — Você sabe o que eu acho? Eu acho que ela não pode ficar olhando no rosto de Clayton e ver a semelhança com seu irmão. Eu acho que ela queria vê-lo morto, também, porque ele se parece com seu precioso Harper.

Dei um passo mais para perto. Ela deu um passo para trás.

— Você o conheceu há três dias. — Ela fez o seu caso perante os outros. — E hoje você quase o matou. Isso não pode ser uma coincidência.

— Você está me acusando de alguma coisa? — Dana não era Evanti, e em minhas mãos iriam quebrar os seus frágeis ossos humanos. Um rugido gutural saiu pelo corredor e terminou o nosso impasse.

— Deixem ela entrar —, disse Clayton.

E eu respondi: — Deixe-os tentar me parar.

Suas palavras eram a minha garantia. Como eu girei em direção ao som, as mãos de Dana agarraram e deslizaram sobre meu braço, sem apoiar.

Sua localização tornou-se distante e sem importância para mim quando eu quebrei no corredor curto que conduzia às suítes no primeiro andar.

Envolto na escuridão, um único feixe de luz infiltrada através da fresta de uma porta entreaberta. Minha mão repousou sobre o porta de carvalho manchado por um segundo antes de me empurrar para dentro.

Clayton sentou-se na borda da cama com suas bonitas asas drapejadas sobre os ombros em repouso.

Quando ele olhou para cima, elas coraram do carmim para o escarlata, e ele usou glamour para oculta-las de mim. Sua camisa tinha ido embora, descobrindo um bom pedaço de pele enfaixada com gaze de cor escura. Dor emanava dele, tão intensa que eu dei um passo para trás antes que ele pensasse esconder isso também.

— Eu não esperava vê-la tão cedo. — Seu olhar vagava sobre a teto, e não me via em tudo.

— Eu estava preocupada com você. — Entrei dentro de seu quarto.

— Deixe a porta aberta—, ele disse, e eu fiz. — Você não deveria ter vindo. Não é seguro para você ficar sozinho comigo.

— Nós não estamos sozinhos —, eu argumentei com ele. — Há dezenas de colonos na sala e guardas postados na porta da frente. — Eu apontei para a cama. — Nós ainda temos nosso acompanhante. — Figment deitou pressionada firmemente contra a sua coxa, os olhos alegremente fechados e em paz ao lado de seu mestre. Ele relaxou. — Deus. Isso é bom. — Ele abriu os braços e eu fui para eles, parando minhas palmas das mãos no topo de suas coxas e ajoelhando-me entre a suas pernas.

Ele sentou-se imóvel enquanto eu me inclinei meu rosto contra seu peito nu e passei meus braços em torno de onde a faixa estava enrolada em suas costas. Seus músculos esticaram debaixo dos meus dedos quando o meu toque foi negligente. Alívio e algo mais subiram por mim.

Envolta por este corpo masculino, me senti segura, protegida. Senti-me como se estivesse chegando em casa.

— O que aconteceu lá fora? — Eu pressionei as palavras em sua pele.

— Eu sucumbi. — Seu rosto foi descansar em cima de minha cabeça. — Eu pensei que poderia resistir ao apelo para acasalar, mas eu não podia. — Ele engoliu, fechando as mãos em punhos a na colcha ao seu lado. — Quando você caiu e seu coração estava acelerado, seu corpo pressionado contra o meu. — Um arrepio percorreu através dele. — Eu não podia resistir.

Tecido rasgou. — Eu não quis resistir.

Senti-lhe tenso e deslocado. — Está tudo bem —, eu disse enquanto ele segurava meu braços delicadamente. — Foi minha culpa. Eu poderia dizer que você não queria ir, mas eu fiz você me levar de qualquer maneira. — Ele me pôs de lado, como ele estava. — Eu tenho estado errada sobre isto tudo. Deixe-me fazer as pazes com você.

Ele ignorou a minha preocupação e angulou seu queixo em direção à porta.

— Lamento que você teve que lidar com Dana. Ela não é geralmente tão raivosa, mesmo quando eu estou envolvido.

Eu empurrei para os meus pés também. Parecendo tão longe até Clayton dar uma câimbra no meu pescoço. — Está tudo bem. Ela se preocupa com você e ela não gosto da idéia de concorrência.

— Droga, ela é uma amiga, nada mais. Eu tentei ajuda-la. Eu senti pena dela, mas depois da forma como ela tratou você, mesmo que etiqueta não se aplique mais.

Eu não devia ter perguntado, mas eu soltei de qualquer maneira. —Será que ela sempre foi ... só uma amiga ?

Seus olhos escureceram. — Sim, ela nunca foi mais do que uma amiga para mim. — Eles brilhavam em consciência esterlina. — Nunca houve alguém para mim, exceto você .

Minha mão levantou a minha garganta, depois deslizou mais baixos para cobrir meu coração, grato pelas minhas costelas a confinassem. — Mas você se afastou. Por que Harper me amava?

O riso seco de Clayton foi duro, mas auto-dirigida. — Eu fiquei longe, porque você o amava. Se eu tivesse apenas um risco da felicidade do meu irmão ... — Sua voz apagou.

Eu não podia acreditar. Um homem como Clayton não teria que ter esperado ... quanto tempo ele tinha esperado? — Eu não sei o que dizer.

— Eu não espero que você diga nada. — Ele ergueu a mão para acalmar-me. — Você é a próxima melhor coisa da viuvez do meu irmão. Não tenho nenhum direito, nenhuma razão para esperar que você me reclame. — Sua mão caiu. — Por favor, saia. Eu não quero que você me veja assim.

— Eu-

Ele atacou, derrubando um vaso cheio de flores no chão.

Cacos de vidro e flores rolaram livre dos destroços. — Você não me deve nada. Deus sabe que você não me deve qualquer bondade. Não depois que eu fiz para você. O que eu quero fazer com você —. Caminhou até o canto de seu quarto, virando as costas para mim. — Leve Fígment com você. Você vai precisar de proteção para os dois últimos dias do seu ciclo.

Então ele estava contando o tempo também. Eu pisquei em lágrimas.

— Não, eu prefiro que ela fique com você. Eu irei para Emma. Ela vai cuidar de mim. — Como sempre. — Posso vê-lo novamente? Quando isso é acabar?

Ele acenou com a cabeça uma vez, rapidamente. Firmou seu antebraço contra a parede e se inclinou para ela, enquanto ele esperava eu ir embora. Eu saí de seu quarto e bati direto para Dana.

— Indo tão cedo? — Ela bateu com a porta fechada na minha cara.

Eu não respondi, apenas virei-me para sair quando ela agarrou minha manga rasgada da camisa. Olhei para a mão dela e ela largou o tecido.

— Eu achei que você poderia querer saber que Jacob foi liberado da custódia hoje. — Ela olhou pensativa. — Algo sobre a combinação de feromônios e cafeína prejudicando o seu julgamento os impedia de apresentar queixa.

Meus dedos tremiam, então os empurrei em meus bolsos.

— Clayton

— Não sabe e não saberá até que ele esteja recuperado. — Ela sorriu e mexeu os dedos em uma onda de zombaria. — Dirija com cuidado agora.

Ela deslizou por trás de mim, batendo a porta aberta e deslizou dentro do quarto de Clayton. Eu quase a ataquei fora, mas mantive a minha mão ao meu lado. Ele disse que não havia nada entre eles e eu acreditei nele. Qualquer que seja o jogo de Dana, ele iria acabar, e eu não precisava estar

aqui para testemunhá-la. Eu confiava no homem e sua palavra completamente.

Quando eu comecei a descer o corredor, a grande figura da minha vida borrou em torno das bordas, se recusando a deixar-me a chamar elementos da imagem em foco. Entendimento me iludiu enquanto as perguntas deixavam minha ente latente até ela chegar ao ponto de ebulição. Clayton tinha esgotado o fornecimento de respostas que ele estava disposto a dar, mas eu sabia onde encontrar mais.

Enquanto eu fazia o meu caminho através da sala, as mulheres se postaram de lado para me deixar passar. Os poucos homens presentes mantiveram seus corpos entre as mulheres e eu. Alguns pareciam interessados. Uns poucos pareciam mais preocupados, mas se por mim ou por Clayton eu não tinha certeza. Eu senti o peso de seus olhares nas minhas costas quando eu abri a porta da frente.

Atravessando o limiar, percebi o meu erro. Estava escuro e eu estava presa. A visita a Clayton, junto com a interferência de Dana enquanto eu ia e vinha significava que eu estava saindo mais tarde do que planejado. E não foi um acidente feliz? Eu teria que ligar para Emma vir me pegar, o que não seria muito desde que eu não tinha me incomodado em ligar e dizer a ela onde eu estava em primeiro lugar. Eu girei para a porta e tropecei enquanto eu passava pelos homens ainda de sentinela.

Dillon ronronou à minha esquerda. — Ela é cega noite. Basta olhar para ela, de olhos arregalados e errantes.

Seus dedos emaranhados em meus cabelos. — A verdadeira marca da realeza.

— Deixe-a ir —, Mason comandou a partir de algum lugar à minha direita.

Uma grande mão fechou sobre o meu braço e puxou-me para longe, arrancando os cabelos da cabeça no processo. Eu encontrei-me engessada contra um corpo que eu assumi que era o de Mason pelo seu aspecto duro, massa pura. Seu aperto apertado possessivamente.

— Mason. — Eu lentamente puxei para trás ao tentar tocar o mínimo possível nele. — Posso ir agora? Por favor? — Ele não respondeu.

Passos pesados bateram atrás de mim. Então eu fui jogada de lado, tropeçando no parapeito da varanda e agarrando-o para o equilíbrio. Um pop de uma junta do osso estalada soou, alguém resmungou, e as placas sob os pés estremeceram. Então, um frio aperto, me segurou firme. Eu respirei hortelã e senti a presença irritada do homem.

— Eu não me importo onde você vai e como vai chegar lá —, disse Dillon.

— Mas chegue lá mais rápido. — Ele me arrastou pelo aperto no meu braço. Eu ouvi a porta da frente aberta e pontos lançando enquanto ele alisava a mão ao longo da parede. A varanda inundou com a luz.

Meus olhos engoliram o brilho, concentrando-se no decúbito dorsal do corpo esparramado de Mason em toda a varanda, onde, presumivelmente, Dillon tinha o socado e batido para fora.

— Mason é jovem, e ele nunca iria se perdoar por ter ferido você. Eu não tenho esse problema. — Ele me arrastou até a borda do o relvado e empurrou-me para a rua. — Agora, antes que eu decida que vale a pena ter minha bunda dado a mim. E eu sou velho o suficiente para saber que não é.

— Obrigada. — Atirei as palavras sobre o meu ombro. Eu usei os lampiões dispersos pela calçada para me ajudar a definir os carros das cercas e

edifícios.. Depois de uma pequena corrida nervosa através do pavimento, o brilho de néon do restaurante me deu a direção. Eu levei mais alguns passos cambaleando e empurrado através a porta do restaurante.

Para uma mudança, Emma estava na recepção. Seu olhar me lavou da cabeça aos pés, antes de dirigir seu olhar para fora da janela e para o outro lado da rua. A curva em seu lábio superior mais dentes arreganhados que deixaria a maioria de seus clientes à vontade. Eu pisei até o pódio pequeno coberto de menus laminado. — Nós precisamos conversar.

Ela embaralhou os cardápios já arrumados. — Agora não é uma boa hora.

— Faça uma pausa.

— Como você fez uma pausa para me ligar? — Ela circulou ao redor e cutucou meu ombro com os dedos, balançando-me para trás nos meus calcanhares. — Você correu para alguém e não pensou em poupar cinco minutos para me ligar e me dizer que estava tudo bem?

Agarrei seu pulso, torcendo-lhe a mão acima e abaixo, assim como ela me ensinou. Utilizando o seu ímpeto, eu trouxe-lhe a mão nas costas, empurrando para cima para mostrar a ela o que significou o negócio. Havia apenas uma maneira de sair deste aperto e que ela teria que quebrar o seu braço para fazê-lo. Senti-me bastante confiante que ela não iria querer isso com as crianças na mesa de três a observar. — Me desculpe, eu não liguei. Foi estúpido e impensado, mas eu estou aqui agora e eu quero respostas.

Ela empurrou o ombro, testando minha força. Quando ela só conseguiu um pop de seu braço, ela suspirou.

— Vamos fazer isso no escritório.

Eu a guiei para a frente. Situado atrás da cozinha movimentada, o pequeno escritório tinha pouca coisa além de uma mesa e uma segunda cadeira que já tinha visto melhores dias, antes dos cinco anos que nós a possuíamos. Encurralando-nos dentro, eu liberei o braço e torcei a tranca atrás de mim.

Ela tomou seu assento, girando a cadeira usada por baixo dela a e sustentando os cotovelos sobre a superfície cicatrizada. — O que você quer saber?

— Eu quero saber tudo. Tudo o que você sabe sobre Clayton e Harper.

Seu rosto empalideceu. — Você quer a verdade?

— Seria uma boa mudança de ritmo.

Ela se recostou na cadeira. — Eu descobri por acaso, você tem que acreditar nisso. Caso contrário, Harper nunca teria me dito. Ele nunca quis que nenhuma de nós soubesse.

— Okay. — Eu poderia estender de quantidade de fé.

— Eu vi Clayton pela primeira vez quando você era jovem, em torno de onze ou doze anos e com muita febre. Você estava inconsolável querendo o seu demônio, então eu fui procurar Harper.

— Eu me lembro. — A febre quase conseguiu me matar, quando Archer tinha falhado. — Eu estava de cama por uma semana. — Eu fiz os cálculos na minha cabeça. — Isso significa que você tinha quinze anos e ele tinha dezesseis anos.

Ela assentiu distraidamente. — Eu descobri Harper se encontrando com Clayton no pátio. Eu não o reconheci, então eu me escondi e escutei a

conversa. Eles discutiam, porque Harper queria ficar dentro da casa real de Askaran para coletar informações para a resistência Evanti. Clayton tentou fazê-lo mudar de idéia, dizendo que havia informantes suficientes, mas Harper não quis ouvir .

Uma maçante, dor latejante encheu minha cabeça. Esfreguei minhas têmporas em círculos profundas, mas não obtive alívio. — Você está me dizendo que Harper era um espião para a legião dos nascidos livre?

Isso fazia sentido perfeitamente. Eu tinha as peças do puzzle, mas elas nunca se encaixaram. Isso explica a sua irreverente observação de que ele só ficou em Askara por mim. Ele tinha uma escolha, uma vida e uma família fora do que nós compartilhávamos, mas eu não tinha percebido até que ele me trouxe a este reino. Eu não tinha pensamento sobre os comos e os porquês do relacionamento de Harper com a colônia desde que eu o perdi. Se alguém falava sobre ele, eu me afastava. Se eles perguntavam sobre ele, eu não respondia. Eu tinha sido tão intensa, tão concentrada em sobreviver, que eu não tinha olhado além do fim do meu próprio nariz. Emma tinha razão.

A negação era um rio e eu tinha me afogado nele.

— Sim, ele era.

— E você nunca me contou? — Eu chutei sua mesa enquanto mágoa e raiva se misturavam em um coquetel volátil dentro de mim. Ela franziu a testa, assim que eu chutei novamente. — Eu poderia ter ajudado. Eu poderia ter feito algo para fazer a diferença.

— Não, não poderia. Harper arriscou o suficiente para todos nós. — Que pouca cor que ela tinha deixado desbotada. — Se você tivesse sido pega auxiliando a causa, então o castigo teria caído sobre mim, Maddie. Eu. Não eles. Eu não podia continuar te machucando. Algo em mim morria toda vez que eu machucava você. Harper sabia disso, e ele quis poupar-nos.

Eu deixei o horror do passado cair sobre mim. Tentar parar as memórias nunca funcionou, só fez a próxima vez muito pior. Eu centrei minha atenção no presente, nesta conversa, e nas respostas que eu tinha que ter.

— Harper me amava? Isso era parte da verdade? — Eu tinha que saber.

— Ou ele apenas me usava para obter informações sobre minha família? — o rosto de Emma se apertou quando ela tentou um sorriso que ficou aquém da marca. — Ele gostava muito de você. Você deve se lembrar ele foi criado ao lado de nós, antes ele nem sequer sabia sobre o seu pai ou Clayton. — Sua voz silenciou. — Você pensava que suas asas faziam dele um anjo, mas ele não era, nem de perto. Você era uma irmã para ele. Ele teria dado sua vida por você, mas mesmo se as coisas não se deteriorassem, ele ainda não poderia ter sido seu cônjuge e não teria tido você como amante.

Houve um tempo não muito tempo atrás, quando eu teria argumentado o ponto com ela. Eu tinha planejado uma vida com Harper e eu pensei que ele queria o mesmo comigo.

Não foi até eu encontrar Clayton que eu percebi o que faltava nesse relacionamento. Calor, desejo e paixão, tudo — coisas que Clayton tirou de mim. Coisas que eu não tinha conhecimento para notar entre Harper e eu.

Eu poderia ser capaz de concordar com Emma agora, mas eu precisava ouvir sua explicação, já que eu nunca iria conhecer a de Harper. — Mas todo esse tempo você me deixou acreditar que ele e eu deveríamos ter ficado juntos aqui, neste novo reino.

Sua boca abriu e depois fechou sobre o que ela teria afirmado. — Nós teríamos dito. Depois de ter ficado assim por tanto tempo, mas não era um caminho mais fácil. Então ele não voltou para casa e eu não sabia o que fazer.

Ela olhou para suas mãos como se estivessem segurando as respostas. — Ele tinha ido embora. E nós estávamos sozinhas. — Ela limpou as bochechas com as mãos. Quando ela olhou para cima, o rosto estava seco, mas não menos manchado. Eu queria perdoá-la. Eu sabia que ela tinha sofrido, tanto quanto eu. —Você sabe o quanto isso significaria para mim nestes últimos anos? Saber que Harper tinha parentes?

Suas runas batiam evidenciadas, pálidas e roxo escuro.

— Não banque a mártir. Não comigo. Você teria caído nos braços de Clayton e você soubesse disso. Eu não poderia deixar você fazer isso consigo mesmo. — Ela empurrou para trás na cadeira. — Mesmo Clayton merecia melhor. Ele merecia saber que você o viu e não uma substituição de seu irmão. — Tão rapidamente, seu próprio glamour cobriu as provas de suas emoções. — Quando eu vi vocês dois juntos naquela primeira noite, eu sabia que tinha errado demais para ter volta.

Seus dedos penetraram em toda a mesa, alcançando os meus. Eu levantei e andei. Dois passos à frente, dois passos para trás. Eu precisava de mais espaço, de mais ar.

Eu lutava para segurar minha raiva que subia. Eu não podia culpá-la por amar-me mais do que ninguém jamais fez. Minha fraqueza obrigou-a a fazer o papel de protetora, e ela aceitou seriamente. Mas eu precisava de todas as cartas sobre a mesa antes que eu pudesse pôr isso para trás.

— E sobre Clayton? — Eu vi uma expressão envergonhada nos olhos dela. —Você queria que eu pensasse o pior dele. Por quê?

Suas palmas abertas bateram contra a mesa. — Essa bastardo arrogante poderia ter salvo você. Ele poderia ter feito Harper parar de brincar de herói. Ele poderia ter levado você para longe e te dado uma vida melhor em algum lugar longe de Askara e Archer, mas ele não fez. Ele não iria salva-la.

— Outra lágrima controlada rolou abaixo de sua bochecha. — Eu implorei, mas ele recusou-se a pôr em perigo a vida de seus preciosos colonos.

Tudo sempre foi tão claro para Emma. Ela sentiu a emoção tão profundamente, tão absolutamente, nada mais importava quando que as pessoas que ela amava estavam sofrendo.

— Clayton estava certo ao me deixar, deixar-nos como estávamos. Harper deu sua vida para ajudar o seu povo o ganhar o início de liberdade. Eu sei que dói, mas você não pode baratear seu sacrifício fazendo suas ações soarem impetuosas. — Suspirei, de frente para outra dura verdade. — Você e eu teríamos sofrido bem como incontáveis gerações de fêmeas Askaran tinham sofrido antes de nós. Não havia nada de tão especial que devêssemos ter sido salvas, exceto para Harper. — Eu olhei para ela. — Ele era muito mais do que eu jamais realizei.

Eu tinha uma outra revelação também. — É por isso que você odeia tanto Clayton —, eu deduzi, sentindo o resto raiva indo embora. — Ele sabia em primeira mão os riscos que Harper e outros legionários tinham se comprometido. Por isso, ele entendeu que a vida de uma princesa não valia a pena o risco de centenas de libertos Evanti e suas famílias.

Emma ofereceu seis palavras em sua defesa. — Você valeu a pena para mim.

Claro que sua razão teria sido eu. Ela nunca pensou em si mesma. Eu não acho que ela sabia. Sentei-me na borda de sua mesa e estendi a mão para ela.

— Você fez o que achava certo. Nós todos fizemos. — Eu levei sua mão úmida na minha. — E eu não poderia pedir uma irmã mais velha melhor.

Eu apertei os dedos dela. Ela apertou volta. Perdoados e esquecidos. Sua testa franzida. — O que você vai fazer agora? Quero dizer, sobre esta coisa entre você e Clayton?

— Eu não sei. Eu me importo com ele, muito, mas aconteceu tão rápido. Eu não sei onde está minha cabeça. — Ou o meu coração, mas nenhum de nós estava preparado para ouvir o que disse em voz alta.

— Ele não vai pressioná-la a decidir. — Desta vez, a voz dela tinha um respeito relutante. Eu ri, quebrando a tensão apenas suficiente para nós duas sorrirmos e realmente dizer isso. — Eu sei. Ele disse que não quer me ver até que eu ... — Meu rosto aquecido. — Bem, não por mais dois dias.

— Eu acho que você está fazendo a escolha certa. Vocês dois têm muito a pensar.

Atrás de mim, sacudiu a maçaneta. Os poucos raps acentuados da junta da porta de núcleo oco terminou o nosso encontro de improviso. Virei a fechadura e encontrei Marci preparada com o punho levantado para bater novamente.

— O que você precisa? — Eu encravei sob a tampa aberta porta. Seu olhar disparou pelo corredor em direção à cozinha.

Ela não conseguiu uma chance de falar antes que o cheiro ruim enchesse o pequeno escritório. Eu tossi e ventilei o meu rosto. — Que cheiro é esse?

— Eu tinha acabado meus turnos na frente quando um cliente comentou sobre o mau cheiro. Um casal foi embora antes que eu pudesse encontrar o problema. — Ela apontou para o nariz. — Eu teria dito algo antes, mas minhas alergias estão atacadas para cima e eu não posso sentir o cheiro de nada.

— Lynn. — Emma empurrou-nos de lado, murmurando. — O que é que essa menina fez agora? Não se pode virar as costas por um minuto ...

Eu segui marcha saltitante de Emma para a cozinha. Contornando uma esquina, caminhamos para um desastre. Lynn debruçada sobre o telefone, o cabo enrolado em torno de seu dedo, ignorando o prato holandês deixado borbulhando muito alto sobre o fogão. Meus olhos encheram de lágrimas antes mesmo da entrada da cozinha. Um suspiro resignado deslocou Emma da irmã livre de um fardo de volta a dona de um negócio.

— Lynn. — A mulher virou-se e desligou culpada. — Você sabe que temos uma política sobre fazer telefonemas pessoais enquanto trabalhamos.

Lynn apontou para o telefone. — Desculpe, mas isso foi Andrew. Ele me ligou para dizer que Clayton organizou um ataque de última hora. Eles acabaram de partir para Askara.

Eu deixei escapar a primeira coisa que veio à mente. — Ele não está bem o suficiente para viajar.

O estarrecimento de Lynn disse que ela achava diferente. — Andrew disse que foi súbito. Clayton teve uma dica sobre um bolsão de escravos detidos sob a guarda de luz nas terras de fora. — Ela suspirou, claramente infeliz de ficar sem seu homem. De alguma forma conseguiu ganhar pontos comigo de qualquer maneira. — Ele disse para esperá-lo em casa em dois dias.

Três dias no máximo.

Emma recusou a sopa e deu-lhe uma rápida agitação. — Obrigado pela atualização, mas isso não é desculpa para negligenciar seus deveres. Se você não consegue agir em conjunto, então eu vou ter que deixar você ir. Este lugar paga todas as nossas contas. Se você queimá-lo enquanto está fazendo vozes

melosas para seu homem, por telefone, em seguida, vamos todos ser arruinados. — Levantou a colher para saborear o cozido, estremeceu, depois ergueu-a fora do fogão e derramou pelo ralo.

Horas de trabalho desperdiçadas.

Lynn respondeu rapidamente, correndo para pegar um pano e limpar o caldo secando sobre o fogão. — Eu sinto muito. Vou tentar mais, eu prometo. Eu apenas não sou eu mesma quando Andrew tem que sair.

— Eu posso compreender. — Emma encheu o pote enegrecido com sabão e água, enquanto sua empregada olhava agora cautelosa. — Mas o homem de Marci está em rotação também. Ela trabalha em meio turno e tem dois pequeninos também. Eu não a vejo colocando fogo em minha cozinha enquanto dá adeus para Lester.

Lynn olhou para o chão de ladrilho lascado. — Vou começar a lavar a louça.

— Não —, disse Emma. — Vou lavar os pratos. Você termina com os clientes que nos restam. Vá em frente e vire o sinal enquanto você está lá em cima. Ninguém mais vai querer cheirar isso enquanto está comendo de qualquer jeito.

Eu assisti Lynn se retirar, mas não conseguiu reunir energia para sentir pena dela. — E eu?

Ela apontou para a cadeira onde se sentara Clayton na noite anterior. Corri meus dedos em toda a guarnição do cromo e falsa cobertura de couro. O assento foi eviscerado, com batedura do algodão fofo nas emendas. Nós tínhamos gravado uma vez antes de relegar a cadeira para a cozinha, onde ele passaria o resto da seus dias como um tamborete de piso.

— Você vai se sentar? — Emma perguntou.

Eu afastei-me da cadeira e da memória do seu passado ocupante. — Não me sinto como se devesse sentar. E se eu terminar os pratos e você lidar com a papelada do fechamento? Esmagar os poucos números dá-me uma enxaqueca.

Cotovelo submerso na espuma, ela encolheu os ombros. — Sim, eu posso lidar com isso. Você sempre se esquece de levar mesmo.

Joguei nela um trapo esfarrapado da pilha, que ela usou para secar-se. Sozinha na cozinha, era difícil não pensar Clayton. Como ele tinha a camisa encharcada e depois a minha. Ou como eu escorreguei e ele me levou da cozinha. E aqueles beijos ...

— Hey —. A cabeça de Emma apareceu ao virar da esquina. — Você viu onde eu coloquei aquele saco de receitas?

Olhei e tive que piscar algumas vezes antes de vê-la claramente. — Aquele que você perdeu agora, diariamente, ou semanalmente? — Eu perguntei, enxugando meu rosto contra o meu antebraço. Ela olhou para mim e riu baixinho. — Eu acho que já era tarde para advertências. — Ela atravessou a sala para me envolver em exatamente o tipo de abraço que eu precisava. — Você o ama, não é?

— Eu não sei—, eu respondi-lhe com sinceridade. — Eu só ... o feri. Eu o vi poucas horas atrás, e eu sei que ele está bem, ou pelo menos ele vai ficar, mas eu sinto falta dele. Eu não queria deixá-lo, e agora que ele foi ... — Fiz uma pausa. —... Eu estou com medo. E se ele não voltar? E se ele estiver errado? E se a única coisa entre nós são o calor e feromônios?

Ela se puxou de volta para me olhar nos olhos. — Você pode se matar, mas esse menino tem te amado por metade de sua vida. Eu costumava me preocupar com que aconteceria se os sentimentos de Harper por você nunca se

alterassem. Clayton teria que deixa-la ter o seu irmão. — Seus dedos apertados em mim. — É assim que você deve medir sua devoção. Não pelo o que ele quer de você, embora não se engane, ele quer tudo, mas o que ele quer para você. Não há nada em seu poder, ele a faria feliz.

Isso inclui desistir de você. — Ela enrugou o nariz. — Agora eu já investi anos longos demais odiando sua coragem de agir tão suavemente. Não pense apenas porque eu estou sendo boazinha e fraterna com você que eu vou dar qualquer folga para ele.

Ela piscou e voltou para buscar seus documentos em falta.

Eu afundei minhas mãos na limpa água quente e espumosa, permitindo minha cabeça ter tempo para alcançar o meu coração.

Capítulo treze

Três dias depois, o jantar com o típico zumbido de conversas de Domingo pela manhã, cada camada de voz monótona apenas a coletiva permaneceu.

— Aqui está, Mr. Lawrence. — Eu descarreguei minha bandeja. — Sanduiche de queijo grelhado com sopa de tomate.

— Obrigado, Madelyn — Seus olhos estrábicos por trás das lentes da garrafa. — Você é sempre amável.

— Muito obrigado.

Sua colher tremeu na minha direção. — Você poderia ganhar um pouco de peso, no entanto.

Elsa sempre foi legal assim, grande figura — ele coçou seu queixo. — Simplesmente não fazem mulheres como antigamente.

Eu ofereci-lhe condolências. — Você foi um homem de sorte em ter tido ela todos esses anos.

Sua cabeça balançava em um aceno instável. — Sim, eu acredito que fui. — Ele encheu a colher, e dobrei minha bandeja contra meu peito, o deixando aproveitar sua refeição.

Passadas as mesas lotadas, fui para a cozinha com um bolso cheio de novos pedidos para o cozinheiro. A parte de trás de uma cabeça cheia de

cachos loiros entrou em vista enquanto eu pisava na cozinha com estilo de navio. Emma olhou por sobre seu ombro e sorriu.

— O negocio está crescendo hoje. — Ela bateu sua colher de madeira no tempo com suas suas palavras. — eu posso quase ver minha nova cozinha Viking Range. Somente setecentos dólares para levar e o fogão é industrial, eu venho aqui.

— Se eu tivesse um pouco mais dias como hoje nós teríamos aquele otário pago, encaixotado e conduzido dessa maneira. Passei os bilhetes cobertos com minha melhor caligrafia de garçonne, significa que só Emma conseguia decifrar. O pequeno sino pendurado sobre a porta da lanchonete tilintou. Eu olhei para o salão e suavizando minhas mãos na minha camiseta e no avental.

— Esperando alguém?

— Não. — Clayton somente veio à lanchonete uma vez nos últimos cinco anos. Então, sim, eu estava louca por que meu pulso pulava e as palmas das minhas mãos ficaram suadas apenas pensando nele entrando por aquela porta. Então o sino tocou mais três vezes em rápidas sucessões. Desta vez a face de Emma iluminou. Ela teve um encontro todo domingo com três cavalheiros e isso soava como se eles tivessem chegado. Ela apagou a chama do fogão e mudou a grande panela para fora do fogão, então limpou suas mãos na toalha pendurada no seu avental. Puxei meu bloco e minha caneta e segui-a para frente, entrando numa emboscada.

— Emma! Emma! Emma! — Rostos ansiosos de querubins trigêmeos puxaram suas calças e seu avental.

— Bem, se não são os Três homem mais bonitos. — Ela abanou sua face com sua mão.

Depois de ajustes a cada nariz, reunindo eles para um abraço apertado, que eles permitiram com a típica relutância masculina. — Faz tanto tempo, garotos. Quem disse que vocês poderiam crescer mais que eu?

— Emma — Jared suspirou. — Nos vimos você... — ele virou para seu irmão Ben para confirmação. Ben deu de ombros, virando para Parker em vez disso.

— Quarta-Feira passada. — Parker denunciou.

Ela bateu na testa dele com o calcanhar da sua palma. — Claro. O que eu estava pensando? Como esta perna está hoje, Parker?

— Em - ma — Parker rosnou — Você soa como a mamãe.

— Desculpe — Ela disse — Eu esqueci como você cresceu às vezes. — Então ela olhou para a mãe deles.

— Alô, Dana

— Boa Tarde. Madelyn, nós queremos o de sempre, por favor.

Emma despenteou o cabelo do garoto mais próximo. — Sigam a Senhorita Maddie, garotos, ela vai cuidar bem de vocês enquanto eu vou pegar seus pedidos prontos.

Eu conduzi o trio mais a mãe para uma cabine na parte de trás do restaurante e assisti os garotos em pilha um em cima do outro, se cotovelando por um lugar apoiando através da mesa. Dana se moveu para o banco oposto a eles.

Com seus pedidos de bebidas anotados, eu retornei para a mesa. — Eu já volto com alguns gizes de cera e livros de colorir. — As mãos dos garotos

bateram na mesa, ansiosamente afirmei reivindicando que essa secção era meu espaço de trabalho. No pódio, me abaixei e separei três finos livretos e três pacotes de giz de cera da cesta na segunda prateleira. O fundo da ultima caixa abriu, derramando as cores através do chão justo quando o pequeno sino bateu de novo.

— Eu já estou indo. — Juntei o giz de cera rolando.

— Não tenha pressa.

O medo alisou minha espinha, empurrando-me na posição vertical. Eu bati minha cabeça na beirada do pódio, mas ignorei a dor calada e alcancei o topo no escaninho superior cheia de talheres embrulhados. Eu desastradamente peguei uma faca livre do seu invólucro guardanapo e encarei meu cliente.

— Jacob, eu tenho certeza que você entende quando eu digo que você não é bem vindo aqui.

Ele se adiantou e apertou minha mão com a faca. Poderia ser brusco, mas teria força suficiente para abrandá-lo até Emma poder chegar.

Ele deu um meio passo para trás quando ele notou que minhas mãos permaneciam ocultas.

— Eu tive que ver você e pensei que seria seguro agora que, bem, já se passaram cinco dias. — Ele tossiu através do seu embaraço. — Eu quero me desculpar. Eu tenho um problema com cafeína, mas eu juro que eu farei melhor como beber descafeinado. É que apenas o tempo tem sido mau para mim. Eu não quis que as coisas ficassem tão fora de mão como naquele dia.

O azulejo preto e branco do chão deteve sua atenção. — eu tenho problemas com sua família, mas todos nós temos. Com você sendo quem você é,

e o café, eu simplesmente perdi o controle. — Ele olhou para cima. — Eu tenho que dizer me desculpa. Aquele não era eu, e se precisar ir para o tumulto de Harper, apenas chame adiante e eu farei eu mesmo sumir. — Ele se virou para ir. — Eu não espero perdão, mas eu próprio quero dar a você uma explicação.

— Espere. — Eu meio esperava Emma atirar nele a qualquer momento para separar a cabeça do seu pescoço. — Eu aprecio você vir pra me contar, mas você deve se ajudar antes que algo como isso aconteça de novo. A próxima mulher talvez não seja tão sortuda.

Eu não pude dizer que eu perdoava nele. Não disse, talvez nunca possa. Eu não pude dizer que estava tudo bem, porque não estava. Não importa as circunstâncias extenuantes, ele tinha problemas, e eu não procuraria resolver isso. Ele abaixou sua cabeça, se virou passando pela porta e saiu enquanto eu o assistia desaparecer de vista. Meu aperto na faca afrouxou. Então, na segunda idéia, escorreguei para dentro do meu bolso do avental.

Eu reuni os gizes de cera perdidos e os livros de colorir, levando eles para as crianças. Dana sentou com suas mãos dobradas e olhando para mim, sorrindo apenas o suficiente para me fazer ficar nervosa. — Desculpe pelo atraso. Eu vou verificar seu pedido.

Abaixei entrei na cozinha, eu peguei três canecas de sopa de tomate e apanhei fatias de sanduíche de queijo grelhado de uma maravilhosamente desconhecida Emma, então levei tudo numa bandeja para os garotos que esperavam. Meus dedos giraram através as alças das canecas e assentei as pequenas porções de sopa na toalha de mesa vermelha e branca.

Coros de ‘obrigado’ vindo dos fregueses favoritos de Emma me fizeram sorrir abertamente e terminei com uma mão de saches de sal do meu avental, deixando eles com um pouco a mais de guardanapos na mesa.

— Vão querer algo mais, senhores?

Três conjuntos azul bebê olharam para cima, sorrindo e se cotovelando para ver quem ia acumular mais biscoitos que os outros. — Não, Senhora, — eles falaram em triplicata.

— Dana, você tem certeza eu não posso te trazer alguma coisa?

— Não, eu estou bem, obrigado. Eu comi um almoço mais cedo com Clayton e os novos recém-chegados.

Eu exalei devagar, em contagem regressiva até dez e dizendo a mim mesma não se irritar por ela ter encontrado ele hoje e eu não. — Ótimo. Eu espero que eles estejam se estabelecendo bem. Eu sei que o processo de aclimação pode vir com um choque.

— Sim, hoje foi um dia cheio de surpresas.

Eu esperei por uma explanação, mas ela não ofereceu alguma.

— Bem, aproveite sua refeição e eu estarei de volta com você há pouco. — Eu escapei do curto espaço que separava a cozinha do escritório de Emma, precisando um minuto para mim mesmo. Entre a irritante frase enigmática de Dana e a confissão de Jacob, eu tinha muito para digerir e não pensava nos Roluids⁸, eu tinha clientes no meu bolso do avental que iam ser de alguma ajuda.

Os painéis usados deram sobre minhas costas. Eu ouvi um clique acentuado e o murmúrio de vozes segundos antes da saída de emergência abrir. O alarme não tocou o que ia deixar Emma em sérios problemas com o inspetor sanitário um dia.

⁸ Roluids – marca de anti-acido

Apertei meus olhos contra a claridade ofuscante vazando de fora. O ombro de Lynn se chocou com o meu, acotovelando-me de lado com sua pressa. Marci seguiu no calcanhar dela e tocou uma mão gentil em meu braço enquanto ela passava. Ambas entraram na cozinha com passos apressados. Nenhuma das duas disse uma palavra. Que estranho. A porta balançou larga novamente e Clayton entrou por ela. Meu peito apertou, ferida pela convergência de alívio por ver ele a salvo e sabendo que ele veio para mim. Eu tinha pensado muito nesses últimos três dias e tinha tomado minha decisão. Eu só não sabia como dizer a ele o que eu precisava ouvir dele.

— Eu preciso falar com você. — Ele pegou minha mão. — Eu trouxe alguém que você vai querer ver.

— Eu não posso sair. — Eu ri. — Emma

— Tem Lynn e Marci para cobrir você. Você precisa ir lá fora comigo.

Ele comprimiu a barra de metal com seu quadril. Levando-me com ele, nós entramos em um beco estreito atrás da loja significando entregas e coletas de lixo. Eu não via nada, ou mais para o ponto, ninguém.

— Não há um modo fácil para dizer isso para você.

Minhas mãos ficaram úmidas. Quem poderia ter trazido? Se isso fosse um truque para me atrair para longe do tráfico constantemente movimentado do restaurante? Ele era o líder da colônia. Talvez ele não pudesse arriscar o entrelaçamento social com metade de Askaran.

Se eu fizesse uma cena, ele não queria testemunhas. Será que ele diria que nosso relacionamento acabou mesmo antes de começar? Tentei estabilizar minhas mãos que tremiam levemente dentro dele. Ele sabia que o meu medo era perdê-lo?

Como o pensamento de medo que eu me revolia a cada noite, ele tinha sido afastado?

— Depois que você me deixou na pousada, eu recebi uma notícia de uma legião de contado postada em Askara. Ele ouviu de um escravo no serviço de sua mãe no primeiro Tribunal de Justiça.

Eu exalei em uma corrida afiada que soprou entre nós. Nada pessoal. Negócios. Eu poderia lidar com isso. Seus polegares quentes esfregaram a minha pele. — O escravo reportou que sua mãe mantinha uma gaiola dourada na sua casa por alguns números de anos. Ela estava sempre vazia enquanto ele a atendia, mas curiosamente ele conseguiu despista-la um vez e entrou na gaiola para olhar ao redor. Linhas foram marcadas na parte inferior, como se alguém tivesse marcando tempo. — Clayton olhou para cima, finalmente encontrando meus olhos. — Alguém estava sendo mantido lá.

— Isso é incomum. — Eu odeio lembrar a cultura em que eu nasci, onde crueldade era aplaudida e o abuso era comum. — Vários da nobreza tem gostos excêntricos.

Seus movimentos lentos cessaram. — Sim, mas ele tinha uma razão para acreditar como eu, que você queria conhecer esse escravo em particular.

Minha mente esforçou-se com as explicações. Somente um homem ia ter um interesse pessoal.

— Harper? — Forcei o nome pelos meus lábios secos e eu esperava uma confirmação de Clayton.

Não admitia que ele tivesse me deixado rapidamente. Mesmo ferido, a remota possibilidade de reunificação com seu irmão deve ter estimulado a ação. — Você pensa que ele está vivo?

Clayton alcançou seu bolso e puxou o bracelete de couro trançado que Harper estava usando na última vez que ele o viu. A noite que ele não voltou para casa. Tomei o pequeno peso para minha mão, transformando e analisando meu polegar através dos nossos nomes. — Onde você pegou isso?

— Nosso informante encontrou isso escondido no topo da gaiola. Ele reconheceu os nomes e foi encontrar um contato na legião que ele confiava.

— Temos que ir buscá-lo. — Meu punho fechado envolvendo o bracelete.

— Não, nós não vamos. — Clayton bateu nos meus ombros. Cascalho esmigalhou debaixo dos meus sapatos quando ele se virou para enfrentar a pista aberta. Debrucei-me na sua força como meus olhos o capturaram Mason acompanhando meu convidado.

— Está tudo bem. — Seus dedos patinaram sobre a minha pele, consolando-me com seu calor. — Apenas lembre-se de respirar.

A abordagem de Mason foi prejudicada pelo apoio que ele ofereceu ao segundo leve quadro masculino. Ele manteve seus olhos para baixo, encarando nas proximidades dos meus pés. Seu cabelo loiro pendurou solto em torno do seu rosto com círculos escurecendo seus olhos. Sua pele parecia magra e sem cor, nenhum que eu deveria ter sido capaz de ver. Seu glamour cintilante sumiu.

— Eu não entendo.

Uma voz de cascalho emitida a partir do homem enfraquecido. — Ele te comprou um presente Maddie. — Quando eu olhei para cima, seus olhos pretos cheios acenderam em reconhecimento imediato. — Ao menos você deveria ter o devolvido para mim?

Lendo meu nome nos seus lábioa, minha boca caiu aberta. — Harper? — Perdi minha segurança em Clayton. — É realmente você? — Pisei para frente, esperançosa, mas não querendo acreditar, com tanto medo que tal fosse um truque da minha mente e não a realidade.

— Quem mais poderia ser? — Ele balançou a segurança de Mason e abriu os seus braços para mim. Eu corri para ele sem hesitação. Minhas mãos caíram em torno da sua cintura, muito magra, tão fina quanto eu lembrava. Eu senti sua espinha quando meus dedos encontraram na pequena das suas costas, como ossos quase perfurados pela pele delicada e a camisa de flanela suspensa de sua estrutura enxuta. O incenso temperado fez cócegas no meu nariz. Seu frágil coração batia suavemente abaixo da minha orelha. — Pensei que tinha perdido você.

Lágrimas quentes derramaram sobre meu rosto para embeber sua camisa com felicidade. Harper enterrou seus dedos em meu cabelo e enfiou para puxa-lo. — Eu pensei que eu estava perdido também.

Eu tomei seu amável rosto entre minhas mãos. Meus dedos do meio no plano oco das suas bochechas.

— Você estava em Askara todo esse tempo? Como você escapou?

— Na noite que eu deixei você e Emma, eu encontrei Marcus e Clayton muito tarde. A inteligência deles estava errada sobre o local. Por causa da sua ascendência, havia duas vezes o número de guardas que eles tinham esperado. Eles foram emboscados fora do reino. — A respiração chacoalhava através do seu peito. — Ajudei a carregar o Pai dos legionários feridos em segurança enquanto Clayton cobria nossas costas. Quando nós circulamos ao redor para procurar por sobreviventes, uma flecha cortou a asa do Pai.

Os olhos de Harper fecharam. — Os arqueiros tinham vantagem da sua queda livre. Até o momento que cheguei a ele, haviam dezenas de poças

perfurando seu corpo, muitas para remover com segurança. Clayton foi ferido enquanto tentava nós alcançar. A queda deixou-o inconsciente, então eu tive os legendários restantes para carregá-lo para casa enquanto eu ficava com o Pai. Ele morreu em meus braços. E eu fui capturado.

— Se não fosse por mim

— Então, uma mudança positiva não teria sido posta em movimento. — Seu glamour cintilou novamente, revelando uma figura quase esquelética com uma pele fina e negra. — Depois que eu a levei embora, Nesvia culpou sua mãe pelo seu desaparecimento. Ela havia planejado um golpe para derrubar o trono de Askara. Levaram muitos anos para reunir o apoio adequado, mas agora ela tinha isso, e não descansará até assumir a coroa. — Sua voz grossa segurou ansiosa. — Ela planeja abolir a escravidão. Será um longo caminho para a liberdade do nosso povo, mas sua irmã deu o primeiro passo.

— Eu não sei o que dizer. Eu não a conheço bem, mas eu sempre pensei que ela estivesse escondida atrás de Ridel.

Eu sorri. — Mãe deve estar lívida.

— Eu não sei. Ela desapareceu por dois meses com sua guarda privada e metade dos servos. Ela tem sido uma convidada dos Outlands desde então. — Seus olhos iluminaram com sinceridade.

— Eu mencionei isso para Clayton há poucos meses, uma vez que as coisas se assentaram, você pode entrar em contato com Nesvia. Você poderia ajudar a negociar para nosso lado. Você é meio a meio, a perfeita mediadora por nossa causa.

Eu puxei seu rosto abaixo do meu e apertei um beijo na sua bochecha. — Eu terei prazer em ajudar os outros para a sua liberdade.

Um rosnado levantou atrás de mim. Eu olhei para Clayton por cima do meu ombro, e o som retumbou no silêncio.

— Eu não acho que meu irmão goste que você esteja tão próxima de mim. — Harper esboçou um sorriso. — Mas então, ele nunca gostou.

— Madelyn é livre para fazer suas próprias escolhas.

Harper riu baixinho. — Eu tinha a esperança em cinco anos que as coisas teriam progresso. Você ainda está bancando o cavaleiro errante? Ainda cobiça as sombras?

— O que quer que eu faça? — Algo perigosamente perto do desespero ponderava suas palavras.

— Você a deixou em seu luto, como a sua viúva.

— Não era a minha intenção, irmão. Eu nunca planejei nada disso acontecer. Eu não planejei o Pai morrer, ou abandonar Maddie e Emma. Certamente você não pode imaginar eu planejando em sentar em uma prisão de ouro como um animal da rainha?

Clayton se voltou para nós. — Eu não o culpo pela morte do Pai. Eu não culpo você por qualquer coisa dessas. — Seus dedos ligados na sua cabeça enquanto ele continuava a olhar para longe.

Eu puxei meus braços de Harper e esperando que Mason contribuísse para o seu equilíbrio. Então eu andei até os dedos dos meus pés tocarem em Clayton. Ele olhou para mim. Meu pescoço voltou cruzando e colidiu nossos olhares. — Eu tenho algo para te dizer.

Sua expressão sombria se tornou grave. — Vou ouvir tudo que você tem a dizer.

Seu olhar vagava pelo meu rosto como se fosse memorizá-lo. Ele se levantou como uma placa reta. Alto, orgulhoso e machucado atrás da ilusão que ele projetava. Eu podia sentir isso. Eu sabia que ele iria oferecer seu irmão para mim, mesmo sabendo que não era isso que Harper queria. Eu só acho que ele não percebeu que eu também sabia agora. Tudo que Clayton precisava eram palavras. Um comando que ele poderia seguir como um pequeno e bom legionário que ele tinha se colocado.

Meus braços ligados em volta do seu pescoço e meus dedos cavavam como um túnel em seus cachos negros e puxava sua minha boca para baixo relutante.

Seus lábios eram apertados e imóveis, assim eu amoleci os meus para pressionar leves beijos através da costura difícil da sua boca. Eu movi minha língua para provar ele, um toque de citros. Ele gemia um som surdo que se movia através de mim, apertando meu estômago com antecipação. Eu o mordiscava, forçando seus lábios duramente contra os meus.

— Por favor, não me tente.

— Eu não quero. Eu quero que você saiba que eu fiz minha escolha. — Minha garganta apertou e lágrimas sufocaram minhas palavras. — Eu estou grata que Harper esteja vivo, e eu preciso dele para ser uma parte da minha vida.

— Eu quis dizer isso. Você é livre para fazer suas próprias escolhas. Eu não teria lhe pedido um de nós se não fosse o que você queria.

— Eu sei o que eu quero. — Eu foquei em manter o tremor da minha voz. — e ainda se Harper me quisesse, ambos sabemos que ele não quer, eu não o escolheria de forma diferente. Eu tive dias para pensar sobre tudo que você e Emma me disseram.

Engoli passando o medo de que alguma coisa nele poderia ter mudado. — Eu sou uma miserável sem você. Eu não poderia respirar com medo de que você não voltasse para mim, e encontrar Harper não muda nada entre nós.

Os olhos escuros de Clayton, dilatados, chamaram-me para ele. — Eu quero acreditar nisso. — Ele me levou para trás até que meus ombros batessem na parede de tijolo do restaurante. Seus dedos cavaram em meu quadril, alinhando-me com a parte dele a qual eu estava curiosa desde a nossa queda em Emasem. — Mas eu tenho que saber que sou eu que você quer.

Eu puxei minhas mãos ao redor da sua nuca e alisei seu peito, até chegar, no cóis da sua calça. Conectando meus dedos através do pequeno passador. Puxei-o para perto, até que eu senti o quão duro, e como ele estava pronto para me ter.

Ele baixou o rosto para a curva do meu pescoço e empurrou uma vez contra mim, gemendo, logo abaixo do meu ouvido.

— Seu irmão está vendo.

— O deixe ver.

— Você sabe, para esse homem hétero e comportado. Estou começando a pensar que você é um exibicionista.

O estalo do metal no tijolo ecoou pelo beco. Eu puxei o meu olhar de Clayton e encontrei minha irmã na porta com as mãos nos quadris. — Lynn disse que Clayton tinha uma mensagem para você. — Seus olhos focaram em meus dedos girando através de seu jeans e mergulhando em seus bolsos. — Que boba eu por não perceber que ele escondia o recado em suas calças.

O silêncio se estabeleceu em torno de nós. Coisas que eu deveria dizer rolaram rapidamente pela minha mente, mas a voz de Harper cortou através da espessada tensão no ar.

— Todo esse tempo e vocês dois ainda não aprenderam a jogar limpo?

Emma ficou rígida. Sua espinha ereta bateu e seus olhos se arredondaram. A carne da sua palma bateu na parede. Apoiada contra a parede, ela encarou ele. — Eu pensei que você estava morto.

— Eu ouço muito isso. — O canto da sua boca se contorceu. — Mas, como você pode ver, eu estou muito vivo.

— Você não entende... — Argamassa desmoronou nos seus dedos. — Nós demos um funeral. E você tem um tumulto. Tem uma marca branca porque Maddie não queria deixar você ir. Eu não queria te deixar também, mas uma de nós tinha que ser forte ou nós não iríamos sobreviver. — Ela olhou para um tijolo furado e em seguida deixou cair seu braço. — Eu não poderia pensar que você estivesse vivo. Eu apenas não podia

Seus passos instáveis fecharam a distancia entre nós. Braços estreitos atados ao redor, puxando-a para descansar contra ele. — Shh. — Seus lábios roçaram no canto do dela. — Você não tem que ser forte mais. — Ele apertou outro beijo na sua testa. — Tudo vai ficar bem.

Ele esfregou o cabelo de lado, escovando sua bochecha junto. Prata envolveu o negro dos seus olhos. Seus lábios escovavam sua mandíbula e viajava para cima da concha da sua orelha onde ele sussurrou como tinha feito na nossa ultima noite em Rihos. O que quer que ele tenha dito trouxe a coroa de sua cabeça com a rapidez suficiente para apanhar o queixo. Ele se encolheu e Emma se puxou dos seus braços.

A coordenação dela falhou quando ela afundava para trás enquanto duas mãos freneticamente procuravam fechadas sobre a porta de saída de metal. Olhei entre Harper e Emma. Ela olhou nervosa enquanto ele parecia resolvido. O que ele poderia ter dito para assustar ela?

— Estou contente que você esteja aqui — salvo. Eu quis dizer que estou contente que você está seguro. — Ela se virou larga, olhos vidrados em mim. — Preciso voltar ao trabalho. Lynn está sozinha na cozinha. Ela poderá queimar o lugar todo enquanto eu viro as costas.

Harper seguiu mais lentamente, a cada passo a frente fez suspirar e a porta rangeu quando a sua força Halfling amassou o metal em sua mão.

Está magro, o escuro Harper não pareceu se importar. Eu vi minha irmã refletida no espelho no brilho dos seus olhos predatórios e senti o chão se deslocar mais uma vez. Reconheci sua expressão era uma usada no rosto de Clayton sempre que ele olhava para mim.

Sua voz saiu um pouco mais que um sussurro. — Eu acho que você deveria ir.

— Ela está certa. — Andei para o seu lado e me dirigi ao constante avanço do sexo masculino. — Você deve descansar. Nós temos que voltar ao trabalho de qualquer forma. — E eu precisava falar com minha irmã — a sós.

Ele olhou para mim e Emma. — Quando seu turno acaba?

— Varia.

— Seu turno. — Ele parou — Quando acaba?

Ela não respondeu. Sua batalha silenciosa durou até Clayton Pigarrear.

— Eu preciso ir. Os outros estão esperando por mim na estalagem. — Ele levantou sua voz apenas o suficiente para ser escutado. — E meu irmão precisa descansar quer ele admitir ou não.

— Vamos lá — Ergui os dedos de Emma de aço apertada. — Nós ainda temos quatro horas no relógio.

Os olhos de Harper brilharam. Percebi que tinha dado a ele o que ele quis sem querer.

— O que você está fazendo? — eu tinha um sentimento que aquele brilho nos olhos dele significa problema para Emma. O sorriso torto que eu tanto amava ergueu seus lábios. — Eu não posso segurar alimento sólido. Eu tinha esperado convencer Emma a me trazer alguma sopa de tomate com manjerição depois do trabalho. Está ainda é a especialidade dela, não é? — Seu olhar deslizou de volta para Emma. — Depois de todos esses anos passados a aperfeiçoar um alimento para sua irmã exigente comer, ela deveria ser.

Emma abaixou para o corredor. — É. Espere aqui e eu trarei uma porção.

Ele franziu a testa em desculpa. — Meu corpo ainda está no horário de Askaran. Eu não acho que eu possa controlar, no entanto, mas se você esperar quatro horas nosso tempo será perfeito. — Seus dentes brilharam em um rápido sorriso. — Claro, somente se você não se importar. Eu não gostaria de ser inconveniente para você.

O rosto de Emma ficou rosa. Seus arabescos cor de lavanda brilhavam contra o blush nas bochechas. Ela limpou a garganta e manteve seu olhar incisivamente longe do homem na frente dela. — Tudo bem. Eu trago a sopa depois de fechar.

— Obrigado.

Gostaria de ter o chamado nas suas palhaçadas, mas a mão quente de Clayton acariciou meu lado e as maquinações de Harper deixaram a questão. — Quando posso te ver de novo?

— Você não ouviu? — Sorri. — Eu saio do trabalho em quatro horas. — Deixei minha voz rastejante. — Se você estiver interessado.

— Eu estou muito definitivamente interessado. — Seu sorriso era mau. — Figment e eu temos planos esta noite. Se você não está ocupada, talvez você gostasse de se juntar a nós?

Eu me levantei na ponta dos pés e pressionei um beijo nos lábios dele, selando nosso acordo. — É um encontro.

Emma deu um aperto de ferro por cima do meu braço. — Volte ao trabalho, se lembra?

Eu quase rosnei, ou talvez Clayton tenha feito. De qualquer forma, um macio hum de decepção se moveu pelos meus lábios.

— Te vejo daqui a quatro horas. — Ele moveu para o lugar para ajudar Harper para a caminhada para dentro da estalagem. Mason seguiu pelo beco, virando a esquina e fora da vista. Eu segui Emma para o salão. Quando a porta fechou atrás de nós, cavei meus saltos. Eles quiseram parar de andar ou queriam se arrastar.

Ela puxou meu braço. — Venha aqui, eu preciso voltar para a minha cozinha.

— Não. — Eu disse com o pé no chão. — Você precisa me dizer o que aconteceu lá fora. — Um arrepio passou pelo meu braço, onde ela o segurou.

— Ele está vivo. — Emma olhou para mim e a luz pegou o brilho das lágrimas seguradas em seus olhos. — Você o viu. Ele realmente está aqui.

— Sim eu vi, e ele está. — Cobri sua mão com a minha e encontrei frio. — Você não imaginaria. Ele realmente voltou para casa.

Ela acenou uma vez antes de voltar a bater no piso de carvalho. Ela deslizou no chão como tecido raspado. Sua cabeça apoiada em seus braços, seus braços através do seu joelho. Seus ombros tremiam tanto que ela parecia balançar no lugar.

Cai de joelhos ao lado dela. — Você está bem? — Ouvi seus pulmões se encherem de ar e forçarem a saída de um soluço abafado. Toquei seu ombro. — Emma?

Quando eu ergui seu rosto dos seus braços, havia uma mancha de sangue no seu lábio inferior onde ela tinha mordido tentando segurar suas lágrimas. Corri para a cozinha e peguei uma toalha, parando o suficiente para molha-la. Caindo agachada ao seu lado, enxuguei os olhos e a boca. Quantas noites ela tinha feito isso?

Machucada desse jeito e nunca disse uma palavra?

— Você deveria ter me contado. — Eu sentei do lado dela, escovando seu cabelo de seu rosto.

Emma bufou. — Por quê? Você pensou que estava apaixonada por Harper. Eu não poderia contar a você que eu o amo também. Você iria me odiar por isso.

Eu me afundei no chão ao lado dela até que nossos quadris se encontraram. Então eu a alcancei mais e quebrei a linha tensa do corpo dela, puxando sua cabeça para descansar no meu ombro e passei meus braços ao

redor dela. – Você está certa. – Eu concordei com relutância. – Eu estava envolvida na minha própria dor para perceber que você estava sofrendo também. – Beije a sua testa. – Você sempre foi tão forte.

Sua respiração aqueceu meu pescoço. – Maddie, eu não quero mais ser forte. Estou tão cansada.

Eu a abracei mais perto ainda. – Você não tem que ser. Estou bem graças a você. Está na hora de focar no que você quer. — Parei. – O que vai fazer você feliz?

— Eu não sei. Eu realmente nunca pensei sobre isso.

— Que tal Harper? – ela estremeceu com a menção do seu nome. Eu tive que perguntar, — O que ele disse para você lá fora? – Seus dedos ligados e apertados até brilharem em branco. – Ele disse que esperou tempo suficiente.

Ela engoliu. – ele disse que iria me reclamar.

— Isso não é uma coisa boa?

Sua cabeça balançou. – Eu pensei que ele estava morto. Eu tive encontros com homens... – sua voz silenciou — ...eu fiz coisas.

A umidade quente saturou minha camisa e a pele abaixo da sua bochecha. – Coisas que ele vai odiar.

Eu agarrei seu queixo entre meus dedos, forçando-a a olhar para mim. – Você não pode acreditar nisso.

— Eu não deveria ter desistido tão facilmente. Eu deveria ser mais como você. Se eu tivesse segurado mais um pouco mais.

— Pare com isso. — Eu agarrei seus ombros e sacudi. — Se você tivesse sido como eu, nenhuma de nós teríamos sobrevivendo. Você é a única que faz funcionar o restaurante, paga nossas contas e manteve o teto sobre nossas cabeças. Você nos salvou tanto como Harper fez. Ele saberá disso. Ele não vai guardar esse tempo separado contra você.

Ela continuou a olhar para o chão.

— Se você quiser, eu posso pegar a sopa para o Harper quando me encontrar com Clayton. — Eu sorri enquanto ela não pode ver. — Dana está lá. Tenho certeza que ela não se importará em ajudar um velho conhecido.

A cabeça de Emma estalou. Suas tatuagens violetas brilhavam contra o rosto vermelho. — Você não é engraçada. Seus lábios viraram-se no canto.

Eu lhe dei um empurrão. — Vamos lá. Você não tem que decidir nada hoje. — Levantei e estendi minha mão para ajudá-la. — Ele está a salvo. Isso é o que importa. O resto vai ficar no lugar.

Ela me empurrou para trás. — Você está certa. — Ela enxugou o rosto com suas palmas das mãos e colocou seu glamour no lugar. — Não é como se ele possa me obrigar a fazer algo que eu não quero certo?

Eu tossi na minha mão. Se Harper tinha se estabelecido a pedido dela, eu duvidava que nada iria impedi-lo. O homem não é nada se não determinado. — Certo.

Capítulo catorze

Emma se recusou a subir a escada, então eu a deixei em pé na grama úmida com seus pés distantes a uma largura de ombros. Suas mãos cruzadas sobre a Tupperware marcada com seu nome em negrito como se Harper ousasse a não devolvê-lo. Seus lábios estavam em uma teimosa linha, seu olhar aguçado se dirigia para a claridade de um janela do segundo andar. Eu não sabia que ela queria entrar em alguma prática ou se ela realmente tinha visto alguém lá em cima.

O painel de madeira tamborilava sob meus dedos. Segundos depois, Dana abriu a porta. Seu olhar caiu sobre mim e depois para Emma. — Harper mencionou que você estava vindo. É isso a sua sopa? Ele perguntou se você poderia levá-lo ao seu quarto quando chegasse. — Dana abriu a porta, continuando fingindo que eu não existia, o que me agradou muito. Sua calcinha estava em estado permanente de torção e eu não estava disposta a oferecer qualquer assistência.

Emma apertou o recipiente com uma carranca, a vedação desapareceu quando a tampa saio do lugar, ela se surpreendeu e forçou a tampa a voltar no lugar. — Será que ele acha que eu vou alimentá-lo com uma colher também? — Ela deu alguns passos relutante para frente, o que indicava que eu deveria ter entrado antes que ela me seguisse para o saguão. Dana fechou a porta com um clique suave. — Madelyn, me desculpe, mas sobre o que você veio fazer vai ter que esperar. Emma estará lá em cima com Harper e eu estou realmente no meio de algo.

— Sinto muito, mas Clayton me pediu para encontrá-lo aqui. — Ela fez uma pausa. Saída do trabalho, eu cheirava a fritas francesas e usava manchas vermelhas de sopa na camiseta e jeans. Ela cheirava a algo florido e

usava calça preta com um top azul que acentuava a figura que você nunca adivinharia que produzira três meninos de uma só vez.

—Tudo bem. — Ela se afastou. — Você pode esperar por ele aqui no lobby se quiser. — O trio de garotos em questão rompeu a sala quase em uma deixa ao pensamento.

O elenco de Parker chutou uma caixa cheia de embalagem de amendoins e jornais. Todos derraparam até parar e olharam timidamente. — Desculpa mãe —, eles disseram enquanto cada menino agarravam pedaços de isopor em direção ao peito. Então eles viram Emma. — O que você está fazendo aqui? — Ben puxou-a ansiosamente, enquanto ela subia a manga.

— Eu vim para deixar um pouco de sopa para Harper. O que vocês garotos estão aprontando?

— Mason vai nos levar a um jogo de bola.— Sua voz levantou-se com excitação. —Todos os homens estão jogando no campo atrás da nossa escola. Só que ele não pode porque ele prometeu nos levar. Ele disse que se nós nos comportássemos ele até mesmo compraria os nachos. — Dana balançou a cabeça em uma espécie de forma resignada. — Os meninos sempre serão meninos —, ela disse baixinho.

— Isso é ótimo, meninos. — Emma olhou através deles para a estreita escada que levava aos quartos do segundo andar. Ela empurrou sua atenção de volta para as crianças. — Lembre-se de suas maneiras e sejam bonzinhos com o Sr. Mason.

—Nós iremos.

Cada menino fizeram uma curva para abraçar Emma. Em seguida, cada um ficou parado por uma simples fração de um minuto o que resultou em sua mãe

apertar suas bochechas. Eu avaliei o trio de descuidadas ondas jogadas sobre seus ombros.

Enquanto Dana introduzia os meninos para fora, para seu acompanhante, e Emma pegava a tampa da Tupperware, a incorreção da sala chamou a minha atenção. Caixas foram empilhados por toda parte. Os espaços em branco nas paredes me chamou a atenção para onde uma vez retratos estavam pendurados. Retratos de família eu recordei. Cortinas foram puxados para baixo ou para o lado, abrindo a sala para o lado de fora. Ela poderia estar planejando remodelar. Olhei para o caixa mais próxima, então me endireitei, me reprovando e movendo longe da tentação.

— O que são essas caixas?

Dana foi até a caixa mais próxima. Ela começou a embrulhar as figuras de cerâmica em jornais e classificá-los.

— Os meninos e eu estamos deixando a cidade. — Eu parei em meu caminho e girei para encará-la, tentando manter a minha mandíbula fora do chão.

— Para onde você vai? Porque você vai?

— A notícia da tentativa de ascensão de sua irmã ao poder, significa que mais resgates podem ser feitos sem ser detectado. — Ela deu de ombros. — Está cidade está lotada. Eu não acho que quando Marcus começou a colônia, ele jamais imaginou que seus filhos seriam tão bem-sucedidos em preenchê-lo. — Ela alisou a mão por toda a mesa de check-in no canto. — Tenho registrado centenas de Evanti e suas esposas, mas agora é hora de seguir em frente. Iniciar uma nova colônia, uma nova vida para eu e os meninos.

— É seguro? — Pensando bem, a pergunta era um idiota. Clayton nunca permitiria que alguém seja prejudicado em sua vigilância.

Ela dobrou um cobertor e o colocou dentro de uma caixa aberta. — Clayton nunca enviou ninguém sozinho, sem proteção. Ele designou Dillon e alguns outros machos para ir a frente e garantir a propriedade e suprimentos que precisaremos para começar. Devemos ter ido dentro de uma semana, tendo três das maiores famílias e meia dúzia de machos não acasalados.

Emma não parecia surpresa. Eu tinha sido a única deixada de fora das informações. Pela primeira vez, isso me incomodou. Eu tinha sido despertada. Eu queria uma participação na vida das pessoas ao meu redor, bem como o meu próprio. Resolvi evoluir através de mim. Não mais ficar nas bordas. Começando com Dana, que só podia fazer interação com todos os outros, o que era muito mais fácil.

— Isso é por causa de mim e Clayton?

Ela amassou uma bola de papel. — Sim e não. — rodeando a mesa, ela se deixou cair no sofá com estampas florais e bateu na gorda almofada ao seu lado. — Eu não tenho sido muito gentil com você. Não realmente.

Eu aceitei o lugar que ela ofereceu e, procurando lá no fundo, eu tentei. Esquecer nosso último encontro seria impossível. As palavras que ela disse com raiva e a quase real necessidade que eu tive de quebrá-la como eu uma vez eu fui quebrada, havia feridas abertas entre nós. Eu empurrei isso de lado para contemplar depois e me baseei no núcleo comum de decência que Emma tinha instigado em mim.

— Eu não tenho sido exatamente bondosa com você, também. — A terra não parar de girar. O céu não caiu. Eu me animei. Essa coisa de coexistência pode ser factível. — Posso te perguntar uma coisa? — Os olhos azuis de Dana encontraram o meu.

— Eu acho que sim.

— Você está falando sério sobre Clayton?

Eu me mudei no sofá, querendo culpar o sentimento de desmoronamento na minha garganta, sobre as almofadas macias demais. Eu não tinha idéia de onde esta conversa iria chegar, mas isso não parecia ser bom. — Sim, eu estou.

Seus ombros relaxaram. — Então há algumas coisas que você deve saber, e ele está relutante em lhe dizer. — Ela passou a palmas da mão pelas pernas de suas calças.

Emma se expressou a encorajando. — Dana, você está fazendo a coisa certa em dizer-lhe. Ela precisa saber tudo, e você sabe que ele não irá lhe dizer qualquer outro segredo. Nem mesmo a custo de sua reputação, ou a relação deles.

Dana acenou com a cabeça enquanto apoiava as palmas das mãos sobre os joelhos. Sua precipitada admissão me surpreendeu. — Meus meninos estão de acordo com Clayton. — Eu não conseguia ouvir sobre o bater irregular do meu coração na minha orelha. Eu segurei minha respiração para fazê-la lenta o suficiente para que eu pudesse ouvir novamente.

A fria mão de Dana cobriu rapidamente a minha. — Mas eles não são seus. — Ela esperou uma batida e olhou de volta para Emma. — Ou Harper para esse assunto.

Engoli o ar em seco para alimentar meus pulmões famintos. Eu não sabia que eles não eram de Clayton, ele não me disse muito e eu acreditei nele. Mas Harper, — eu não tinha certeza. Não é nada sobre o que ele estava preocupado. — Posso perguntar quem é seu pai?

Eu já tinha visto seus filhos, sem glamour. Todos eles compartilhavam uma marca de nascença, eu não tinha conhecimento até procurar recentemente.

— Seu pai era Marcus Delaney.

— Wow —. Falando sobre romances de verão / inverno. Engoli minha surpresa. — Mas você estava casada com outro homem.

— Eu estava. — Dana estudava um anel de ouro branco ao redor do seu dedo. — Eu não estou orgulhosa do que fiz, ou como eu me comportei depois, mas Marcus era uma força da natureza. Carismático, bonito, gentil, e ele me amava. — Ela torceu o anel. — Quando eu descobri que estava grávida, eu não sabia o que fazer. Meu marido estava tão feliz. Sua excitação cresceu quase tão rápido quanto meu estômago. — Ela enxugou uma lágrima perdida.

— Mas eu amava Marcus e queria estar com ele. Queríamos que as coisas estivessem resolvidas antes dos meninos nascerem, então eu sabia que não poderia adiar por mais tempo. Nós planejamos tornar tudo limpo na mesma noite, depois que eles retornassem de Askara. Só que eles nunca voltaram para casa. Meu marido morreu na mesma incursão, que pensávamos ter custado Harper, e assim fez Marcus.

— Eu não sabia. — Lembrei-me do comentário de Clayton sobre encontrar Harper como uma criança em Rihos. — Os colonos conheciam que as crianças não eram de seus maridos, não é? —
— Suas asas. — Ela assentiu com a cabeça. — Eles são obviamente Delaney. Seu riso era suave e triste. — Vou casar com um homem Evanti e eu esperava mais uma vez, assim como você. Eu deveria ter feito o meu trabalho através da colônia, mas eu sabia que não poderia ir completamente com ele.

— Então você usou Clayton como sua cobertura. — Eu trabalhei com essa linha de raciocínio. — O padrão cruzado iria corresponder. Todos iriam supor que você teve um caso com ele e que vocês ainda estariam juntos invés de pressioná-la em uma nova combinação.

Ela assentiu com a cabeça, pegando nas pregas de seu terninho. — Em algum momento eu comecei a acreditar na minha própria propaganda, mas no fundo eu sabia, ele nunca tinha se importado comigo dessa maneira. Eu tenho vergonha do que eu o fiz passar, mas usar ele foi mais fácil do que admitir as mentiras. — Ela olhou para cima. — Depois de alguns meses, quando eu consegui pensar além do sair da cama todos os dias, falei com Emma. Ela explicou sobre Harper e Clayton. — Ela ofereceu um culpado sorriso. — Era mais fácil deixar os esqueletos nos nossos dois armários. Você tinha proteção como escolhida de Harper, e eu tive mais alguns anos de paz.

— Dana, isso é o suficiente. — Nós duas olhamos para cima para encontrar Clayton em pé. Ele poderia ter sido um fantasma por todos os ruído produzido pela sua aproximação. Poucos outros machos o flanqueavam. Eles devem ter ouvido nossa conversa também. Dana levantou do sofá, com as faces coradas e voltou a empacotar. Clayton continuou a frente até que ele pode se curvar e oferecer-me sua mão. Puxando-me para ficar de pé, ele parou antes de beijar-me, o que não fez muito, afinal. Eu fiquei nas pontas dos pés e encostei os meus lábios contra o seu, tão quente e macio, acolhedor.

Emma suspirou. — Eu poderia muito bem acabar com isso. — Ela parecia como uma criança que tinha encontrado sujeira em seu pirulito. Ela se dirigiu a escada. A batida constante de seus pés relutantemente subiam de volume a cada passo.

— Você está pronto para ir?

Noite escurecia as janelas sem adornos. — Não estou certa o quão bom será, eu estar com você no escuro, mas eu jogo qualquer coisa que você tenha planejado.

— Confie em mim. — Sua boca encontrou a minha mais uma vez.

Não era uma coisa fácil de fazer. Acho que alguma parte de mim sempre teve. Ele abordou a pequena assembléia. — Dillon sabe o caminho para o jantar e para o cinema se algum de vocês sentirem vontade de uma aventura. — Um sorriso lento apareceu em seus lábios. — Eu vou estar de volta amanhã. Tarde.

Os músculos do meu estômago se apertado. Eu acho que devo ter segurado minha respiração porque a sala girou um pouco. O que quer que ele tenha visto em meu rosto me rendeu outro beijo e outro desses lentos sorrisos. Ele me levou até o jipe e me ajudou a entrar, em seguida, passaram as luzes da cidade até que a noite engoliu a minha visão. Sem nada para fazer ou ver, eu descansei minha cabeça contra a traseira de meu banco e fechei os olhos, encontrando a vista muito parecida da anterior.

A próxima coisa que eu sabia, eu estava sendo sacudida por uma suave mão no meu ombro. Eu resmunguei, esfregando os olhos enquanto os abria.

— Acorde bela adormecida —, brincou Clayton. — Não se mova. — Como se eu tivesse uma escolha. O Jeep tremeu quando sua porta se fechou. Um momento depois, ele estava ao meu lado, abrindo minha porta e me ajudando a sair. Seu braço pendurado em volta da minha baixa cintura, enterrada debaixo da minha camisa para tocar a pele enquanto ele me conduziu através da escuridão.

Depois de um momento, eu experimentei uma a estranha sensação. Como se eu entrasse em uma teia de aranha e precisasse parar para limpar

meus braços com as mãos. O zumbido baixo de energia do ambiente acariciou-me.

— O que é isso?

— Essa é a razão que me trouxe aqui esta noite. — Seus dedos afundados em meu quadril. — Uma das razões.

Eu tremia enquanto caminhávamos e o sentimento de poder aumentando. Minha pele estava hiper consciente, formigamento pelo fluxo de magia através dele.

— Há uma árvore caída a esquerda. Basta sentar-se. Eu te guiarei. — Sentei-me, aliviada por correr minhas mãos sobre a grossa cobertura da casca do tronco. Senti-me muito mais à vontade com os meus pés firmemente plantados no chão e minha bunda liquidada no tronco. Isso me deu algum sentido do que me rodeava.

— Você fez isso. — Você fez isso.

Olhei ao redor para fora do hábit e, em seguida, lembrei-me que não podia ver Figment de qualquer maneira. — Eu imagino onde você está. — Ainda imaginando, na verdade.

— *Eu estive ao redor, principalmente espreitando.* — O som de sua voz foi abafado, quase como se ele estivesse falando através de um tubo. — *Mágica é um ofício muito preciso, você sabe.*

— Não, eu não sabia. Eu não tenho qualquer tipo de magia própria. — Eu nunca tinha visto nada fora do que o glamour pudesse realizar, então eu estava curiosa.

— O que exatamente você está fazendo?

— *Clayton não te contou?*

Ouvi-o à minha direita. — Eu queria que fosse uma surpresa.

— Eu não gosto de surpresas. — Não, quando você considera o tipo que eu tenho recebido recentemente. O tronco mudou debaixo de mim, curvando-se sob o peso adicional quando ele se sentou ao meu lado. — Você vai gostar deste.

Inclinei-me, tentando encontrá-lo no escuro. — Posso fazer uma sugestão?

Ele capturou minha mão que estava o buscando e levou os dedos aos seus lábios para beliscar as pontas. — Figment está tecendo um protetivo glamour sobre o local da nova colônia, que é onde eu trouxe você.

De repente eu tinha muito mais respeito pelo poder detido dentro de seu estranho corpo.

— Isso deve tomar um monte de poder.

— Sim, isso é porque ela usa o dela com moderação. — Sua voz sumiu quando uma esfera de luz dançou para nós. O minúsculo orbe parou e ficou pouco acima dos meus joelhos.

— Terminei de tercer —. Brilho regava meu colo. Eu ouvi um bocejar em sua voz. — Este lugar é maior do que o anterior. Devo ir descansar. Uma noite segura para vocês dois.

— Obrigado. — Ele levantou a bola, tocou suavemente através dele, e a enviou na ligeira brisa.

— Tchau —. Assisti seu aceno de concordância e continuou seu caminho. Quando ela a luz se foi eu disse. — Então, é por isso que viemos?

Ver Figment sem forma foi bem legal, mas não valia exatamente o valor da viagem.

— Não é por isso que estamos aqui. — Sua voz profunda. — Venha mais perto. Arrepios se espalharam pelos meus braços, mas eu fiz como ele pediu e me movi até que senti o calor subindo pelo seu corpo.

— E agora?

— Venha um pouco mais.

Quando eu comecei a me mover, ele agarrou minha cintura e me tirou o equilíbrio. Eu estava me preparando para o impacto, ainda não tendo certeza onde exatamente nesse vazio eu estava indo, só para cair pra baixo com um — oomph — em um rígido macho. Ele resmungou, mas me sentou em seu colo e colocou minhas costas em seu peito. Seu queixo descansado no meu ombro, enquanto ele pegava minha mão e as colocava em meu colo.

— Você está pronta?

Engoli em seco. — Sim. — Ele esfregou minha garganta, puxando meu cabelo de lado para morder a pele ali. — Bom, porque o show está prestes a começar.

— Que show?

Quase como uma deixa, uma nuvem obscura de incandescência se estendeu através do céu, encerrando tudo em uma pálida e pulsante luz. Pequenas faíscas choviam em torno de nós, envolvendo agradavelmente

quando pousavam em minha pele. Tudo tocado pela magia de Figment piscava suavemente.

Olhei sobre meu ombro, finalmente capaz de ver Clayton no fraco brilho.

— É lindo. — Debrucei-me contra ele. — Obrigada por compartilhar isso comigo.

Sua resposta foi um rosnado baixo enquanto seus quadris se deslocavam abaixo de mim, trazendo minha atenção de volta para sua óbvia excitação. Inclinei-me contra ele, e seu coração batia constantemente contra minhas costas.

Devagar, ele pulsava ao mesmo ritmo, cada vez mais rápida e firme abaixo de mim.

— Eu quero você. — Suas mãos moldaram minhas costelas, os polegares provocando a macia parte inferior de meus seios através do tecido de minha camisa. — Tanto que às vezes dói.

Eu balancei meus quadris em seu colo, encorajando-o. Suas mãos foram pra baixo para me segurar no lugar. Eu tentei me mexer, mas ele me segurava apertado.

— Eu fiz algo errado?

Suas mãos suaves. — Não. — Ele me deu uma mordidinha onde o pescoço encontrava o ombro. — Você é perfeita.

— Então por que você me parou?

— Se fizermos isso esta noite, eu não vou deixar você ir embora na manhã seguinte.

Seus dedos acariciaram meu lado, logo abaixo da barra da minha camisa.

— Você deve estar certa de sua escolha.

Certeza cantou pelo meu corpo. Saber que ele estava pronto para mim e sentir a sua crescente necessidade abaixo de mim foi mais inebriante do que qualquer outro feromônio.

Ele escorregou para o chão comigo. Eu olhei para o seu rosto, iluminado pela sobrecarga de cintilação, e peguei seu rosto entre as minhas mãos.

— Tenho certeza.

Ele me deixou puxá-lo para baixo para um outro lento encontro de lábios, mas eu precisava de mais. Mais pele, mais dele. Meus dedos se atrapalharam sobre os botões de sua camisa, ansiosamente puxando a blusa pra ficar livre de dentro da calça e tirando a camisa partir de seus braços.

Eu me inclinei o mais longe quanto eu podia e esfreguei meu rosto pelo seu peito, provocando o piercing de seu mamilo com a minha língua. Um lento movimento das minhas unhas para baixo em seu bem musculoso peito, eu fui para baixo até que encontrei o botão da calça e trabalhei para deixá-lo aberto. Descendo o zíper para baixo, eu coloquei minha mão por baixo do elástico de sua boxer. Meus dedos desceram através dos cabelos crespos para encontrar a sua ereção. Acariciei-lhe uma, duas, em satisfação com movimento de delicada pele sobre a rígida masculinidade. Quando eu peguei seu saco, o peso quente encheu minha palma. Seu corpo era uma curiosa mistura de texturas. Queria explorar mais dele.

— Madelyn. — Seu rouco sussurro disse que queria que eu parasse, mas as tensas linhas de seu corpo, dizia o contrário. Ele capturou minhas curiosas

mãos com as dele. Seus sapatos foram expulsos na grama, depois de suas calças. Ele me puxou para cima enquanto abria minhas pernas e puxava minha camisa pela cabeça. Seus ágeis dedos abrindo meu sutiã e o jogaram fora, atrás de mim. Ao mesmo tempo, seus escuros olhos nunca deixaram os meus, talvez sentindo que eu precisava dessa conexão com ele. Quando ele chegou no meu jeans, eu me deitei de volta e o ajudei a se livrar da roupa que estava entre nós.

Ele se apoiou em cima de mim com uma mão plantada no chão, bem ao lado da minha cabeça. Seu peito encostado no meu e eu gemi no nosso primeiro toque de pele nua com pele nua. Ele engoliu em seco ao som, me deixando com fome, desesperada para sentir a sua hábil boca em outras partes do meu corpo.

— Me diga que eu posso te tocar.

Eu lambi os lábios secos. — Por favor..., me toque.

Sua escura cabeça abaixou, beijando toda a minha clavícula até que seus ávidos lábios encontraram a ponta do meu seio e puxou-a no úmido calor de sua boca. Seus dentes puxaram o pico endurecido e eu arqueei para ele, incapaz de parar a reação do meu corpo. E isso não foi a única coisa. Em baixo, senti-me diferente, molhada e macia, pronta.

Com um redemoinho final de sua língua, Clayton pegou o pequeno monte na palma da mão e apertou. — Você não sabe quanto tempo eu venho imaginando isso. Estar com você dessa maneira.

Ele esfregou o rosto entre meus seios enquanto seus dedos comprimiam as pontas até que eles endureceram contra suas as mãos. Seus lábios deixavam um rastro de beijos de luz da minha barriga para o meu umbigo. Quando sua inteligente língua se afundou para dentro, eu subitamente me movi abaixo dele.

Ele continuou a sua trajetória descendente, com um foco que me deixava nervosa.

O quanto mais ele descia, mais eu me contorcia e me movimentava rápido para tentar acompanhá-lo.

Ele riu baixinho. — Você tem que ficar parada.

— Eu não posso.

— Ou não quer? Você não gosta da sensação disso? — Seus dentes afiados fechados sobre o osso do meu quadril. Um suspiro ofegante foi tudo o que pude gerenciar. Eu temia a lenta queimação que se surgia perto de onde seus beijos se aproximavam. Algo me disse uma vez que ele chegara ao seu destino, ele sabia exatamente o quanto eu apreciei sua administração. Calor brilhou nas minhas bochechas. Suas mãos suavizando e sob o meu quadril até que ele agarrou a minha bunda em suas grandes mãos. Minhas pernas extremamente abertas, expondo o meu centro ao seu ávido olhar.

— Relaxe, *Deshiel*. Eu pararei quando você me disser para fazer .

Minha garganta se manteve fechada sobre o protesto que eu sabia que deveria ter feito. O pensamento de Clayton como meu companheiro, treinando meu corpo para responder aos seus desejos, me fez tremer em suas mãos. Medos do que poderia ter sido se tivesse permanecido em Askara dissolvida sob seus macios lábios.

Dever não tinha lugar nisso. Só desejo alimentando a seqüência de beijos indo para baixo, onde qualquer homem jamais havia tocado. Ele me queria, e não o trono ou a coroa ou o título que já não me aborrecia. O súbito movimento quente de sua língua nas minhas dobras, me fizeram cravar meus cotovelos na terra e empurrar meus ombros livre do solo. Seus dedos

seguraram mais apertado quando ele olhou para cima e resmungou como um predador interrompido de sua festa.

— Eu não acho que você deveria fazer isso.

Minha respiração ofegante enquanto seu rosto encobriu-se com o desejo. — E estou certo que eu deva. — Sua expressão suavizou um pouco antes de abaixar a cabeça. Sua língua entrou-me outra vez e minhas pernas bateram fechado por impulso, travando seu rosto entre as minhas coxas. Ele cantarolava contente, confundindo minhas descoordenadas reações com encorajamento. Talvez eles sejam. Ele escorregou uma mão por debaixo de mim para participar com sua boca na sua qualificada tortura da minha carne tenra. Ele molhou um de seus dedos dentro de mim, e eu ofeguei e rolei meus quadris para sua palma. Meu músculos tensos, implorando por algo mais que ele não me dava. Seu curioso dedo parou perto de uma marca invisível.

— Por favor —, implorei. — Eu preciso de mais.

Ele se obrigou inserindo um segundo dedo e bombeando mais como a língua levando a pulsação no meu centro desesperadora. Um empurrão final e o prazer, me superou. Meus cotovelos escorregaram debaixo de mim. Minhas costas bateram no chão enquanto meu corpo estremecia e se contraía em torno de seu dedo e língua. Minhas pernas tremendo, caídas abertas, e ele se mudou para a posição entre elas.

A tempestade em seus olhos azuis acinzentados, se intensificaram, escurecendo segundos antes da prata engolir sua pupila. Sua pele escureceu, tomando a mesma tonalidade da noite bem na frente da nossa bolha de iluminação aconchegante. Então ele se inclinou para trás para olhar para mim.

— Como você me quer?

— Eu — Eu não tinha idéia de como responder a isso.

O glamour de Clayton saiu enquanto suas pesadas asas arqueavam em cima de mim, rubor na fina pele brilhavam com sua intenção. Sua completa pele escura foi para um tom perfeito de ébano. Para um completo segundo eu não conseguia respirar. Suas asas se esticaram e se flexionaram longe de suas costas. Quando um arrepio passou por ele, eu respondi com umidade, onde seu corpo encontrava o meu. Minha cabeça virou automaticamente para permitir que os meus olhos seguissem cada movimento de suas grandes asas vermelhas.

— Eu acho que isso responde a minha pergunta.

Eu esperava que isso fizesse, porque a minha boca se transformou em algodão, enquanto suas asas graciosamente balançavam atrás dele. Eu tinha que tocar em uma. Eu percorri, alisando toda a pele coriácea. Clayton gemeu e sua cor intensificou.

Eu olhei. Eu não podia evitar isso. Com Clayton ajoelhado entre as minhas pernas, suas asas abertas e implorando minha atenção, ele era lindo. Eu nunca iria esquecer esta noite, esta reivindicação. A forma séria como ele procurou meus olhos para me assegurar ou como seu corpo parecia muito maior contra o céu da noite ainda acesa pela cauda do cometa que atingia a terra.

Minhas mãos se enterraram em seu cabelo e o puxei para um beijo. Seu peso trocou, músculos mudando de forma onde suas coxas separaram as minhas. Ele suspirou quando se empurrou de encontro a mim, esfregando seu pênis em meu sexo. Quadril empurrando até encontrá-lo, eu dei uma tensa risada onde seu rosto pressionava contra o meu.

— Eu necessito estar dentro de você.

Serpenteando a mão entre nossos corpos, Clayton se guiou para o meu centro. A cabeça lisa de sua ereção me procurando, tão mais quente que o resto de seu corpo enquanto ele cutucava a minha entrada. Seus quadris tomaram posição, na preparação para a entrada. Seus lábios encontraram meu ouvido.

— Eu te amo Maddie. Desde a primeira vez que vi você nos jardins de Rihos, eu sabia que você seria tudo o que haveria para mim.

Suas asas se abriram, enchendo o céu atrás dele com a sua plenitude vermelha. Não conseguia me concentrar quando eles se moviam dessa forma, não poderia ajudar senão observar a sua dança. A tensão fez um lento e regular barulho através de seu corpo, lançado desse momento de desorientação, ele deslizou dentro de mim, quebrando minha barreira virgem. Engoli em seco quanto a dor e o prazer se fundiram, arranhando suas costas com minhas unhas.

— Você me enganou.

Eu deveria ter sabido que ele teria pensamentos cuidadosos, para este momento. Cada suave movimento o empurrava mais profundo. Meu virgem músculo se tencionava contra a deliciosa invasão.

Sua rouca risada terminou em um gemido quando eu me movi abaixo dele, tentando me aproximar e, acidentalmente, enrijecendo o meu músculo interior ao redor dele. Ele descansou a testa no meu peito. — Eu queria ir devagar. — Ele deslizou para fora em pequenos graus, em seguida, bateu no meu centro.

— Eu queria que isso fosse bom para você.

Agarrei sua bunda e enfiei minhas unhas.

— Então se mexa.

A entrada e retirada de seu corpo no meu era enlouquecedora. Ele agarrou minhas pernas em volta da sua cintura, me abrindo mais para uma profunda penetração. E então tomou. Seus movimentos se tornaram mais duros, prolongados. Sua respiração ofegante correspondia a minha.

— Clayton. — Eu queria dizer as palavras, necessitava dar-lhe de volta antes deste ato final nos juntasse. Tomou uma respiração irregular .

— Você não precisa dizer nada.

Ele empurrou mais forte agora. Minha cabeça rolou para trás. Eu não conseguia pensar além do prazer. A pressão aumentando até que eu soube que algo irrevogável estava prestes a acontecer. Eu precisava contar a ele o que ele significou para mim, mas já era tarde demais. Gritei seu nome enquanto meus músculos se apertavam em todo o comprimento rígido dele.

Acima de mim, ele rosnou e cresceu dentro de mim. Suas costas rígidos, músculos tensos quando sua respiração saiu correndo pelos seus lábios. Quentes jorros preenchiam meu estremecente interior quando ele gozou. Ele deixou cair seus antebraços no chão, descansando com os nossos corpos ainda juntos, alinhado da cabeça aos quadris. Ele tirou uma mecha de cabelo umedecido com suor dos meus olhos. Ele estava quieto, e eu não gostei. O momento foi perdido e eu não sabia como trazê-lo de volta.

— Clayton.

Ele me cortou com seus lábios roçando minha têmpora.

— Você é minha. Isso é suficiente por agora.

Mas não foi o suficiente. Não para mim, não para qualquer um de nós. Eu não poderia pensar em mais nada que fazer, então eu fiz a única coisa que nunca falhava para chamar a atenção de Emma. Eu o belisquei. Ele se empurrou para trás, quando se assustou com o meu ataque assim como eu.

— Para o que foi isso?

— Por ser tão malditamente bom em me aceitar, por estar disposto a não se manifestar quando você merece algo melhor. Você me disse que me amava.

— E eu te amo.

— Então você vai calar a boca e ficar quieto o tempo suficiente para eu dizer a você que eu também te amo.

Ele piscou, ainda esfregando o local dolorido. Então covinhas perfuraram seu rosto. — Posso ouvi-lo novamente?

— Eu te amo, Clayton Delaney, e você está preso comigo agora pois eu afirmo que você é o meu macho, assim é meu direito. — Seus lábios estavam curvados para cima antes de cobrir o meu. O show de luzes apagou para nos deixar na escuridão. Como o último vislumbre deixando o céu, eu puxei seu peito de volta ao meu, sentindo o mexer dentro de mim enquanto eu respirava o cheiro de macho e sexo.

Meu macho e a primeira de muitas vezes que eu planejei deitar com ele esta noite.

FIM.

A série Daughters of Askara, 02 : Ebermine

Tradutores

Lud

Sabrina

Leticia

Virginia

Juliana

Revisor

Mony e Alice

Revi Final

Lud

Formatação

Lud

Extras

Site da Autora: <http://haileyedwards.net/>





*A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo
a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.
Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs !!!
A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos!!!*

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

Skoob

<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/155912>

Blog

<http://traducoesafterdark.blogspot.com/>

U All Creatures of the night get together After dark V

